



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS**

ELIZABETH ABREU DE SOUSA SANTANA

**O PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA: TURISMO ARQUEOLÓGICO
NO MUNICÍPIO DE SÃO RAIMUNDO NONATO/PI**

FORTALEZA - CEARÁ

2016

ELIZABETH ABREU DE SOUSA SANTANA

O PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA: TURISMO ARQUEOLÓGICO
NO MUNICÍPIO DE SÃO RAIMUNDO NOTATO/PI

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados e Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Gestão de Negócios Turísticos.

Área de Concentração: Negócios Turísticos.

Orientadora: Dra. Luzia Neide M. T. Coriolano

FORTALEZA - CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Santana, Elizabeth Abreu de Sousa.

O Parque Nacional da Serra da Capivara: turismo arqueológico no município de São Raimundo Nonato/PI [recurso eletrônico] / Elizabeth Abreu de Sousa Santana. - 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 158 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Gestão de Negócios Turísticos.
Orientação: Prof.ª Ph.D. Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano.

1. Parques Nacionais.. 2. Serra da Capivara.. 3. Turismo Arqueológico.. 4. Destino Indutor.. 5. Unidade de Conservação.. I. Título.



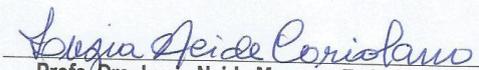
Universidade Estadual do Ceará - UECE

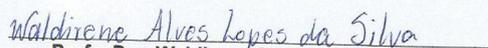
Instituto de Estudos, Pesquisas e Projetos da UECE - IEPRO
Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos

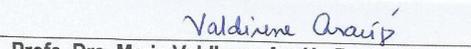
DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins e prova, que **ELIZABETH ABREU DE SOUSA SANTANA**, aluna do Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Estadual do Ceará – UECE, defendeu em **29 de Fevereiro de 2016** a sua Dissertação intitulada: **“Parque Nacional da Serra da Capivara: Turismo Arqueológico no Município de São Raimundo Nonato/PI”**, obtendo conceito **Satisfatório**.

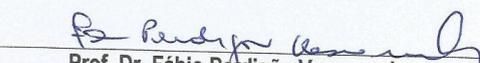
Membros da Comissão Examinadora:


Profa. Dra. Luzia Neide Menezes T. Coriolano
Presidente/Orientadora


Profa. Dra. Waldirene Alves Lopes da Silva
1º Membro


Profa. Dra. Maria Valdirene Araújo Rocha Moraes
2º Membro

VISTO:


Prof. Dr. Fábio Pedigão Vasconcelos
Coordenador do Curso de Mestrado Profissional em Gestão
de Negócios Turísticos-MPGNT

A Deus.
A minha mãe Enilda.
A minha Vó Eunice.
A minha tia Dina Abreu.
A minha madrinha Rizeuda.
Ao criador e às mulheres guerreiras que
me ajudaram a ser quem eu sou, dedico
esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vitória, amor incondicional e misericordioso. Sem Deus nada seria possível! E por ter criado de forma tão sublime o objeto de estudo da minha pesquisa, minha inspiração, a natureza tão perfeita, a Serra da Capivara! Obrigada por tudo Senhor! Não foi fácil, o Senhor sabes bem, mas me fez vencer!

À minha amada mãe pelo amor e estar ao meu lado sempre torcendo pelas conquistas.

Aos meus irmãos William Abreu, Marina Abreu e Raquel Abreu, base de minhas vitórias.

À orientadora Prof^a. Dr^a. Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano pela orientação, paciência e conhecimento contribuindo para que o trabalho se concretizasse. Obrigada por acreditar em mim, e ajudar a chegar até aqui! Deus lhe abençoe professora.

Gratidão especial ao professor Jorge Eduardo e à professora Luzineide Gomes que me impulsionaram e colaboraram com a pesquisa.

À minha família que sempre me apoia e incentiva nas jornadas. Em especial a prima Mychele Abreu que me recebe de portas abertas e me auxilia no trajeto. Enfim, a toda família.

Às amigas Sandra Mara, Liliane Vasconcelos que lutaram e sonharam comigo. Obrigada amigas. A.P.S! A vitória também é de vocês, muito obrigada.

Aos amigos João Paulo, Raquel Lemos que me ajudaram e me apoiaram desde a época do projeto. Obrigada amigos! A vitória também é de vocês, muito obrigada.

A Munike Magalhães que tive a honra de conhecer no mestrado. Obrigada por seu apoio, motivação e pelas caronas.

A Adriana Fonteles (Drica) que passa sempre boas energias e auxilia no que precisa. Obrigada Drica!

A todos os professores do mestrado que contribuíram com o conhecimento nas disciplinas. Todos foram importantes para este trabalho. Em especial ao prof. Clerton Martins, por me estimular na escolha do objeto, a Serra da Capivara.

A FUMDHAM, ICMBIO, SETUR-PI autorizar e fornecer dados que contribuíram para esta pesquisa.

Agradecimento especial a Dra. Niède Guidon por tão gentilmente contribuir com a pesquisa concedendo entrevistas, dados e pela receptividade. Deus a abençoe. Sua participação foi fundamental nessa pesquisa.

Agradeço também a Rosa Trakalo, Elizabeth Bucco (FUMDHAM), Maria Lúcia (ICMBIO) e Alberita (Setur - PI) pelas colaborações. Obrigada por tudo!

À professora Waldirene Alves Lopes por me acompanhar na realização dessa pesquisa e sonho. Obrigada Wal!

À professora Glaucia Barradas pelo apoio nesse trabalho.

À Universidade Estadual do Piauí- UESPI pela colaboração à minha pesquisa, com o apoio de Waldirene Alves Lopes da Silva, professora desta IES.

Aos colegas de trabalho do IFPI e UESPI que ajudaram e apoiaram. Meus coordenadores, diretores, professores, amigos de instituição. De todo coração, obrigada pelo apoio e torcida!

A Conceição pela ajuda na pesquisa, na formatação do trabalho. Você também faz parte desse trabalho.

A todos que contribuíram para conclusão deste trabalho, muito obrigada.

Estendo o meu olhar pela vastidão do que ainda é um pedaço do paraíso - um pedaço do paraíso chamado Serra da Capivara - que Poderes nada ocultos insistem em ignorar, em destruir, e entrego-lhe [...]para que continue a contar como prosseguiu a nossa história, a história de todos nós.

Niède Guidon

RESUMO

O Parque Nacional Serra da Capivara, objeto de estudo da dissertação, é uma unidade de conservação do Piauí que concentra sítios pré-históricos do continente americano, dito Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Abriga a maior concentração de pinturas rupestres e sítios arqueológicos do continente, em meio à beleza cênica rara. Situa-se no domínio das caatingas semiáridas, com diversidade biológica, “berço do homem americano”, inserido no “Polo das Origens”, na microrregião de São Raimundo Nonato. Área de interesse científico e turístico conforme o Plano Nacional de Turismo e de Regionalização, é um de três destinos indutores do Piauí. Compreender os desafios do crescimento do turismo no Piauí, sobretudo no Parque Nacional Serra da Capivara é também da sociedade e gestores para possibilitação do desenvolvimento do Piauí. Relevante investigar os motivos por que a atividade turística não avança e identificar os desafios. O objetivo da dissertação é analisar o Parque Nacional Serra da Capivara como espaço de turismo arqueológico, e a cidade de São Raimundo Nonato como destino indutor. Para tanto, houve identificar as políticas públicas de turismo geradas pela implantação de São Raimundo Nonato, destino indutor; analisar os impactos do turismo no Parque Nacional; compreender a atuação do ICMBIO e da FUNDHAM no Parque; explicar o turismo arqueológico e traçar o perfil de turistas do segmento arqueológico. Adotou-se o método dialético na apreensão do objeto na totalidade, com os conflitos e contradições da realidade. E abordagem quantiquantitativa, tendo como respaldo teórico a base conceitual obtida na revisão da literatura e estudos documentais. A pesquisa institucional e de campo para obtenção de dados secundários e primários. A pesquisa possibilitou a confirmação de que a Serra da Capivara se configura área de turismo arqueológico, com grande potencialidade subutilizada por falta de implementação de políticas públicas de cultura e turismo. Falta de investimentos em infraestrutura e equipamentos, falta de gestão eficaz do estado para trabalhar o destino e o patrimônio do núcleo indutor São Raimundo Nonato. As ameaças ao Parque são inúmeras pela falta de verba para manutenção, sobretudo com a crise econômica do País. O Parque está na iminência de finalizar as atividades e visitas. O destino indutor confere-se apenas nas potencialidades, pois, na realidade, o turismo caminha de forma tímida, e precisa avançar muito para tornar o Piauí competitivo frente os estados do Nordeste.

Palavras-chave: Parques Nacionais. Serra da Capivara. Turismo Arqueológico. Destino Indutor. Unidade de Conservação. Potencialidade Turística.

ABSTRACT

Serra da Capivara National Park, object of study by dissertation is a conservation unit of Piauí to prehistoric sites of the American continent concentration, defined as World Cultural Heritage by UNESCO. Hosts the largest concentration of cave paintings and archaeological sites in the Americas amid rare scenic beauty. The National Park is located in the area of semiarid have with biological diversity. Considered the “birthplace of the American Man”, inserted in the “polo” origins in the northeast of São RaimundoNonato. Scientific and tourist interest area as the national tourism plan an of regionalization is one of the three fates inductors. Understand the challenges to the growth of tourism in Piauí, in particular in the Serra da Capivara National Park interest of dissertation is also of society and managers in order to enable the development of Piauí. Relevant to investigate the grounds on which tourist activity does not progress and identify the challenges. The aim of dissertation is to analyze the Serra da Capivara National Park as a space of archaeological tourism, and the city São RaimundoNonato inductor as the destination. To this end it look: Identify public policy of tourism generated from the deployment of São RaimundoNonato target inductor; understand the ICMBIO and FUMDHAM in the park; explain the archaeological and tourism profile of tourists of the segment. It look the dialectical method for seizure of the object in tis entirety, with the conflicts and contradictions of reality. And quantitative approach, with theoretical conceptual base support obtained from the literature review and documentary studies. The institutional and field research of secondary and primary data. The survey enable the confirmation that the Serra da Capivara is configured with an area of archaeological tourism with great potentiality underutilized due to the lack of implementation of public policies for culture and tourism. Lacks of investments in infrastructure and equipment, lack of effective management of the State to work the target and the wealth of the inductor core São RaimundoNonato. The threats to the Park are numerous considering the lack of funds for maintenance, especially with the economic crisis in the country. The park is on the verge of completing the activities and the visitations. The inductor gives only destination in potential, because in reality the tourism walks so shy, and need to move a lot to make the Piauí competitive as the Northeast of states.

Keywords: National Parks. Serra da Capivara. Archaeological tourism. Destiny inductor. Conservation unit. Potential tourist.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Conjunto de elementos da paisagem.....	26
Figura 2 - Localização geográfica do estado do Piauí.....	37
Figura 3 - Bacia do rio Parnaíba que abrange o Estado do Piauí	39
Figura 4 - Território de Desenvolvimento do Piauí	41
Figura 5 - Paisagem resultante de agentes exógenos do relevo.....	46
Figura 6 - Kitesurf em Barra Grande	47
Figura 7 - Praia do Coqueiro	48
Figura 8 - Praia do Maramar	48
Figura 9 - Praia de Atalaia - Luís Correia - PI.....	49
Figura 10 - Pedra do Sal – Parnaíba/PI	50
Figura 11 - Cachoeira do Salto Liso	51
Figura 12 - Mirante do Gritador	51
Figura 13 - Pedra de Opala para lapidação	52
Figura 14 - Catedral de Nossa Senhora da Vitória - Primeira igreja piauiense	53
Figura 15 - Poço Jorrante Violeta.....	54
Figura 16 - <i>Cânion</i> do rio Poti.....	55
Figura 17 - Formação de pirâmide no Castelo/Piauí	56
Figura 18 - Pedra de Castelo	56
Figura 19 - Cachoeira do Urubu - Esperantina/PI	58
Figura 20 - Mapa dos polos turísticos do Piauí	59
Figura 21 - Destinos indutores no Estado do Piauí	64
Figura 22 - Parque Nacional das Sete Cidades	69
Figura 23 - Parque Nacional Serra da Capivara.....	70
Figura 24 - Parque Nacional Serra das Confusões	71
Figura 25 - Parque Nacional nascentes do Rio Parnaíba	72
Figura 26 - Cidade de Teresina.....	74
Figura 27 - Avenida Frei Serafim em Teresina.....	75
Figura 28 - Monumento do Cabeça-de-cuia.....	76
Figura 29 - Complexo turístico no encontro dos rios em Teresina	77
Figura 30 - Delta do Rio Parnaíba- PI/ MA	78
Figura 31 - Delta do Parnaíba	79
Figura 32 - Monumento da Cidade de São Raimundo Nonato.....	80

Figura 33 - Mapa de localização de São Raimundo Nonato	83
Figura 34 - Parque Serra da Capivara localizado em São Raimundo Nonato.....	86
Figura 35 - Pintura rupestre símbolo da serra da capivara	87
Figura 36 - Museu do Homem Americano.....	88
Figura 37 - Material utilizado para caça	89
Figura 38 - Acervo de adornos e ferramentas	90
Figura 39 - Museu virtual.....	91
Figura 40 - Vestígios orgânicos - Zuzu.....	92
Figura 41 - Urnas funerárias.....	92
Figura 42 - Ferramenta Líticas - Projétil	93
Figura 43 - Escavação digital	94
Figura 44 - Utilização da escavação digital	94
Figura 45 - Tela de interatividade com acervo do museu e o visitante.....	95
Figura 46 - Cadeira elevatória	96
Figura 47 - Monumento das Onças Gigantes.....	97
Figura 48 - Monumento do Tatu	98
Figura 49 - Monumento da Siriema	99
Figura 50 - Alto do Cruzeiro	100
Figura 51 - Via sacra na escadaria com vista para cidade.....	101
Figura 52 - Igreja Matriz e Casarões	101
Figura 53 - Laboratório de Paleontologia da FUMDHAM	103
Figura 54 - Mercado de São Raimundo Nonato	105
Figura 55 - Estrada para São Raimundo Nonato, PI - 40.....	106
Figura 56 - Aeroporto de São Raimundo Nonato	107
Figura 57 - Rodoviária de São Raimundo Nonato.....	108
Figura 58 - Sítios arqueológicos no Parque Serra da Capivara	112
Figura 59 - Território do Parque Serra da Capivara	113
Figura 60 - Estrutura sedimentar arqueológica da Serra.....	114
Figura 61 - Beleza paisagística da vegetação do PARNA	114
Figura 62 - Formações rochosas do PARNA	116
Figura 63- Arqueólogos trabalhando nas escavações	116
Figura 64 - Povoado Sítio do Mocó.....	120
Figura 65 - Restaurante localizado no povoado	121
Figura 66 - Loja de artesanato no povoado.....	122

Figura 67 - Fábrica de cerâmica situada em Barreirinha.....	123
Figura 68 - Produtos de cerâmicas na cor natural.....	124
Figura 69 - Cerâmica moldada	125
Figura 70 - Loja de cerâmica localizada dentro do Parque Serra da Capivara	125
Figura 71 - Trabalho artístico com os símbolos da Serra na cerâmica	126
Figura 72 - Loja de cerâmica localizada na fábrica	127
Figura 73 - Camisaria localizada na comunidade Barreirinha	127
Figura 74 - Albergue em Barreirinhas	128
Figura 75 - Unidades Habitacionais do Albergue Serra da Capivara	129
Figura 76 - Restaurante do Albergue Serra da Capivara	129
Figura 77 - Paredões de 70 metros de altura com pinturas rupestres.....	131
Figura 78 - Passarela de metal para os turistas	132
Figura 79 - Pintura que retrata cerimônia de dança	133
Figura 80 - Pintura rupestre conhecida como “o beijo”	133
Figura 81 - Pintura rupestre de um cervo- a capivara Símbolo da Serra	134
Figura 83 - Trilhas adaptadas.....	135
Figura 82- Trilha para mobilidade reduzida.....	135
Figura 84 - Placa informativa bilíngue: português/inglês.....	136
Figura 85 - Estrutura de apoio localizada dentro do Parque Serra da Capivara	136
Figura 86 - Lanchonete dentro do PARNA	137
Figura 87 - Toaletes no Centro de Apoio no Parque	138
Figura 88 - Sítios Arqueológicos	138
Figura 89 - Anfiteatro do Parque Nacional Serra da Capivara	141
Figura 90 - Espaço para picnic.....	142
Figura 91 - Pedra Furada - Serra da Capivara.....	143
Figura 92 - Macacos que são estudados por pesquisadores	144
Figura 93 - Placa de sinalização dentro Parque.....	145
Figura 94 - Guarita em uma das entradas do Parque Nacional Serra da Capivara	146
Figura 95 - Recepção do Parque Nacional Serra da Capivara.....	147

LISTA DE SIGLAS

APA	Áreas de Proteção Ambiental
APP	Área de Preservação Permanente
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
CEPRO	Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
CPRM	Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FUNDHAM	Fundação do Homem Americano
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes sobre a Conservação da Biodiversidade
IFPI	Instituto Federal do Piauí
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MTUR	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PDITS	Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
PET	Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico do Estado
PIB	Produto Interno Bruto
PLANAP	Plano de Ação para o Desenvolvimento Integrado da Bacia do Parnaíba
PNSC	Parque Nacional Serra da Capivara
PPA's	Plano Plurianuais
PRODETUR	Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste
RESEX	Reservas Extrativistas
SEPLAN	Secretaria do Planejamento do Estado do Piauí
SETUR	Secretaria do Turismo
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UC's	Unidades de Conservação

UESPI Universidade Estadual do Piauí
UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a
 Cultura
UNIVASF Universidade do Vale do São Francisco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	METODOLOGIA.....	22
2.1	CONCEITOS FUNDANTES DA ANÁLISE.....	22
2.2	PASSOS DA PESQUISA E LIMITAÇÕES.....	34
3	PIAUÍ NO ENCALÇO DO TURISMO	37
3.1	OS GEOSSISTEMAS NATURAIS E O TURISMO	44
3.2	TURISMO NOS PARQUES NACIONAIS DO ESTADO DO PIAUÍ.....	65
3.3	DESTINOS INDUTORES DO TURISMO NO PIAUÍ.....	73
4	MUNICÍPIO DE SÃO RAIMUNDO NONATO, NÚCLEO INDUTOR DO TURISMO	82
4.1	POLO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA E OFERTA TURÍSTICA.....	85
4.2	A FUNDAÇÃO DO HOMEM AMERICANO - FUNDHAM.....	102
4.3	DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE TURÍSTICA...	104
5	PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA E TURISMO	111
5.1	POLÍTICA PÚBLICA DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PARNA NA SERRA DA CAPIVARA.....	117
5.2	TURISMO ARQUEOLÓGICO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA.....	130
	CONCLUSÃO.....	148
	REFERÊNCIAS	151

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objeto de estudo o Parque Nacional Serra da Capivara, no município de São Raimundo Nonato, estado do Piauí, com ênfase na implementação do turismo arqueológico no destino indutor, patrimônio da humanidade que passa por sérios problemas de gestão e conservação. O Piauí localiza-se na parte ocidental da região Nordeste do Brasil e se avizinha com o Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia e Tocantins. Ocupa área heterogênea dominada pelo cerrado, floresta amazônica, e caatinga, com três domínios morfoclimáticos de biomas. É de formações geomorfológicas antigas, ricas em fósseis, artefatos pré-históricos e inscrições rupestres, com 1.215 sítios arqueológicos famosos por mais antigos do Brasil e da América que conservam grande variedade de pinturas rupestres primitivas, em rochas.

Assim como regiões semiáridas do país e do Nordeste, o Piauí enfrenta problemas provenientes de semiaridez e periódicas secas. Contudo é rico em recursos naturais e contradições sociopolíticas. Apesar de pobre e possuir economia debilitada, apresenta PIB em crescimento. Apresenta queda nos índices da agropecuária, e as taxas de crescimento econômico são impulsionadas pelas atividades industriais e de serviços, em destaque, o setor terciário. Diz-se que o Piauí não atingiu o patamar desejado na economia, permanece um dos estados mais pobres do Brasil. Nas últimas décadas, empreendeu-se esforço para encontrar caminhos de melhores chances de crescimento socioeconômico; por exemplo, capacitação da população e exploração do potencial turístico abundante.

Embora o Piauí seja o estado nordestino com menor extensão litorânea, apenas 66 km de praias ao norte, conta com trecho privilegiado, é que nele se aloca o Delta do Rio Parnaíba, atrativo de beleza rara, recurso do roteiro integrado de turismo da Rota das Emoções, integrado a Lençóis Maranhenses (MA) e Jericoacoara (CE). Tem a maior parte do território inserido em áreas de preservação ambiental, APA Delta do Parnaíba e 04 parques nacionais, entre eles, um se destaca pela riqueza do patrimônio arqueológico de importância memorável para a história da humanidade: o Parque Nacional Serra da Capivara.

O Parque Nacional Serra da Capivara é a unidade de conservação, com grande concentração de sítios pré-históricos do continente americano, definido Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1991. Ocupa áreas dos

municípios de São Raimundo Nonato, João Costa, Brejo do Piauí e Coronel José Dias. A cidade polariza os serviços mais avançados na microrregião, que servem às cidades circunvizinhas, sobretudo no que se refere à educação de nível superior, comércio e serviços bancários. Além de atrair pesquisadores, estudiosos de países das mais diversas áreas, arqueologia, geografia e ambientalistas, interessados no estudo do Parque Nacional Serra da Capivara, localizado em São Raimundo Nonato.

A cidade de São Raimundo Nonato é um museu-cidade, por oferecer o espaço variedades de acervos fósseis, de mais de 50 mil anos. Instituiu-se o Parque tendo em vista proteção dos sítios arqueológicos e paleontológicos. O lugar é o “berço do homem americano”, inserido no “Polo das Origens”, área de interesse científico e turístico conforme o Plano Nacional de Turismo e de Regionalização, que trata de políticas públicas para o desenvolvimento do turismo, em destaque, os destinos indutores.

O Piauí possui três destinos indutores, avaliados pelo estudo de competitividade da Fundação Getúlio Vargas (FGV): São Raimundo Nonato, Teresina, capital, e Parnaíba. Conforme o Programa de Regionalização do Turismo do Ministério do Turismo (Mtur), os destinos indutores do desenvolvimento turístico regional possuem infraestrutura básica e turística, além de atrativos capazes de atrair fluxos turísticos e estimular o desenvolvimento de lugares. São cidades que atraem fluxos turísticos, que dinamizem a economia do território.

A regionalização do turismo é recente, assim como políticas públicas, tratando-se especificamente do Piauí, diferente de estados da região Nordeste brasileira, os fluxos turísticos nacionais são incipientes, pacotes turísticos limitados e direcionados à região do Delta do Parnaíba, no norte do Estado, “rota das emoções”, roteiro que interliga os estados do Maranhão, Piauí e Ceará, focando lençóis maranhenses, Delta do Rio Parnaíba e Praia de Jericoacoara, respectivamente.

No destino turístico Polos das Origens, São Raimundo Nonato é o único núcleo receptor que oferece como destaque o Museu do Homem Americano e Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC), ofertas motivadoras de deslocamentos de turistas para a região. Pela variedade de sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara, belezas paisagísticas de significados simbólicos, em área rica de acervos arqueológicos que retratam a história da humanidade, o estudo da área torna-se relevante na divulgação de conhecimento e oferta de possibilidade que podem contribuir para o crescimento do turismo, no Piauí.

Como professora do curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí, residente no município de São Raimundo Nonato durante três anos busca-se compreender os desafios de crescimento do turismo. Sobretudo o turismo, em São Raimundo Nonato, porque a cidade é destino indutor. Destaca-se pelos contrastes da região com a proposta do Programa de Regionalização, dando relevância à pesquisa. Para que possa contribuir nas ações de mudanças e melhoria do turismo na região.

Investiga-se a alocação, na área, de resultados e falhas na implementação do turismo no Piauí, em especial, na Serra da Capivara. Admite-se que o estudo tem relevância para os gestores do Parque Serra da Capivara, gestores governamentais (escalas municipal, estadual e federal), bem como para a sociedade, por oferecer análise da realidade e sugestão de possibilidades para desenvolvimento do turismo.

Além de interesses científicos sobre sítios arqueológicos, o Parque apresenta proposta aos negócios do turismo arqueológico e ecoturismo aproveitando as riquezas do patrimônio natural, do espaço de contemplação da natureza, no desafio da dicotomia entre a sustentabilidade e a conservação da natureza do turismo. Fator que corrobora a importância da pesquisa é a discussão que faz academias sobre o turismo, em Parques Nacionais, como forma de uso racional das unidades de conservação, uma vez que o ecoturismo fomenta o uso da natureza, faz-se necessário, porém o respeito aos princípios ecológicos da relação sociedade/natureza.

O ecoturismo, em todos os países, tem se configurado como o segmento da atividade que mais apropria as Unidades de Conservação ambiental, desde que respaldado nos princípios de conservação da natureza e busca da sustentabilidade. Nega-se a ideia de que o turismo só oferece impactos negativos ao meio ambiente, pois parte-se do suposto de que segmentos estimulam a preocupação com os princípios ecológicos de defesa ambiental.

O turismo arqueológico, também pautado em critérios da conservação e sustentabilidade, possibilita aprofundar o conhecimento da origem e identidade dos ancestrais, com respeito ao caráter científico e formas de visitas. O turismo arqueológico é proposta de turismo que valoriza patrimônio específico e permite acessibilidade aos vestígios arqueológicos, desde que seja de forma, responsável e ecologicamente, correta.

Estudar turismo arqueológico implica compreender implicações do segmento, valorização do acervo, descoberto há milhares de anos. Trata-se de segmento especial que disponibiliza lugares de dimensões significativas da história da humanidade, como o caso da Serra da Capivara.

As riquezas da Serra da Capivara constituem atividades culturais do turismo e magnitude da oferta exige que se investigue por que a cidade de São Raimundo Nonato não consegue se desenvolver como destino turístico, fortalecido e consolidado, mesmo sediando patrimônio cultural de tamanha relevância, sobre a história das civilizações, para ser núcleo indutor do turismo. As tentativas de implementação do turismo com a criação do Parque Nacional Serra da Capivara têm gerado expectativas aos residentes.

Embora bastantes desafios, busca-se investigar por que o turismo é incipiente, e por que não se consegue fazer da região destino turístico, de modo que a atividade colabore para o desenvolvimento da região. Para compreensão da realidade, fazem-se os seguintes questionamentos:

- Quais as possibilidades de turismo arqueológico e ecoturismo no Parque Nacional Serra da Capivara?
- O que fez São Raimundo Nonato ser núcleo indutor de turismo?
- Em que consiste a oferta turística do turismo arqueológico?
- Quais políticas públicas e privadas do Estado podem contribuir para o desenvolvimento da cidade de São Raimundo Nonato?
- Qual o papel da FUNDHAM e ICMBIO para o Parque Serra da Capivara?
- O que se faz necessário para o desenvolvimento do turismo na área de conservação?
- O que pode ser feito para dinamização do destino turístico?

A pesquisa tem objetivo principal de analisar o Parque Nacional Serra da Capivara, espaço de turismo arqueológico, e São Raimundo Nonato como destino indutor. Objetivos específicos:

- Identificar as políticas públicas de turismo geradas pela implantação de São Raimundo Nonato como destino indutor;
- Analisar os impactos gerados pelo uso do turismo no Parque Nacional;
- Compreender a atuação do ICMBIO e da FUNDHAM no Parque Nacional Serra da Capivara;

- Explicar o turismo arqueológico na Serra da Capivara;

A dissertação se estrutura em cinco partes: Introdução com o objeto de estudo, contexto, justificativa, problemática, objetivos geral e específicos. Em seguida, apresenta-se discussão metodológica, em que se delinea o referencial teórico e procedimentos metodológicos. Na terceira parte, tem-se a contextualização do estado, e o panorama geral nos aspectos históricos, socioeconômicos, políticos e geográficos, bem como as regiões e atrativos turísticos.

Na quarta parte, o município de São Raimundo Nonato, objeto de estudo. Apresenta-se o município, economia, atrativos turísticos para além do Parque Serra da Capivara, marcas que conferem ao lugar significativas atratividades que elevam o destino a destino indutor. Explicam-se as especificidades e entraves ao desenvolvimento do turismo em São Raimundo Nonato.

Na quinta, examina-se o objeto de estudo com pesquisa de Campo, no Parque Nacional Serra da Capivara, fundação, projetos e aprofundamento de teorias sobre arqueologia. Com visão ampla e crítica do turismo, avalia-se o turismo arqueológico no sertão semiárido. Aprofunda-se discussão sobre as problemáticas norteadoras da pesquisa para se chegar aos resultados da investigação.

Em seguida, indicam-se as conclusões e proposições ao desenvolvimento do turismo na Serra da Capivara. Destarte inicia-se o processo que não se completa sozinho: é o caminho de amadurecimento, embates teóricos e práticos do olhar sobre o turismo, caminhando com a comunidade científica e a realidade local.

2 METODOLOGIA

Adota-se a metodologia dialética, tendo em vista a apreensão do objeto na visão da totalidade, entendida como realidade que expressa movimento, contradição e conflito. De acordo com Sposito (2004, 2010), no método dialético, o sujeito e objeto são intrínsecos; o sujeito se constrói e se transforma construindo e transformando, ao mesmo tempo, o objeto, fruto do trabalho do pesquisador, portanto com influência das ações e da subjetividade do sujeito. O estudo orienta-se por abordagens quantiqualitativas, tendo como respaldo teórico a revisão da literatura. A pesquisa foi institucional e de campo, com dados secundários e primários, em campo para coleta de dados primários.

A análise crítica ajuda entender os movimentos, as dificuldades do desenvolvimento da cidade de São Raimundo Nonato, no Piauí, que, mesmo considerado pelo Ministério do Turismo destino indutor, não avança. Teorias e conceitos de turismo e áreas afins ajudam na análise do objeto e servem de base para explicações empíricas. Além da teoria, o método contém o caminho percorrido para o desenvolvimento da dissertação, que envolve procedimentos técnicos, uso de instrumento de coleta de dados, para ser possível a apreensão da realidade pesquisada – a Serra da Capivara.

2.1 CONCEITOS FUNDANTES DA ANÁLISE

O turismo é fenômeno recente e objeto de estudos mais recentes. Emerge o turismo da descoberta do prazer da viagem. A atividade turística combina os atrativos naturais, culturais e sociais, que, somados ao funcionamento de sistemas de serviços, possibilitam a exploração da atividade econômica.

O turismo é, em essência, atividade econômica importante para fomentar o desenvolvimento socioeconômico de lugares. Estimula a descoberta e usos das potencialidades locais, exploradas como atrativos capazes de mobilizar grupos humanos. Assim, é possível compreender os porquês de o turismo apresentar-se como atividade econômica de sucesso e rentabilidade, na pós-Revolução Industrial, tendo respondido, nos últimos anos, pelo montante de US\$ 9.711,20 trilhões (MTur, 2012), sem falar da capacidade de gerar grande número de empregos diretos e indiretos. (ARANHA; GUERRA, 2014; LOZATO-GIOTART, 1985; SONEIRO, 1991).

A importância do turismo para o Brasil é notória, considerando que o território apresenta grandes potencialidades em toda a extensão do país. Em termos de atrativos, naturais e histórico-culturais, as paisagens brasileiras apresentam elementos diversificados, em diversos estados e lugares, capazes de atrair grupos de turistas, oriundos de países e do próprio território nacional.

O conceito de turismo é dado pelos teóricos e a Organização Mundial do Turismo (MTur, 2005 p.04) o define como “atividades que as pessoas realizam durante as viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros.” Várias são as motivações de deslocamento para a prática do turismo, na realização de desejos.

Barretto (2003) enfatiza que turismo é movimento de pessoas que se distanciam por um período de tempo do lugar que residem para ir a outro lugar com objetivo de satisfazer obrigações essenciais e de cultura ou para realizar diversas vontades, exclusivamente como pessoas que consomem bens econômicos e culturais. Verifica-se, pela própria estrutura do fenômeno que há complexidade da atividade, como faz notar Andrade (1992, p.38) afirmando que o turismo é um “complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento”.

Em referência ao turismo, Rodrigues (1992), Lozato-Giotart (1985) e Soneiro (1991) afirmam que se trata de fenômeno que apresenta áreas de dispersão ou emissoras e áreas de atração ou receptores, e é com base nessas que o espaço turístico é produzido ou se reformula o espaço anteriormente ocupado. Oliveira (2001, p.30), por sua vez, diz o turismo “o conjunto de resultados de caráter econômico, financeiro, político, social e cultural produzidos num lugar pela presença temporária de pessoas que, de modo espontâneo e sem fins lucrativos, se deslocaram de seu local de residência habitual”. Dinâmica que necessita de espaço para acontecer, que abrange e modifica lugares causando impactos. Coriolano (2005, p.12) afirma que: “explicar o turismo implica estudar o espaço geográfico, pois os turistas viajam para conhecer lugares, havendo, portanto, relação estreita entre geografia e o turismo”. A relação sociedade-natureza, objeto da ciência geográfica, explica o importante papel da produção do conhecimento humano e sua

transformação em algo que beneficie a humanidade. Sendo o aproveitamento para o turismo um deles. Segundo Rodrigues (1996, p.22):

O fenômeno do turismo, por sua natureza complexa [...], é um importante tema que deve ser tratado no âmbito do quadro interativo de disciplinas de domínio conexo, em que o enfoque geográfico é de fundamental importância, uma vez que, por tradição, lida com a dualidade sociedade x natureza.

Não se pode deixar de considerar a contribuição teórica e os conceitos da Geografia aplicados ao turismo para o entendimento e dimensão do fenômeno, por exemplo, o conceito de espaço definido por Santos (1985, p. 5):

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida. Todavia, considerá-lo assim é uma regra de método cuja prática exige que se encontre, paralelamente, através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes. Ora, a análise é uma forma de fragmentação do todo que permite, ao seu término, a reconstituição desse todo.

Evidentemente, a apreensão da totalidade acaba por exigir o entendimento de conceitos, de certo modo, a ela inerentes, mas que se constituem em coisas distintas. Nesse sentido, Santos (1996, p.115) explica que “[...] a noção de totalidade é uma das mais fecundas que a filosofia clássica legou, constituindo elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade”. O autor reforça que: “nessa ideia, todas as coisas presentes no universo formam uma unidade, um todo, embora a totalidade não seja uma simples soma das partes. As partes que formam a totalidade não bastam para explicá-la, ao contrário, é a totalidade que explica as partes” (p.115).

Refletindo sobre a realidade e mitos que envolvem espaços turísticos, Coriolano (2001) relaciona o turismo como o conjunto de pré-concepções e percepções de imagens e valores de significados culturais, construído pelo viajante, antes mesmo de a experiência turística ser realidade. Assim, os esquemas começam a se dar nas primeiras ideias, na estruturação do imaginário, pois constituem, de maneira dinâmica, o funcional da imaginação. Considerando o imaginário fonte racional e não racional de impulsos para ação que colaboram para o deslocamento. Esse aspecto é comentado por Durand (1997, p. 65) identificando o esquema que caracteriza o tempo vivido, presente e integrado como tal na memória, por meio de gestos e pulsões inconscientes. “Em oposição entre a fantasia e a realidade sensível, mas na cumplicidade entre o eu sonhador e o mundo determinado, explicando a convivência secreta numa região intermédia, uma região plena, de uma

plenitude de fraca densidade”. Assim, ao planejar ou gerir o produto turístico, torna-se imprescindível a utilização do que possa despertar no turista a sensibilidade para a percepção do imaginário desejado que, por sua vez, é fruto do trabalho, da inovação e criatividade.

Compreender o interesse que leva a pessoa a deslocar-se da residência a outra cidade e fazer turismo, bem como a escolha da segmentação desejada, é fundamental ao aumento da propensão da oferta de produtos para a compra, e o atendimento das necessidades objetivas dos consumidores. O crescimento do turismo está diretamente ligado ao avanço do capitalismo e ao crescimento das atividades econômicas que oferecem possibilidades à sociedade. De acordo com Cruz (2003, p.56), “o turismo é [...] uma prática social que muda de sentido ao longo da história e cada nova definição consiste em uma nova tentativa de se conceituar algo que tem, reconhecidamente, uma dinâmica inquestionável”.

O turismo desencadeia uma série de serviços necessários à satisfação do cliente ou consumidor e gera efeito competitivo no mercado. A busca pela atividade, de forma crescente, tem sido normalmente chamada pelo *trade* de “turismo de massa”, contudo não pode ser chamado de turismo de massas, que não têm o privilegio de capital para usufruir de viagens de grande deslocamento (CRUZ, 2003). Ou seja, os serviços e componentes da atividade turística estão distantes da realidade econômica da maior parcela da população, por considerada atividade de alto custo, mas fez surgir o turismo de comunidades.

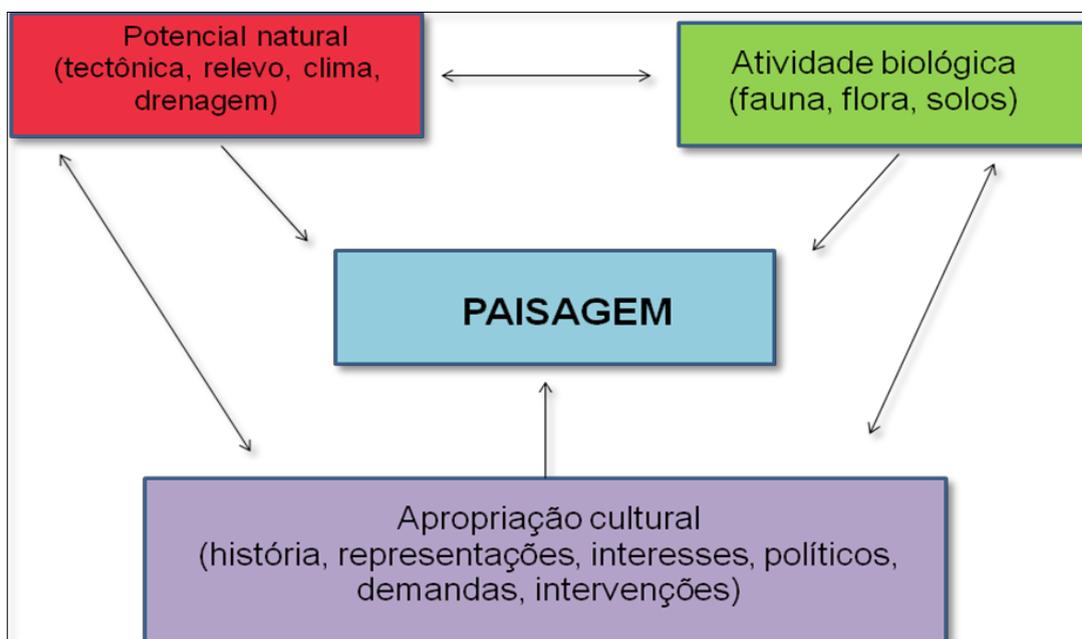
O consumo da paisagem no turismo exige entendimento do conceito geográfico de paisagem que passa a ser atrativo, na medida em que é diferencial no cotidiano do visitante. A paisagem revela o lugar no espaço e no tempo, sendo dinâmica e mutável, em razão de as configurações geográficas mudarem com a história e a própria dinâmica da natureza e da sociedade (YÁZIGI, 2002). Destaca-se a necessidade do conhecimento da base, na perspectiva multidisciplinar, com interação dos conhecimentos necessários ao processo de evolução, levando em conta os aspectos físicos, ambientais e sociais, culturais e políticos da paisagem.

Nessa compreensão, Santos (2008, p. 67-68) afirma que paisagem é “tudo o que nós vemos, o que a nossa visão alcança. Que esse pode ser definido como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons.” A postura sustentada por Rodriguez, Silva e Cavalcanti (2004, p. 18) é de que paisagem “é definida como

um conjunto inter-relacionado de formações naturais e antroponaturais” e possui, além de estrutura (forma e arranjo espacial), conteúdo dinâmico e evolutivo. Os autores definem paisagem natural como sinônimo de geossistema, conceito retirado da teoria dos sistemas dinâmicos e hierarquicamente organizados (SOTCHAVA, 1977).

Lembra também Cruz (2002) que o conceito de paisagem, ainda que controverso e polêmico nas diferentes abordagens, é fundamental para as análises espaciais da prática turística. Trata-se de elemento imprescindível e responsável pelo desenvolvimento e impulso da atividade turística. Embora não seja fator único e determinante ao ser humano, interfere e motiva viagens. Por isso ocorre o uso das paisagens no marketing turístico para atrair visitantes despertando curiosidades. Contudo, no momento de criar rotas de visitas, observa-se em detalhe o comportamento das paisagens quando possível a percepção de ritmo periódico, como mudanças que ocorrem ao longo de um dia ou em diferentes épocas do ano, com o nome de funcionamento da paisagem. Quando acontece algo de mudança completa do funcionamento das paisagens, diz-se que sofreu modificação ou passa por evolução. A Figura 1 apresenta o conjunto de elementos da paisagem.

Figura 1 - Conjunto de elementos da paisagem



Fonte: Adaptado de Bertrand (1968) por Cavalcanti, 2014.

O turismo é resultado das ações de diferentes grupos de agentes sociais produtores, constituindo um sistema complexo, aberto, dinâmico e em movimento. A

atividade turística tem desencadeado importantes transformações, na organização do espaço, claramente observadas em especial no litoral brasileiro e nas regiões turísticas. Pelo aumento gradativo da atividade, embora nos primórdios tenha atendido a poucos privilegiados, cada vez mais atende a classe média e a pobre.

O turismo produz território, Raffestin (1993) destaca que este não pode ser confundido com espaço, embora os conceitos apresentem estreita relação, pois o território é produzido, socialmente, como fragmento do espaço. O autor explica que território se forma pelo espaço, resultado de ação conduzida por ator sintagmático (que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar do espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), dá-se a territorialização do espaço (op.cit. p.143). Raffestin (1993) evidencia, no território, o poder de controlar e dominar homens e coisas, representando trunfos para garantia do poder. A população está no cerne do poder, da ação e da transformação territorial; no território ocorrem relações, campo de ação e espaço político que, sem a população, seria um dado estático e os recursos são os condicionantes da ação da população.

A apropriação territorial pelo turismo, segundo Cruz (2000), faz-se pelo direcionamento da política pública em determinado lugar. São as “metas e as diretrizes das políticas que norteiam o desenvolvimento socioespacial da atividade, no que tange à esfera pública e no que se refere à iniciativa privada” (op.cit. p.9), acrescenta-se à iniciativa comunitária. A política de direcionamento do turismo produz territórios, pela interação do conjunto de sistemas de objetos e ações, como forma de estruturação e dinamização da atividade. Dessa forma, a disputa do poder e a regulação do território são pontos centrais da relação entre os sujeitos, em que o Estado apresenta-se como regulador e normatizador do território, embora não seja o único. O poder público, em diversos níveis de atuação, age ordenando território do turismo, e o faz pela dimensão econômica. Contudo, como agente social responsável por orientar os rumos da sociedade, em determinado território, o Estado atua pela elaboração de programas, implementação de políticas públicas de turismo, de modo eficaz, interesses do capital financeiro, relegando muitas vezes demandas e interesses dos agentes sociais também envolvidos com o fenômeno turístico como ambiental, social e cultural.

Desse modo, gerir espaços turísticos implica conhecer a identidade do produto turístico. Existem lugares com segmentos de turismo que, conseqüentemente, conseguem atingir demandas de perfis diferenciados, o que faz

aumentar o número de visitantes consumindo produtos turísticos e inflando a receita local obtida, direta e indiretamente, com o gasto dos turistas. Além disso, com a variação da oferta e da demanda, o destino passa a receber turistas em épocas diferenciadas, evitando a sazonalidade, muito comum nos destinos turísticos. Os segmentos de turismo recebem nomes conforme o grupo que faz turismo como o de terceira idade, pedagógico ou o lugar visitado, como o arqueológico.

Existem dezenas de segmentos turísticos: cultural, ecoturismo, aventura, náutico, saúde, pesca, negócios e eventos, sol e praia, esporte, social, entre outros. Também segmentos dentro de segmentos: rural, natureza, ecológico. A segmentação, desse modo, não é algo estanque nem imutável, podendo, em muitos casos, ser múltipla (MIDDLETON, 1994). Todavia as atividades turísticas são crescentes, e os segmentos atraem perfis de turistas contribuindo para geração de emprego e trabalho. Contudo há forte tendência pela busca de segmentos interligados, praticas de turismo na natureza. As atuais reflexões das questões ambientais têm possibilitado a abertura de mentalidades, gerando variedade de práticas turísticas na natureza.

O turismo, em ambientes naturais, tem se desenvolvido nos últimos anos, aproximadamente na década de 1980, com influência na revalorização do meio ambiente, trabalho educativo de ambientalistas. Nessa concepção considera a complexidade da atividade turística, ao perpassar questões econômicas e considerar também as questões sociais, culturais e, notadamente, ambientais (RODRIGUES, 1996). Os segmentos de turismo na natureza auxiliam na qualidade de vida oferecendo lazer de viagem ajuda como escape do modo de vida acelerado do cotidiano das grandes metrópoles, estilo da vida urbana. Na atividade turística contemporânea, as populações humanas urbanas buscam a natureza com o compromisso com o lazer combinado com o respeito às diversidades locais, em especial, às culturas dos povos visitados.

Lindberg e Hawkins *apud* Lakoski (2006, p. 07) definem ecoturismo como segmento que “satisfaz o desejo que temos de estar em contato com a natureza, explorar o potencial turístico visando à conservação, desenvolvimento e evitar o impacto negativo sobre a ecologia, a cultura e a estética”. A atividade turística une pessoas urbanas que buscam a natureza com o compromisso do lazer combinado com o respeito às diversidades culturais em diferentes lugares. Na mesma linha de reflexão, Rodrigues (2003 p. 31) afirma que o ecoturismo é atividade econômica de

baixo impacto ambiental que se orienta para áreas de significativo valor natural e cultural, e que, por meio das atividades recreacionais e educativas, contribui para a conservação da biodiversidade e da sociodiversidade, resultando em benefícios para as comunidades receptoras. No turismo de natureza, ampliam-se horizontes de crescimento econômico, colabora-se no bem-estar de receptores do destino, comunidades. Sem valorização e proteção ao meio, o ambiente fica sujeito à degradação, com perda dos valores naturais e culturais, ocorrendo depreciação das atividades tradicionais, abandono da natureza e acaba o sentido do turismo em ambientes naturais.

No ecoturismo, trabalha-se a experiência interligada com a educação ambiental, guias de turismo passam a se relacionar com visitantes, entende-se que o ato de guiar implica também educar. Sabe-se, porém, que nem tudo o que é vendido como ecoturismo e turismo de natureza atende aos objetivos da atividade. Todo turismo precisa ser sustentável e atender as exigências da ecologia. O turismo utiliza-se da concepção da ecologia que não é apenas a conservação do meio ambiente natural, nem se limita ao ambientalismo, mas inclui a compreensão das relações de intercâmbio e transformação de energia, entre os seres vivos, conexão entre todas as manifestações de vida (CORIOLANO, 2012).

Turismo arqueológico é o segmento praticado em sítios arqueológicos voltado à natureza por sua vez, também pautado em critérios de conservação da natureza, e, assim, associa também preocupação à sustentabilidade principalmente pela busca da conservação da identidade e caráter científico do segmento. Diz Manzato (2005, p. 46) que:

O turismo arqueológico ou arqueoturismo é o processo decorrente do deslocamento, visitação e permanência de lugares denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados vestígios remanescentes de antigas sociedades tanto pré-históricas quanto históricas, passíveis de visitação terrestre ou subaquática.

Dá-se ênfase ao âmbito histórico, e assim permite-se que o visitante tenha contato com a história das civilizações, resquícios de milhares de anos como pinturas rupestres, gravuras em rochas, artefatos e fósseis que compõem o rico acervo de sítios arqueológicos da natureza, e leva-se o visitante a fazer viagem no tempo. Os sítios arqueológicos são locais, onde as pessoas do início da civilização humana deixaram vestígios das atividades realizadas (FUNDHAM, 2012).

A denominação arqueoturismo é utilizada internacionalmente, a partir de 1995, na série de publicações do pesquisador hispano-cubano Georgeos Dias Montexano, que apresenta estudos sobre o turismo arqueológico definindo-o como "forma alternativa de turismo [...] especializado que, dentro do marco das atividades turísticas consegue promover a admiração pelo passado histórico arqueológico e pela conservação do patrimônio histórico" (SANTOS, 2007 *apud* TRESSERRAS, 2009, p.56). Embora as investigações arqueológicas tenham avançado, as pesquisas sobre arqueoturismo, no Brasil, são escassas, e a exploração de sítios arqueológicos compondo roteiros turísticos é recente.

O turismo arqueológico é o segmento do turismo e aparece na literatura como produto cultural. O patrimônio arqueológico é o conjunto de locais de habitação de populações pré-históricas, bem como toda e qualquer evidência das atividades culturais dos grupos pretéritos, inclusive de restos biológicos. O segmento contempla a cultura de ancestrais. Contudo não é por isso que se deva definir o turismo arqueológico como turismo cultural, afirma Coriolano (2014) em aulas e palestras¹, pois considera que há segmentos vinculados à cultura. Tresseras (2004) defende que o turismo arqueológico remete a estudos de produtos culturais, em projetos de investigação. Assim, a valorização do patrimônio arqueológico tem permitido maior acessibilidade aos recursos ou vestígios arqueológicos, pelos fluxos turísticos internos do país e pelos fluxos internacionais. O turismo cresce ao permitir que o viajante tenha contato com manifestações artísticas e culturais de povos e lugares, pois os diferentes meios de produção técnica ou intelectual funcionam como atrativos turísticos.

Funari (2003) destaca que o aproveitamento turístico de bens patrimoniais não está ligado à ação econômica, na acepção estreita do termo, pautada, porém, nas políticas culturais de comunidades, de forma a fazer com que os bens culturais e arqueológicos adquiram sentido.

Tem-se que a Constituição da República, de 1988, Art. 126, estabelece, no artigo 216, que constituem patrimônio cultural brasileiro todos os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória de diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- formas de expressão;

¹ Anotações de aulas e palestras ministradas entre 2014 a 2015 no Mestrado de Turismo.

- modos de criar, fazer e viver;
- criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

A cultura perpassa todos os segmentos turísticos. As práticas turísticas do segmento arqueológico transformam o patrimônio em produto cultural contemplado pelos turistas. Ao referir-se ao assunto, Widmer (2009 p.69) aponta o turismo arqueológico como campo de estudos recente e carente de pesquisas no país. Relaciona os estudos a trabalhos de Morais (2003), Ries (2003), Scatamacchia (2005), Manzato (2005), Santos (2007) Veloso e Cavalcanti (2007) como referências nacionais com rigor científico. Referências foram encontradas e se somam à lista. Embora não seja expressivo o número de pesquisadores, as publicações nacionais servem de referência teórica ao turismo arqueológico.

Estudos sobre o turismo arqueológico ou arqueoturismo têm crescido nos últimos anos e precisam ser mais divulgados. A transformação de peças arqueológicas, em atrativos turísticos, requer cuidados especiais com vestígios de antigas civilizações que representam identidades de população com valor cultural exigindo responsabilidade, atenção e planejamento de uso. Planejamento baseado em estudos de interpretação e preservação (MANZATO, 2005). Preservar não significa tornar o sítio inacessível ou fechado ao público, pelo contrário, em função da raridade e unicidade dos vestígios remanescentes, deve ser disponibilizado ao conhecimento das pessoas, mas com cuidados necessários para não danificar nem destruí-los.

Além disso, não basta disponibilizar o sítio para a visita turística, há que haver acompanhamento no sentido de interpretar o local com os meios e técnicas adequadas visando agregar valor ao produto arqueoturístico ao invés de descaracterizá-lo. (MANZATO, 2005, p.118).

O patrimônio arqueológico constitui não apenas bens materiais, senão culturais pelas informações de peças, artes rupestres, com disposição de formas adotadas para ocupação do espaço e contextos ecológicos selecionados. Na literatura sobre arqueologia brasileira, o termo arte rupestre engloba pinturas e

gravuras que consistem em representações elaboradas pelo picoteamento ou incisão do suporte rochoso (GASPAR, 2003). As técnicas de pinturas detectadas em análises revelam o uso de fricção de mineral sobre o suporte rochoso, da madeira com função de pincel, uso da própria mão e até mesmo elaborada pelos sopros do pigmento sobre a rocha, como explica Gaspar (2003).

Sítios de arte rupestre se configuram como monumentos singulares e de valor incontestável, pois retratam fragmentos do cotidiano humano. Nesse sentido, são tratados à luz das teorias que regem princípios de restauração, como verdadeiras obras de arte, dotados de valor estético. Estudos de arqueologia associados a uso turístico, apontados por Refrew e Bahn (2004, p.12), mostram que “a arqueologia é parte tanto da descoberta do passado pelo trabalho meticuloso do cientista, quanto do exercício da imaginação criativa”.

A arqueologia é a ciência que recompõe a história não escrita, podendo ser acessada pelas gerações atuais, por meio de vestígios deixados pelas antigas. As pesquisas arqueológicas não se limitam à busca de artefatos ou objetos usados, modificados ou feitos por pessoas em sítios arqueológicos ou locais onde as peças são encontradas, mas à série de informações contida nas feições encontradas: buracos de estaca, fossos, pisos e, nos ecofatos ou registros orgânicos e ambientais como o próprio solo, ossos de animais e restos de plantas (REFREW; BAHN, 2004). Assim, torna a arqueologia ciência interdisciplinar, implicando constante interação com áreas do conhecimento. Os resultados obtidos pelos arqueólogos dependem, quase sempre, de resultados de pesquisa de outras ciências. Quanto mais as pesquisas arqueológicas se desenvolvem, mais se percebe a diversidade dos povos pesquisados no registro de ambientes e vestígios materiais. Ressalta-se que qualquer que seja o modelo seguido precisa pautar-se em bases legais que contribuam para a conservação do patrimônio e promova a inclusão das populações no desenvolvimento da atividade turística (PRINCE, 1996).

Turismo arqueológico e ecoturismo contribuem para conservação do meio ambiente que depende dos que promovem a atividade e dos que usufruem. O turismo envolve patrimônios, entre eles, o natural. Assim, precisa estar inserido em plano de sustentabilidade. Nessa direção, aumentam as afirmações, segundo o conhecimento do patrimônio arqueológico é a chave para a preservação, sendo a educação a forma apontada para que o conhecimento chegue ao público (MORLEY,

2000). Todavia é importante ressaltar que a educação patrimonial e ambiental deve estar intrínseca a todos os segmentos do turismo, em especial ao arqueológico.

Educação patrimonial é o processo permanente e sistemático de trabalho centrado no conhecimento ambiental para enriquecimento individual e coletivo, afirma Horta (1996, p.06). Ressalta-se que o sítio arqueológico, destruído ou danificado, faz diminuir as possibilidades de conhecimento da história antiga registrada na arqueologia. Ocorre o que afirma Martin (s/d):

O risco de perda total ou parcial do patrimônio material e imaterial cultural, é tão grave como a perda da saúde pública, da identidade, da liberdade, de expressão ou a acessibilidade a uma vida digna. O direito de acesso por parte da sociedade também é semelhante a esses outros direitos humanos inalienáveis.

A atividade turística compreende heranças culturais do povo, patrimônios naturais singulares que servem de atrativo, pondo em exposição bens importantes da sociedade. Gerir a atividade, de forma a diminuir impactos da cultura, meio ambiente e comunidade são desafios a serem vencidos, com base em planejamentos, sobretudo quando importantes para a história da humanidade, assim como em São Raimundo Nonato. Pardi (2002, p.20) afirma que o planejamento apropria-se de:

Um conjunto de estudos, análises, reflexões e ações que buscam equacionar informações sobre os bens culturais, parceiros envolvidos tais como (comunidade, cientistas, autoridades, mídia), as estruturas física e administrativa e as questões econômicas inerentes, visando a otimizar o uso e o retorno à atual geração, a valorização e difusão, bem como a preservação dos sítios ou blocos testemunhos, do acervo gerado, da documentação e do conhecimento produzido para gerações futuras.

Considerando o turismo arqueológico inserido em espaços naturais, o segmento remete à preocupação com proteção de ambientes naturais. A natureza é espaço de segmentos do turismo, cada vez mais explorada. No entanto, há segmentos voltados a valores ecológicos e conservação ambiental. O estudo mostra que o turismo pode ser aliado da conservação da natureza, o que depende de como se promove a atividade. A educação ambiental serve de base à sustentabilidade e ao turismo.

Os princípios de sustentabilidade remetem aos aspectos ambiental, econômico e sociocultural do desenvolvimento turístico, que estabelece equilíbrio em dimensões para garantia da sustentabilidade. Nesse contexto, forma-se a base do turismo sustentável, em que ocorre interação entre o meio urbano, meio ambiente e

formação de profissionais (RUSCHMANN, 1997), com mudanças de paradigma, calcadas no conceito de desenvolvimento sustentável, que possa ser assumido por quem oferece o produto e por quem o usufrui.

2.2 PASSOS DA PESQUISA E LIMITAÇÕES

Iniciam-se os primeiros passos do trabalho com a revisão da literatura para aprofundamento do tema e embasamento teórico-metodológico da realidade estudada em livros, artigos acadêmicos, sites, visitas institucionais, órgãos especializados como ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, FUNDHAM - Fundação do Homem Americano e Secretarias de Turismo, todos consultados. Definiram-se os conceitos norteadores de análises em diferentes dinâmicas, pelo conhecimento empírico, desenvolvimento do turismo, do turismo arqueológico no PARNA - Parque Nacional Serra da Capivara, área da pesquisa de campo e análises de impactos socioespaciais, ambientais, econômicos e culturais.

De acordo com Lakatos e Marconi (1991, p. 155), pesquisa é um procedimento formal, com métodos e pensamentos reflexivos, com tratamento científico. A metodologia é o caminho percorrido para conhecimento da realidade e alcance da verdade dos fatos, absolutos e também relativos. Nesse contexto inicia a pesquisa de campo, em busca do conhecimento da realidade da atividade turística no Parque Nacional Serra da Capivara, com vistas ao desenvolvimento proposto pelo PARNA.

Realizaram-se pesquisas institucionais, *online* e de campo. Instituições e órgãos oficiais, FUNDHAM, ICMBIO, órgãos de planejamento, infraestrutura e ação social, além de secretários de municípios, foram entrevistados para levantamentos de dados e melhor compreensão de como o turismo se desenvolve na região pela implementação do Projeto PARNA.

Dados sobre o município de São Raimundo Nonato também foram importantes para as análises, realizadas pesquisas *in loco*, priorizando visitas aos responsáveis pelo Parque e vendo o turismo nos municípios e comunidades. Entrevistas e depoimentos, além da documentação fotográfica, ajudaram na formalização do texto.

Nas observações de campo registraram-se fotos e depoimentos, o que exigiu visitas ao local. A pesquisa iniciou no mês de setembro de 2014, até dezembro de 2015, para melhor análise dos fluxos de turistas, verificando a sazonalidade.

Limitações da Secretaria de Turismo do Estado do Piauí dificultaram o repasse de dados e informações sobre o turismo no estado, pela falta de conhecimento sobre a atividade turística nos municípios do estado. Com a morosidade na marcação de entrevista, não se conseguiram as informações por essas vias, pela falta de órgão público que represente o turismo em São Raimundo Nonato, não há pesquisas, não existem dados. Assim, não foi possível obter informações e entrevistar representante do órgão de turismo local. Contudo os responsáveis pelo turismo no Parque Serra da Capivara (FUNDHAM), guias do PARNA e representante do ICMBIO passaram informações, registram-se outras pelas observações diretas.

Pelos dados, primários e secundários, elaboraram-se mapas temáticos, tabelas e gráficos, mediante pesquisa de campo. As informações institucionais e via *internet* ajudaram nas análises dos resultados. As coletas de dados primários e secundários serviram de base para análises e tabulação, como também cruzamento dos conceitos e teorias.

O entendimento da organização espacial da área do Parque nacional da Serra da Capivara, bem como das atividades humanas é item fundamental na compreensão da relação entre as atividades humanas e a natureza. Assim, o uso de imagem de satélite é técnica bastante útil nos estudos e análise, e permite fornecer, em curto prazo, grande quantidade de informações.

Utilizaram-se as imagens de satélites datadas de agosto/2015, gratuitamente disponibilizadas pelo *software Google Earth*, na rede mundial de computadores. A base cartográfica produzida neste trabalho foi processada em Projeção Cartográfica Universal Transversal de Mercator (UTM) utilizando-se o Datum WGS 84 SAD 69 como referência, Origem: Equador e Meridiano Central de 39°WGR.

Para a análise das informações digitais (imagens de satélite), foi necessário *software* habilitado para processar dados georreferenciados, além da necessidade de se conseguir dados a serem processados. Desta forma, neste trabalho, usaram-se os seguintes materiais e equipamentos: microcomputador Intel

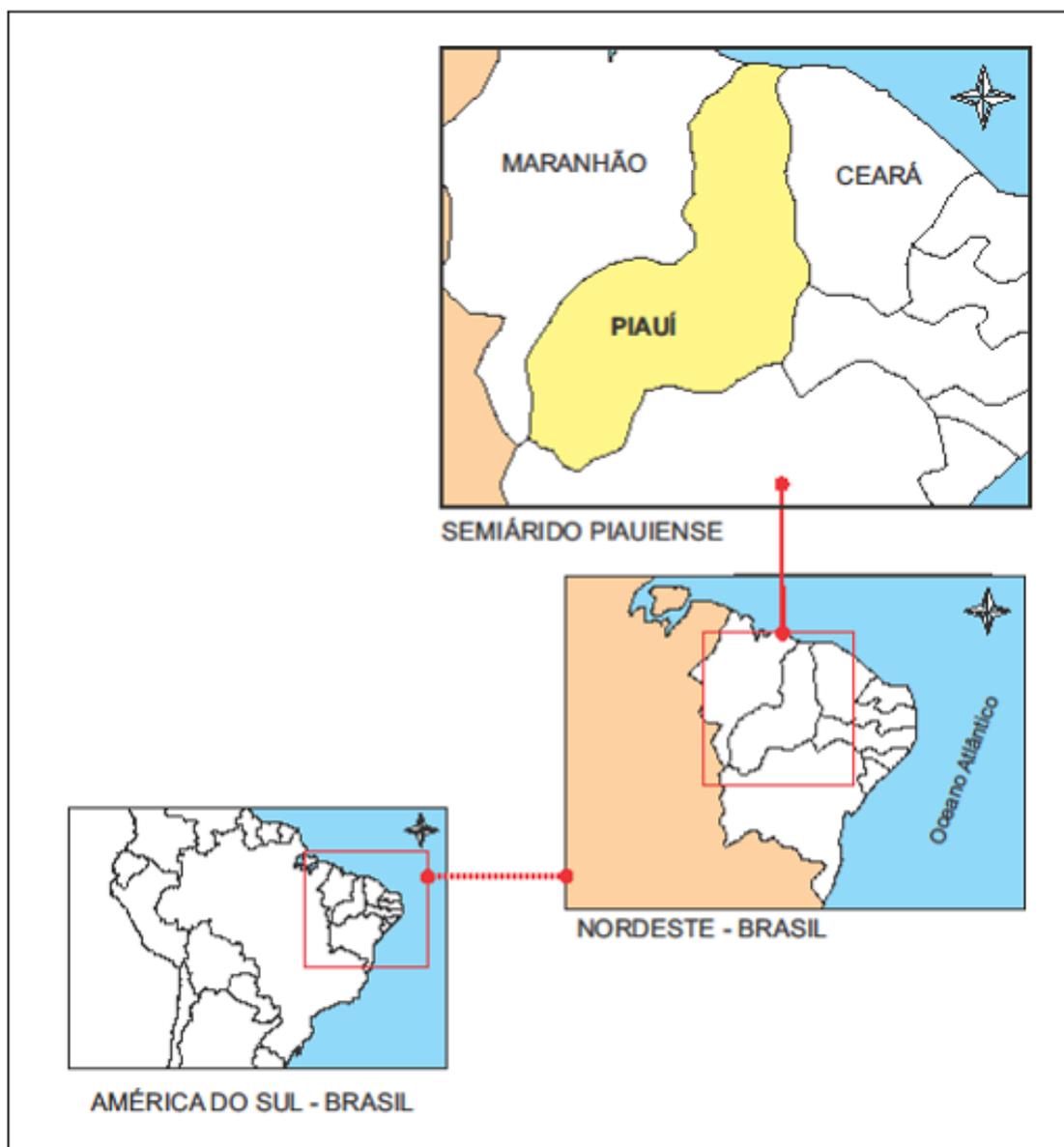
® Core™ 2Quad, 2,50 GHz de 4 GB de RAM; *Software Arcview* 9.3 e extensões principais (ArcMap, ArcToolbox, ArcCatalog) e *Coreldraw* 15 para finalização dos mapas.

Na análise espacial, o primeiro dado a ser coletado se refere à delimitação da área, tendo como base o limite do parque pela base cartográfica pré-existente e georreferenciada (Cartas DSG digitalizadas pela SEMAR-PI). Os limites da área foram vetorizados e anexados ao banco de dados destinado especificamente à análise de imagens no *software Arcview* 9.3. Foram inseridas localidades e postos do parque.

3 PIAUÍ NO ENCALÇO DO TURISMO

Considerando os estados da região Nordeste, o Piauí ocupa a terceira posição em extensão territorial, atrás apenas da Bahia e Maranhão, limitando com o Oceano Atlântico, Maranhão, Ceará e Pernambuco, Bahia e Tocantins (Figura 2). A população, no censo (IBGE, 2010), era de 3.118.360, com estimativa de 3.204.028 para o ano de 2015. Densidade demográfica de 12,40 hab/km², em área de 251.611,932 km², e conta com 224 municípios.

Figura 2 - Localização geográfica do estado do Piauí



Fonte: Adaptado de: Cidade verde, 2015.

Teresina é a capital, única do Nordeste² não localizada no litoral. É conhecida como Cidade Verde, codinome dado pelo escritor maranhense Coelho Neto, em virtude de bastante arborizada, com ruas e avenidas entremeadas de árvores. Destaca-se no setor terciário, com predomínio do comércio, rede de ensino, eventos culturais e esportivos, congressos, complexo e moderno centro médico, que acolhe pessoas de estados, em destaque, serviços, e indústria incipiente.

Uma das primeiras formas de ocupação espacial do Piauí, pelos colonizadores portugueses, foi com a instalação de fazendas de gado para desenvolvimento da pecuária extensiva, a partir da segunda metade do século XVII. Os cursos d' água tornaram-se referência para a fixação do povo, é que, nessas terras, havia maior aglomeração de sítios e fazendas. A expansão do território ocorreu do interior para o litoral, fato histórico explicativo do território que apresenta pequena faixa litorânea de apenas 66 km (ARAÚJO, 2010). Embora menor litoral do Brasil, é marcado pela presença do único delta das Américas em mar aberto, Delta do Parnaíba.

A conformação dos aspectos naturais tem relação direta com a formação da bacia hidrográfica do Parnaíba. Enquanto estados do Nordeste contam com apenas um rio perene, o São Francisco, por exemplo, com aproximadamente 1.800 km, o Piauí conta com o rio Parnaíba e afluentes, entre eles, o Uruçuí Preto e o Gurgueia que, somados aos cursos permanentes, ultrapassam 2.600 km de extensão. O Rio Parnaíba é de fundamental importância para a geoeconomia do Piauí, tendo em vista que o território é detentor de bacia hidrográfica (Ver Figura 3).

A perenidade dos rios piauienses está ameaçada, é que os rios passam por intenso processo de assoreamento, em decorrência de fatores, entre eles, desmatamento acentuado e desordenado, principalmente em nascentes e margens dos mananciais. Existem lagoas de notável expressão, Parnaguá, Buriti dos Lopes e Cajueiro, aproveitadas em projetos de irrigação e abastecimento de água.

² Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí e Sergipe.

Figura 3 - Bacia do rio Parnaíba que abrange o Estado do Piauí



MAPA BASE / LOCALIZAÇÃO
BACIA DO RIO PARNAÍBA

- Capitais
- Cidades > ou = 40.000 hab.
- Outras Cidades
- Limite Estadual
- Limite da Bacia
- Rios

Fonte: IBGE - editado pela CODEVASF (2004) | PLANAP - CODEVASF / OEA 2005

Escala Gráfica: 0 50 100 km



Fonte: PLANAP, 2012.

O Piauí é conhecido estado rico em reservas permanentes de águas subterrâneas, armazenadas em aquíferos da bacia sedimentar Piauí-Maranhão ou Meio-Norte, estimadas em 1.400 bilhões de metros cúbicos e reservas reguladoras provenientes dos volumes da ordem de 2,5 bilhões de metros cúbicos por ano, sendo que as reservas exploráveis são normalmente consideradas equivalentes a 1/3 das reguladoras mais uma parcela das reservas permanentes (MARWELL FILHO, 2005).

Os municípios da Bacia do Rio Parnaíba reúnem-se em aglomerados e territórios ricos pelos bons parâmetros socioeconômicos, técnicos, de vocações produtivas, culturais e ambientais. A divisão em macrorregiões contribui para tornar os territórios áreas de desenvolvimento. Afirma Jara (2010, p.36) referindo-se ao PLANAP que:

Os territórios são áreas geográficas construídas socialmente, marcados por traços culturais e, quase sempre, articulados política e institucionalmente. A vida cultural das comunidades humanas, rurais ou urbanas, tem existência territorializada. O território incorpora a totalidade do processo de modificação do mundo cultural, revelando identidades específicas, que proporcionam o princípio de integração social. De alguma maneira, os territórios configuram o ser coletivo, o caráter das comunidades e desenham tipos diferenciados de sociabilidade. A singularidade de cada Território demanda estratégias e políticas endógenas que expressem sua identidade.

A economia cresce com o desenvolvimento da pecuária, ampliando-a para o crescimento do setor terciário, com destaque do comércio, serviços, agroindústria, com plantação de grãos, cultivo de soja, do arroz, do milho e do feijão, de grande representatividade (BRITO; COSTA, 2012). Na pecuária, destacam-se os rebanhos bovinos de pequeno porte, mas o Piauí destaca-se como estado pecuarista. No extrativismo vegetal, tem-se a carnaúba, babaçu e produção de frutas.

O Piauí é um estado de imensas potencialidades. Impressiona a todos a aptidão para a produção de grãos na região dos cerrados, ainda quase inexplorados; o potencial de irrigação existente em bilhões de litros d'água armazenados nas represas construídas nas últimas décadas, em seus rios e lagoas, perenes ou não, e em seus aquíferos; a beleza natural de seu litoral, vocacionado também para a carcinicultura; suas cidades históricas e sítios arqueológicos; a consolidação de Teresina como centro de saúde, educação e realização de eventos, além da sua posição geográfica estratégica, que possibilita com facilidade o escoamento de sua produção; a consolidação do Estado como um dos principais centros de apicultura do País; e o excelente padrão genético obtido na ovinocaprinocultura nos últimos anos. (BRAZ, 2007, p.3).

Para desenvolvimento do Piauí, o espaço foi dividido em onze Territórios de Desenvolvimento pelo Plano de Ação para o Desenvolvimento Integrado da Bacia do Parnaíba PLANAP: Planície Litorânea, Cocais, Entre Rios, Carnaubais, Vale do Rio Sambito, Vale do Rio Guaribas, Vale do Rio Canindé, Tabuleiros dos Rios Piauí e Itaueiras, Tabuleiros do Alto Parnaíba, Serra da Capivara e Chapadas das Mangabeiras.

O PLANAP tem atuação da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba - CODEVASF e possui plano de ações integradas para o desenvolvimento sustentável da bacia do Parnaíba, abrangendo municípios dos Estados do Piauí (222), Maranhão (36) e Ceará (20), com divisão territorial bem definida (CODESVASF, 2008). Figura 4: Territórios de Desenvolvimento do Piauí.

Figura 4 - Território de Desenvolvimento do Piauí



Fonte: Atlas bacia do Parnaíba

Delimitam-se os territórios de acordo com marcas naturais e culturais, com espaços sociais geograficamente traçados, facilitando configurações e marcas de identidades específicas e singularidades de cada território, que constitui o universo de culturas e saberes. Conhecer os ambientes é relevante para valorização e identificação da diversidade cultural, que atrai visitantes ou fluxos de turistas de lugares e contribui para o desenvolvimento socioeconômico

Macrorregiões ditas Territórios de Desenvolvimento são constituídas de aglomerados de municípios, em diferentes estágios de desenvolvimento que identificam pré-requisitos necessários ao trabalho de produção do desenvolvimento territorial. Assim há diferença de níveis de desenvolvimento dos municípios que compõem as regiões. São diferenças que exigem maior dinâmica territorial que permite aproximar municípios para o desenvolvimento turístico.

O tratamento distinto do conjunto de municípios favorece estratégias de desenvolvimento diferenciadas. A estratégia para implementação de política pública baseia-se na premissa de que os municípios não são uniformes, no que se refere ao comportamento e capacidade de repostas a políticas de incentivo, uma vez que os níveis de envolvimento são diferenciados, levando a resultados diferentes.

O Piauí tem vasta possibilidade para o turismo, por conta da diversidade espacial, variedade de recursos naturais e culturais que despertam interesse a quem procura destinos turísticos. Nordeste é uma região bastante procurada porque detém maior quantidade de praias em todo o litoral. Dos estados do Nordeste, Teresina é a única capital não situada no litoral.

Em vista do clima tropical, o Estado localiza-se em zona de transição entre o Nordeste semiárido e a Amazônia úmida usufruindo vantagens ambientais. Pela configuração “vertical” e localização na parte ocidental do Nordeste, parte sul possui condições geoambientais do planalto brasileiro, com predomínio de vegetação do cerrado. Em face da localização geográfica, existem três grandes biomas brasileiros: Nordeste semiárido, Amazônia úmida e cerrados. Tira proveito de três biomas e apresenta tipos de clima: tropical, predominante, abrangendo maior parte do Estado, na porção centro-oeste, e tropical úmido no Norte, principalmente no litoral.

À vista de variações climáticas, as formações vegetais são Caatinga - Típica do semiárido, no sul e sudeste, com árvores de pequeno porte, arbustos, alguns com espinhos, e cactos. Cerrado diz-se a vegetação do leste e norte do

estado, onde estão as espécies grandes arbustos e árvores esparsas, de galhos retorcidos e raízes profundas. A mata de Cocais é de carnaubais e babaçuais, buritis e palmeiras típicas da área de transição, entre caatinga e floresta, embora devastada pelo uso irracional. A floresta estende-se ao longo do Vale do Parnaíba.

Sob o aspecto geológico, o Piauí é detentor de duas grandes províncias: grande Bacia Sedimentar do Piauí/Maranhão, formada de rochas sedimentares, em espaço equivalente a 84% do território, e província, formada por rochas cristalinas e metamórficas, no contato leste e sudeste, correspondendo a 16% do território. No relevo piauiense, têm destaque planícies litorâneas e aluvionares, nas faixas às margens do rio Parnaíba e de afluentes que permeiam partes central e norte (PLANAP, 2013). Os solos são extremamente intemperizados, ácidos, com baixa disponibilidade de nutrientes, entre os quais, unidades mapeadas latossolos amarelos que representam aproximadamente 50% da área.

A relação da geografia com turismo é muito forte. De modo geral, a prática turística está associada ao desejo de conhecimento de novos lugares, vivência de culturas e admiração de paisagens, e outras motivações. A geografia explica que o relevo e a geomorfologia são consideradas a base e estrutura da paisagem física, compondo, substrato no qual a atividade turística se desenvolve. O uso do relevo é dado pelas condições naturais e condicionam a atividade turística. Assim tem-se turismo nas planícies, serras, montanhas, litorais e relevos diferenciados. O subsolo, objeto de investigação da geologia, também remete ao turismo possibilidades, pois fósseis e peças arqueológicas estão lá estocados. Na exploração, entram em cena geólogos dedicados às pesquisas arqueológicas.

Ao longo dos limites com o Ceará, Pernambuco e Bahia, nas chapadas da Ibiapaba e do Araripe, a leste, e da Tabatinga e Mangabeira, ao sul, encontram-se as maiores altitudes do Piauí, em torno de 900 metros. Entre zonas elevadas e rios que banham o Estado, estão os Rios Gurgueia, Fidalgo, Uruçuí Preto e Parnaíba, em relevo de formações tabulares, contornadas pelas escarpas íngremes, resultantes da ação erosiva das águas. São destaques, no relevo do Estado, depressões periféricas, chapadões do alto-médio Parnaíba, Planalto Oriental da bacia Maranhão/Piauí, Baixos Planaltos do médio-baixo Parnaíba, Tabuleiros Pré-Litorâneos e Planície costeira, uma variedade de formas e canários que ostentam belezas e oferecem possibilidades ao turismo.

O Piauí ganha destaque com o turismo, atividade relativamente recente. A abundância de recursos naturais, culturais e históricas, de norte a sul, contribui para tornar as cidades espaços de beleza cênica e de importância histórica, para a cultura que motiva turistas, embora nem sempre os projetos atentem para conservação do meio ambiente, em especial do Delta recurso do Piauí e das Américas. Delta do Parnaíba, cânions, parques nacionais, sítios arqueológicos, entre atrativos distribuídos pelo território, ajudam a divulgar o turismo, compreender a oferta turística nos aspectos naturais, culturais e de importância histórica, para o turismo e, para o meio ambiente, é verificar a relevância de estudos que colaborem para melhor gestão das riquezas.

3.1 GEOSISTEMAS NATURAIS E O TURISMO

Na literatura científica, geossistema vincula-se à Geografia, em diversas concepções: formação natural, funções terrestres complexas, que incluem a natureza, população e economia, como qualquer sistema terrestre e objeto estudado pela ciência da terra e da sociedade.

Em relação aos elementos de ecossistemas e ao grau de organização do sistema e caráter das relações, reconhecem-se cinco categorias, segundo Aleksandrova e Preobrazhenkll (1982 *apud* RODRIGUEZ; SILVA; CAVALCANTI, 2010, p. 48 e 49).

- **Geossistemas naturais:** partes da superfície terrestre na qual componentes individuais da natureza se encontram em estreita relação uns com os outros, e como um todo interatual com as partes vizinhas da esfera cósmica e da sociedade humana.
- **Geossistemas técnico-naturais:** em interação entre objetos técnicos e naturais. A unidade da conjugação é determinada pela coincidência territorial da estrutura técnica, ao sistema natural, unidade das funções socioeconômicas e interação entre energia, matéria e informação que subordinam espacialmente.
- **Geossistemas integrados:** produtivos e demoecológico, com formações territoriais complexas, que incluem qualidade de subsistema da Natureza, da população e da economia com diferentes atividades: produtivas, culturais, recreativas.

- **Geossistemas ramais:** com grau de complexidade menor, incluindo subsistemas, por exemplo, recreativo, turísticos, territórios naturais e histórico-culturais, sistemas térmicos, pessoal de serviços e órgão de direção.
- **Geossistemas antropocológicos:** variáveis de geossistemas integrados (GALLOPIN, 1986). São antropocêntricos, constituindo sistemas biossociais, auto-organizados, parcialmente dirigidos. O ser humano é o elemento central e os elementos restantes dependem, lógica e funcionalmente, dele. Os elementos formam o meio ambiente do homem. Como elemento central, pode-se tomar qualquer aspecto, seja biológico, social, produtivo, étnico, tomado em conjunto ou independentemente, em qualquer nível hierárquico.

De cinco categorias, a mais adequada ao turismo, segundo Aleksandrova e Preobrazhenkll (1982, *apud* RODRIGUEZ; SILVA; CAVALCANTI, 2010), são os geossistemas ramais, em que se evidencia a separação entre esferas da natureza e da sociedade, visto que escalas de tempo, entre elas, são incompatíveis. Destaque-se, que unidades geossistêmicas delimitadas são resultados de processos de elementos estruturais da natureza e da sociedade que desempenham determinadas atividades, na dinâmica do meio ambiente.

Bertrand (1971), segundo Ross (2006), apresenta o conceito de geossistema no Brasil, traduzido para o português com denominação paisagem e geografia física global. O autor apresenta esboço metodológico, com impacto em estudiosos da Geografia brasileira, sobretudo pela deficiência de conhecimentos prévios, produzidos principalmente na Alemanha e extinta URSS (ROSS, 2006, p.24).

O conceito de “ecossistema” provém da Biologia, em 1935, do ecologista britânico Arthur George Tansley, citado por Odum (1988), como “unidade funcional básica na ecologia, e inclui tanto os organismos quanto o ambiente abiótico” (ODUM, 1988 p. 9). Nesse âmbito, o ecossistema ou sistema ecológico é qualquer unidade (biossistema), que abrange todos os organismos que funcionam em conjunto (comunidade biótica) em dada área, interagindo com o ambiente físico de tal forma que o fluxo de energia produza estruturas bióticas claramente definidas e ciclagem de materiais entre partes vivas e não vivas.

Embora o conceito de ecossistema seja base e a concepção de geossistema como não é a mesma de ecossistema (SOTCHAVA *apud* ROSS 2006 p. 28) explica-se que “Ecossistemas de biocenoses são complexos monocêntricos

ou biocêntricos, nos quais o ambiente natural e as bases abióticas são examinados do ponto de vista de suas conexões com os organismos”. Estudam-se não apenas os componentes da natureza, senão conexões com ela, também não se restringiu á morfologia da paisagem, mas ao estudo da dinâmica, estrutura funcional, conexões físicas e naturais. No Piauí, há paisagens esculpidas, ao longo do tempo, pelos agentes exógenos do relevo, vento, chuva, alterações climáticas erodindo e alterando as formas superficiais da paisagem (Figura 5).

Figura 5 - Paisagem resultante de agentes exógenos do relevo



Fonte: SANTANA, E. 2015

O relevo Piauí tem diversidade de formas, feitos atrativos, distribuídos pelo território. Destacam-se Cãnion do rio Poty, Parque Nacional das Sete cidades, Delta do Parnaíba, um dos três deltas naturais do mundo, Parque Serra das Confusões, Parque Nacional Serra da Capivara, Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Além de atrativos do território, praias estão no pequeno litoral de 66 km: Ilha Grande-Praia do Maceió, Praia Barra do Parnaíba. Cajueiro da Praia - Praia do Mangue, praia de Cajueiro, praia do Morro Branco, praia do Sardim, ponta do Anel, onde se faz passeio de cavalos marinhos, e praias de Barrinha, Barra Grande (Figura 6), as duas mais frequentadas por turistas, principalmente no turismo de aventura do *Kitesurf*. Situada nas barras do rio São Miguel e Cardoso Camurupim, os residentes fazem pesca tradicional e oferecem hospedagem familiar para ganho econômico das famílias. A Figura 6: Praia Barra Grande propícia ao kitesurf.

Figura 6 - Kitesurf em Barra Grande



Fonte: REIS³, 2014

Luís Correia é um pequeno município com praias de Macapá, separada da Barra Grande pelo rio Camurupim, que deságua no Atlântico, praia de águas mansas, propícias a passeio de canoa, vela, sobretudo ao banho. Nela aportam os pescadores trazendo caranguejos e peixes adquiridos pelos residentes e revendedores. Praias do Miramar, Carnaubinha, Arrombado, Itaqui e Peito de Moça são procuradas pelos turistas no Carnaval, feriados e alta estação por turistas nacionais. São praias de uso constante.

A do Coqueiro (Figura 7) é ocupada pelas segundas residências. O número de casas de veraneio cresce ano a ano. A estrutura urbana constitui-se de serviços urbanos, igreja, escolas, bares, restaurantes, posto de saúde. Nela localiza-se o Porto de Barcos donde saem barcos para pesca em alto mar.

³Juscel Reis fotógrafo piauiense que retrata o Piauí.

Figura 7 - Praia do Coqueiro



Fonte: REIS, 2014

Praia também bastante procurada, na alta temporada, é Maramar, com larga faixa de areia clara e fina. O mar favorece práticas de esportes como kitesurf e piscinas naturais tornam-se atrativo a visitantes. Tem infraestrutura, com bares e restaurantes, mas, no período de baixa estação, nem todos os estabelecimentos funcionam. Os visitantes costumam hospedar-se em bangalôs que são bem procurados. A Figura 8 mostra a praia do Maramar em Luiz Correia.

Figura 8 - Praia do Maramar



Fonte: REIS, 2014

Atalaia é a mais frequentada, por ter melhor infraestrutura, residências maiores, mais barracas, bares, restaurantes e eventos. É extensão do município de Parnaíba e lá está o Rio Iguaraçu separando Luís Correia de Parnaíba. A Figura 9 apresenta a praia de Atalaia com barracas.

Figura 9 - Praia de Atalaia - Luís Correia - PI



Fonte: REIS, 2014

As praias de Parnaíba, por exemplo, a do Leão, Das Ostras, do Cotia e da Pedra do Sal têm infraestrutura precária e pouco visitadas. A do Sal é ocupada pelo mar e acumula água em fendas das rochas e, à evaporação da água, deixa sal que lhe explica o nome, tem-se, porém, que o processo de extração de sal não é assim. A Figura 10: praia Pedra do Sal.

Figura 10 - Pedra do Sal – Parnaíba/PI



Fonte: REIS, 2014

Além da orla marítima, o Estado tem belezas naturais e culturais, em lugares das mesorregiões. Para motivações aos visitantes, a política de descentralização leva o turismo ao município de Pedro II, que oferece possibilidades por possuir clima serrano e por diferenciar de outros lugares. Localiza-se a 195 km da capital Teresina e oferece lugares especiais, e opções ao ecoturismo, em propriedades rurais como Sítio Buritizinho, Museu da Roça, Parques Ambientais e cachoeiras. A mais conhecida cachoeira é a do Salto Liso, distante 14 quilômetros do centro da cidade, com queda d'água de 35 metros, ideal para a prática de rapel. A cachoeira do Urubu-Rei é de percurso mais longo e íngreme. Na Figura 11 pode-se observar a cachoeira do Salto Liso, a mais procurada pelos turistas.

Figura 11 - Cachoeira do Salto Liso



Fonte: REIS, 2014

É sede de um dos maiores eventos do estado, no calendário turístico, Festival de Inverno. Em Pedro II, está o morro do Gritador, mirante. O eco devido à estrutura geológica do local, a vista panorâmica com vegetação nativa e imensos paredões de rocha de 720 metros acima do nível do mar constituem atrativos turísticos (Figura 12).

Figura 12 - Mirante do Gritador



Fonte: REIS, 2014

Casarões de estilo colonial atraem atenção de quem visita Pedro II, influência da colonização portuguesa dá charme à cidade. Joias de opalas (Figura 13) é atração para turista, comerciantes, movimentando a economia. Opalas são pedras semipreciosas encontradas somente em dois lugares: Austrália e Pedro II, daí a grande procura.

Figura 13 - Pedra de Opala para lapidação



Fonte: REIS, 2014

A cidade de Oeiras é repleta de atrativos históricos, destacada por ser a mais antiga, com aproximadamente 300 anos. O turismo explora principalmente aspectos históricos (BRITO; COSTA, 2012). Primeira capital, tem centro histórico com casarões antigos, imagens e objetos seculares que reclamam de visitantes volta no tempo. Fé e tradição religiosa atraem turistas, principalmente na semana santa, com eventos religiosos, Procissão do Senhor dos Passos, Cerimônia do Lava-pés, Procissão do Fogaréu e Cerimônia da descida da Cruz.

Para o turismo religioso, são atrativos principais: igrejas: Catedral de Nossa Senhora da Vitória, primeira igreja construída, Igreja Nossa Senhora do Rosário, Igreja Nossa Senhora da Conceição, Monumento de Nossa Senhora da Vitória, Museu de Arte Sacra. Entre os naturais, destacam-se Riacho Mocha e Morro da Cruz, e os histórico-culturais: além de igrejas, o Sobrado Major Selemérico, Casa Tapety, Casa da Pólvora, Ponte de Pedras Zacarias Goes e Casarão das 12 Janelas, pela beleza arquitetônica, valores culturais como exposições e arte e aulas de música. A Figura 14 mostra a igreja Matriz de Oeiras, capital da fé.

Figura 14 - Catedral de Nossa Senhora da Vitória - Primeira igreja piauiense



Fonte: SANTANA, E. 2016

Atrativos turísticos voltados aos recursos hídricos que merecem atenção são poços jorrantes no município de Cristino Castro. O Estado é rico em águas subterrâneas. Poços foram perfurados pelo Serviço Geológico do Brasil CPRM, em busca de petróleo, contudo muitos não foram vedados tornando-se atrativo turístico. O maior fica a 50 km, em Alvorada do Gurgueia (Figura 15), com quase mil metros de profundidade e vazão de mil litros de água potável por hora, atingindo 65 metros de altura.

Figura 15 - Poço Jorrante Violeta



Fonte: Site Meio Norte

Em 2015, o Ministério Público Federal e estadual protocola Ação Civil Pública Ambiental cobrando medidas definitivas para questões dos poços jorrantes, em Cristino Castro, a 595 km de Teresina. Os órgãos chamam a atenção do desperdício da água em região onde milhares de pessoas são abastecidos por carros-pipa. Todavia a Superintendência Regional do Serviço Geológico apresenta, em 2013, projeto que prevê a “Adutora do Sertão do Piauí” ao Ministério da Integração Nacional e à Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) e espera a construção das obras.

Com orçamento preliminar de R\$ 842 milhões, a obra inclui construção de adutora para distribuição de água de 37 poços para 51 cidades do semiárido, atendendo uma população de 600 mil habitantes. (CPRM, 2015). Na ação, pede-se que os governos federal e estadual providenciem inclusão nos respectivos Planos Plurianuais (PPA’s 2016/2019), verbas públicas destinadas à elaboração e execução de projetos, programas e obras que assegurem a implementação da “Adutora do Sertão”, no Estado do Piauí, em exatos moldes da proposta da CPRM. A crise econômica por que passa o país deixa os projetos à deriva e o Piauí continua a esperar como tem feito sempre.

Novos roteiros de ecoturismo apresentam alternativas de incentivo do desenvolvimento da atividade e destacam as belezas naturais. Os atrativos turísticos são estudados nos aspectos geomorfológicos que atraem visitantes ao *Cânion* do rio Poti que, aos poucos, ganha espaço. Opção de destino para os adeptos do segmento de turismo de aventura, tornam-se lugares mais atrativos. A área corta os municípios de Castelo do Piauí, Buriti dos Montes e Juazeiro do Piauí, num percurso de 170 km, intercalado com cânions, corredeiras, margeadas em ambos os lados, por paredões rochosos que chegam à altura de 400m.

Contudo, apesar da paisagem e belezas naturais, a região carece de infraestrutura básica para receber visitantes. A Figura 16 apresenta o cânion do rio Poty, atrativo rico em beleza cênica e biodiversidade.

Figura 16 - *Cânion* do rio Poti



Fonte: REIS, 2014

O Cânion se estende pelos municípios de Crateús no Ceará, Castelo, Buriti dos Montes e Juazeiro no Piauí, com destaque do turismo. A cidade de Castelo ao norte, a 190 km da capital Teresina, desperta curiosidade de visitantes pelos atrativos geomorfológicos. As formações rochosas areníticas criam imagens diversas, pirâmide, esfinges, atrativos turísticos. A Figura 17 mostra a pirâmide de formação rochosa no Castelo/Piauí.

Figura 17 - Formação de pirâmide no Castelo/Piauí



Fonte: REIS, 2014

São atrativos de Castelo: Pedra de Castelo, Castelo das Barrocas, Castelo dos Tucuns, Formações Rochosas do Pico dos André e Cânion do Rio Poty. A cidade também é procurada por turistas por sediar eventos, em especial, Cachaça Fest, em homenagem ao principal produto da região. O turista, além de conhecer roteiros, visita a Fábrica de Cachaça e acompanha o processo de fabricação da “pinga”. A Figura 18 apresenta a Pedra do Castelo.

Figura 18 - Pedra de Castelo



Fonte: REIS, 2014.

No turismo, ocorrem processos de natureza social, econômica, cultural e ambiental, com relações e correlações que envolvem percepções que representam atitudes e posturas culturais do turista, sobretudo de gestores dos serviços turísticos. A percepção ambiental interfere no processo de trocas entre sociedade e natureza, e vice-versa, definida por Del Rio (1999, p. 3), como “um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá por mecanismos perceptivos propriamente ditos, principalmente os cognitivos”. Daí por que a atividade tem maior e melhor significado, por parte dos que compreendem as relações à base da igualdade e não de domínio. Os valores fortalecem sentimentos associados à paisagem e às pessoas. Desse modo, lugares são planejados com base no tripé da conservação, contemplação e desenvolvimento socioeconômico como ocorre com os parques nacionais, a exemplo do Parque Ecológico de Cachoeira do Urubu no Piauí.

A cachoeira no rio Longá, no município de Esperantina, insere-se na paisagem rica de morros e matas, margeada de vegetação cerrada, caatinga e palmeiras de carnaubais que formam cenário acolhedor para turistas, principalmente em períodos de chuva. Na estiagem, dá-se redução do volume das águas do rio por entre rochas, formando piscinas naturais. O nome da cachoeira, nada atrativo, dificulta a venda do produto e precisa ser repensado. Surge por causa da ação da piracema que naturalmente proporciona a morte de peixes ao tentarem subir o rio a nado em contramão da cachoeira. Mortos servem de alimentos a urubus, e os residentes dizem-na Cachoeira do Urubu.

A implementação do Parque Ecológico, na região, possibilitou a instalação de infraestrutura para torná-la receptiva a turista e banhistas. Passarela de 400 metros liga as margens do rio proporcionando agradável visão do conjunto. O projeto prevê construção de pousadas, restaurantes, equipamentos urbanos para atender o aumento da demanda com fluxos regulares de visitantes. A Figura 19 mostra a Cachoeira do Urubu, em Esperantina.

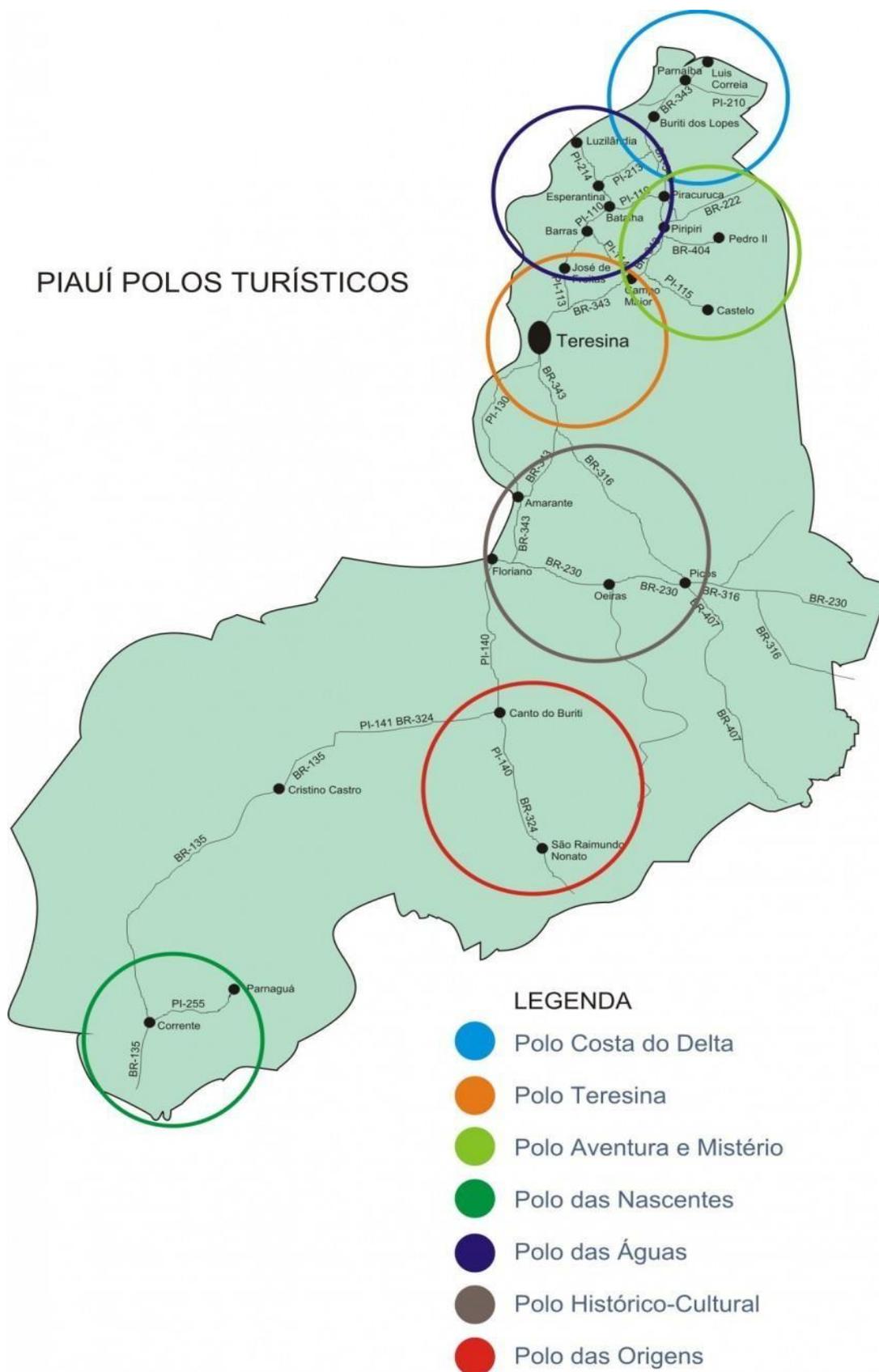
Figura 19 - Cachoeira do Urubu - Esperantina/PI



Fonte: Site América, 2011.

O governo do estado tem se empenhado, no sentido de diversificar os atrativos para tornar os roteiros competitivos. Na organização da atividade turística, definiram-se sete Polos Turísticos: Costa do Delta, Aventura e Mistérios, Águas, Teresina, Histórico-Cultural, Origens e Nascentes (SOUSA, 2011). Algumas denominações referem-se às atividades turísticas do polo. A Figura 20 apresenta os polos turísticos do Piauí que são áreas geográficas, naturais e culturais.

Figura 20 - Mapa dos polos turísticos do Piauí



A estruturação dos Polos Turísticos leva ao entendimento de que o estado planeja o turismo. Apesar de turismo incipiente, com pequenos fluxos de turistas, o governo investe em *marketing*, na tentativa de atrair fluxos para torná-lo destino turístico dos que buscam tranquilidade, cultura e paisagens naturais, sendo o estado propício ao ecoturismo e turismo de aventura.

No âmbito estadual, há duas organizações turísticas da esfera pública, responsáveis pela política de turismo: autarquia estadual Piauí Turismo (PIEMTUR), organizada em janeiro de 2005, reordenada com o nome SETUR ou Secretaria de Turismo do Piauí, fundada em junho 1971. Tentativas de fazer o turismo deslançar datam da década de 1970, somente em 2000, o turismo toma maior impulso. Organização Secretaria de Turismo do Piauí (SETUR), de 2007, com missão de coordenar, elaborar, acompanhar a execução do Plano Estadual de Turismo (PDITS, Costa do Delta, 2012).

Ao longo de anos, a PIEMTUR desenvolve ações direcionadas ao planejamento turístico, pela execução de programas de qualificação da força de trabalho oferecendo cursos de informações turísticas, formação de guias de turismo voltados para o segmento hoteleiro e agenciamento. A rede hoteleira, denominada Rede Integrada de Hotéis e Pousadas do Piauí S/A – RIMO, é composta por cinco hotéis no interior do estado, sob gestão da PIEMTUR, até 1997. Agora, os hotéis estão arrendados a terceiros e sob gestão privada (PDITS Costa do Delta 2012). A SETUR assume responsabilidades e ações, antes da PIEMTUR.

A gestão do PRODETUR como Unidade Estadual Executora ficou com a Secretaria Estadual de Planejamento – SEPLAN, de responsabilidade da SETUR/Piauí.

A Secretaria de Turismo tem, assim, missão de alavancar o turismo, qualificar o *trade* e trabalhadores e profissionalizar o turismo, valorizar o produto, buscar novos empreendimentos e implementar infraestrutura. Assim, participa da gestão de planos e programas turísticos no âmbito federal, desenvolvidos no Estado. Viabiliza intercâmbios com entidades turísticas municipais, estaduais, nacionais e internacionais, tentando evitar superposições de funções e atividades como muitas vezes acontece no serviço público.

Segundo relatórios do PRODETUR-NE, os recursos do PRODETUR/PI I destinaram-se somente à elaboração do Plano Diretor do Turismo Arqueológico do Piauí; elaboração do Projeto de Controle Ambiental das dunas na Lagoa do Portinho;

construção da Rodovia PI 301/302- Entroncamento BR-402 entre Camurupim e Barra Grande; Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável Polo Costa do Delta de 2002, e Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico do Estado – PET (Relatório PRODETUR/PI). Na segunda fase do PRODETUR II, o programa consolida as atividades do PRODETUR/NE I completando as ações, buscando práticas sustentáveis; aumento de receitas provenientes da atividade turística e melhoria da capacidade de gestão das receitas por parte dos Estados e Municípios. O Piauí conseguiu captar 6% do total de US\$ 400 milhões dos recursos disponíveis do PRODETUR II (BNB, 2005). Dessa forma, a estratégia de ordenamento territorial realça que o turismo, no contexto nacional, privilegia majoritariamente o litoral do país e propõe desconcentração da atividade para o interior, por meio da coordenação estadual, de forma que os municípios se agrupam em polos de turismo e propõem roteiros e estratégias de implementação. (BNB, 2010, p. 82).

Estratégia, com impacto direto na ordenação do território PNT, é a preocupação com infraestrutura de apoio ao turismo no país, de forma a propiciar desenvolvimento socioeconômico com qualidade e sustentabilidade, em especial ao remeter à acessibilidade e saneamento ambiental, afirmando que, nesse momento, órgãos de gestão do turismo necessitam de setores da administração pública, para que obras de infraestrutura possam ser viabilizadas (COSTA, 2009, p. 86).

Gestão nacional do turismo traça apenas diretrizes políticas de planos regionais, muitas vezes não alcança diretrizes de ordenamento territorial pelo turismo, nos planos de regiões e polos (COSTA, 2009, p. 87). O maior desafio da gestão do turismo é articular, de fato, o setor com as demais atividades, para que o planejamento não incorpore caráter meramente regionalizado e de diferenciação regional, mas utilize, da melhor maneira possível, os recursos paisagísticos.

O Ministério do Turismo, ao dar prioridade à atividade como política pública, acredita na atividade econômica como vetor do desenvolvimento sustentável e como alternativa relevante, na geração de emprego e renda. O turismo analisado sob aspecto produtivo tem reconhecida importância como gerador de divisas e postos de trabalho. A intervenção planejada no espaço pelo poder público tem o sentido de aperfeiçoar potencialidades e oferecer medidas que fortaleçam a atuação dos destinos nacionais gerando competitividade entre espaços e dinamizando economias locais.

Recursos de desenvolvimento de destino indutor, segundo Barney (1991), são capacidades, processos organizacionais, atributos, informação e conhecimento, ou seja, aspectos gerenciáveis que permitam conceber e implementar estratégias. Pela Teoria dos Recursos, uma vez conhecido o ambiente interno - vertente impulsionada por Wernerfelt (1984) e defendida por Barney (1991) -, a organização passa a ter poder de gerir e potencializar recursos. Nessa dimensão, as variáveis de mensuração do nível de competitividade dos destinos turísticos estão no Quadro 1:

Quadro 1 - Variáveis para a mensuração do nível de competitividade

Serviços básicos de apoio	Instrumentos de disseminação de informações empregadas pelo destino	Existência de planejamento de desenvolvimento turístico integrado para a região
- Capacidade de atendimento médico ao turista no destino;	- Eventos realizados no município;	- Identificação de responsáveis pelo andamento dos projetos (avaliados por meio de responsabilidades formalmente definidas);
- Fornecimento de energia;	Sistema de apoio à distância do Programa de Regionalização do Turismo	- Efetividade do plano (examinado por intermédio de ações já implementadas);
- Serviço de proteção ao turista;	Mídias adequadas; Documentos oficiais do município;	- Eficiência, que pode ser medida pela avaliação de fluxos de comunicação entre os diversos atores envolvidos;
- Estrutura urbana em áreas turísticas.	- Redes de relacionamento; - Internet; - Outras formas de disseminação de informações.	- Controle, pelo órgão gestor de turismo municipal, das atividades realizadas, por meio de relatórios formais da instância regional ou reuniões periódicas.

Fonte: FGV/MTur/SEBRAE, 2009.

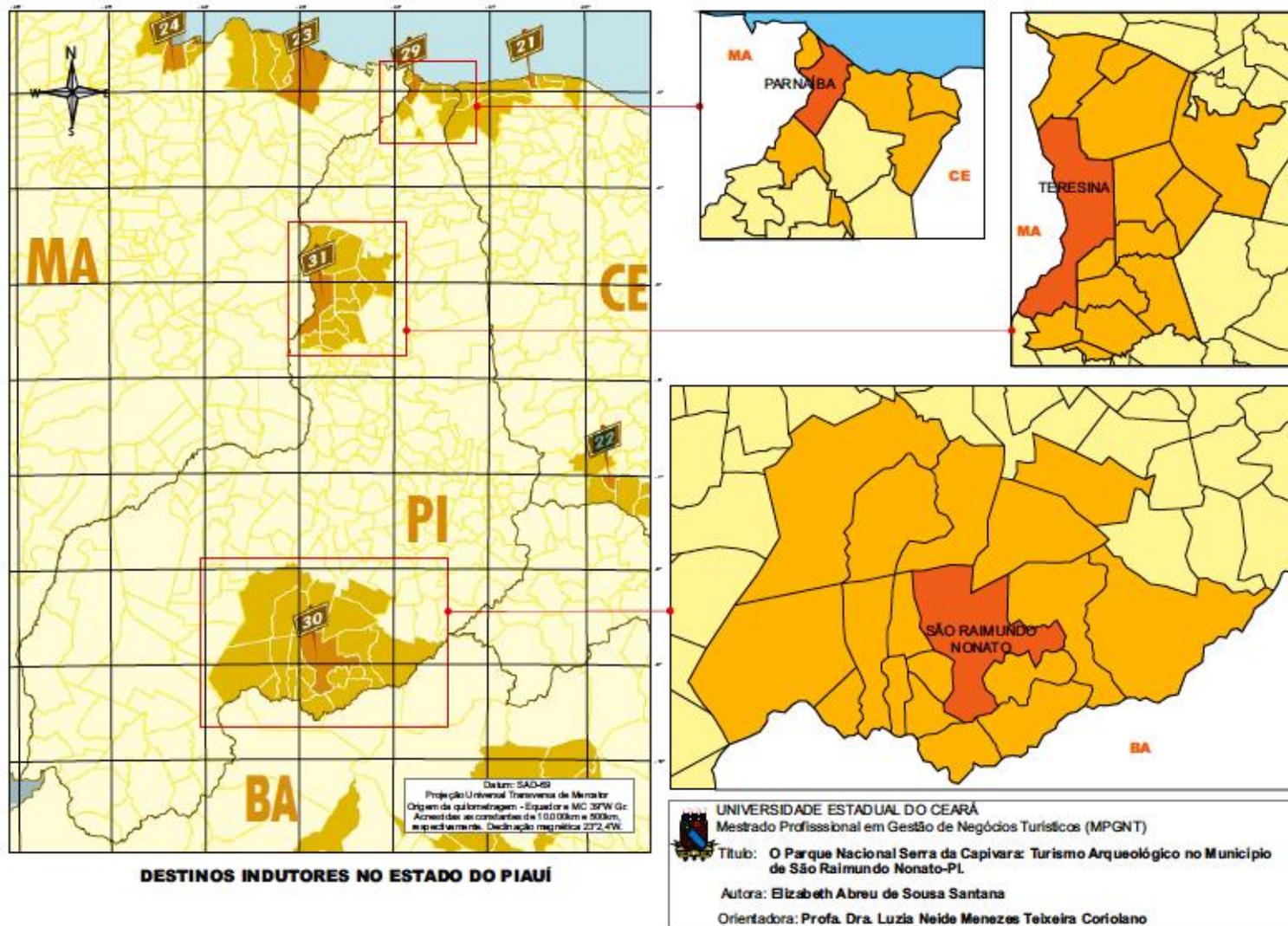
No conjunto de ações do Plano Nacional de Turismo, existe estruturação de destinos turísticos brasileiros ou nos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Nacional que busca promoção de planejamento, organização e gestão territorial e institucional de regiões turísticas, por meio do apoio à sensibilização e mobilização das comunidades, fortalecimento de instâncias de governança, apoio à elaboração e implementação de planos estratégicos de desenvolvimento do turismo, formalização de redes de relacionamentos; realização de estudos e eventos para

subsídio à implementação das ações de regionalização do turismo, sobretudo, articulação interna com os demais programas do Ministério do Turismo.

Destinos indutores de desenvolvimento turístico regional possuem infraestrutura básica e turística e atrativos qualificados, que se identificam como núcleo atrativo de fluxos turísticos (MTUR, 2013). O levantamento de informações turísticas, por meio do Inventário da Oferta, é fundamental para o planejamento da atividade e elaboração de estratégias, em relação ao que se quer para destino determinado. E também para regiões do entorno, pois a prática indutora impulsiona práticas e dinamiza a economia do município, gerando empregos para a população.

Figura 21: destinos indutores do turismo no Piauí.

Figura 21 - Destinos indutores no Estado do Piauí



Não basta posição de vantagem na região: é preciso mantê-la ao longo do tempo. Assim, para que a posição de vantagem de São Raimundo Nonato seja sustentada em longo prazo, o município monitora constantemente variáveis que remetem à competitividade para se posicionar sempre de forma diferenciada entre concorrentes. A implementação de estratégias inovadoras é fundamental. Assim, destino é indutor e competitivo, ao se diferenciar, em determinado mercado, com retornos de capitais investidos.

Para ascensão do turismo faz-se necessário, cada vez mais, planejamento de políticas de turismo. No desenvolvimento de políticas públicas de turismo, o governo identifica potencialidades, interesses de diversos grupos e aloca infraestrutura básica atentando para oportunidades de turismo para residentes, turistas e empreendedores. Daí Coriolano e Silva (2005, p.62) afirmar:

O turismo é uma prática social, que reúne oportunidades de aquisição cultural, troca de experiências, realização de sonhos, busca de emoções e formas de aprendizagem. É negócio econômico para aqueles que o vendem e uma oportunidade de aprendizagem para os que o fazem.

Turismo, sob o aspecto produtivo, tem reconhecida importância como gerador de divisas, negócios, por gerar oportunidades de trabalho. Intervenção planejada, no espaço, por parte do poder público, precisa otimizar potencialidades e oferecer medidas para fortalecimento de atuação dos destinos, nos mercados nacionais e internacionais, gerando competitividade entre os espaços e dinâmica da economia. O estado do Piauí carece de mais investimentos e estudos sobre turismo. Principalmente sobre destinos indutores: Parnaíba, Teresina e São Raimundo Nonato.

3.2 TURISMO NOS PARQUES NACIONAIS DO ESTADO DO PIAUÍ

O Brasil é um país de potencial turístico em recursos naturais, considerando sua dimensão continental, com geossistemas. Parte dos recursos está protegida em Unidades de Conservação, com 71 parques nacionais. Dados do Instituto Chico Mendes, sobre Conservação da Biodiversidade (ICMBio), mostram que as unidades receberam 6,6 milhões de visitantes em 2014, 10% a mais do que

em 2013. Para o ministro do Turismo⁴, os números comprovam a importância do turismo de natureza como vetor do desenvolvimento econômico do país.

Diz a (OMT 2002 p.17) que "a região das Américas é provavelmente uma das regiões do mundo onde o ecoturismo se desenvolve com mais rapidez.", de que resulta preocupação e motivos de inquietação, evidenciados na participação das comunidades, na necessidade de programas de certificação, independência de capacidade econômica e capacitação em todos os níveis.

Espaços sempre trazem impactos aos ambientes, preocupação de torná-los positivos e mitigar os negativos, inevitáveis. Daí necessidade de planejar com esse fim. Principalmente em Áreas de Proteção Ambiental - APAs e Área de Preservação Permanente - APP - unidades que requerem planejamento e controle, para uso de forma correta, sem causar impactos ao meio ambiente e à sociedade. Segundo Dias (2003 p. 21), "os impactos do turismo sobre o meio ambiente são inevitáveis, o que se pretende é mantê-lo dentro de limites aceitáveis, para que não provoque modificações ambientais irreversíveis e não prejudique o prazer do visitante ao usufruir o lugar". As atividades econômicas provocam impactos ambientais, daí a necessidade do controle. O turismo consome e produz espaços. Carlos (1999, p.25) afirma que:

[...] cada vez mais o espaço é produzido por novos setores de atividades econômicas como a do turismo, e desse modo praias, montanhas e campos entram no circuito da troca, apropriadas, privativamente, como áreas de lazer para quem pode fazer uso delas.

O turismo, pois incorpora ambientes naturais, com demandas específicas, estabelecendo-se inclusive, em ambientes conservados como parques nacionais. As unidades de conservação destacam-se na inserção da atividade turística. O Artigo 11 da Lei 9.985/00 explicita o objetivo das unidades de conservação:

Unidade de conservação que tem por objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisa científica e o desenvolvimento de atividade de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e turismo ecológico (SNUC, 2000).

As unidades de conservação são classificadas com denominações. O Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC - define unidade de conservação, segundo Lei 9.985, de 18 de julho de 2000:

⁴ Henrique Eduardo Alves.

Espaço territorial com os recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (SNUC, 2000).

No Brasil, as Unidades de Conservação (UCs) dividem-se em dois grandes grupos, sujeitos a diferentes tipos de gestão e manejo.

- **Unidades de proteção integral** – com ênfase na preservação da natureza, admitido apenas o uso indireto de recursos naturais, por meio de atividades educacionais, científicas e recreativas. Categorias inseridas no grupo: estação ecológica, reserva biológica, parque nacional, monumento natural e refúgio de vida silvestre (BRASIL, 2003).
- **Unidades de uso sustentável** – têm foco na conservação da natureza, com uso sustentável de parcela dos recursos naturais. Categorias do grupo: área de proteção ambiental, área de relevante interesse ecológico, floresta nacional, reserva extrativista, reserva de fauna, reserva de desenvolvimento sustentável e reserva particular do patrimônio natural (BRASIL, 2003).

Parques Nacionais ou áreas de Preservação Ambiental (APAS) inscrevem-se na categoria de proteção integral e têm por objetivo, segundo o art. 11 da lei, a preservação de ecossistemas naturais de relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. Costa (2002) afirma que as Unidades de Conservação necessitam de infraestrutura administrativa, adequada a uso turístico, precisando de sinalização, planejamento de trilhas para que sejam observadas diretrizes do Plano de Manejo, ao tempo em que realizam visitas de forma satisfatória a visitantes.

A legislação brasileira é rica e diversificada, porém a fiscalização é deficiente. Precisa ser intensificada para sua eficácia no cumprimento das normas estabelecidas, pois os planos de manejo precisam ser rigorosamente obedecidos, na execução das atividades em ambientes preservados.

Medidas de gestão têm finalidade de preservar a vida, resguardar a biodiversidade para gerações presentes e futuras, uma vez que o crescimento demográfico, em grande escala, somado às atividades econômicas, causam danos resultando na diminuição de espécies em ambientes naturais. É importante conhecer

categoria de unidade de conservação e lei de proteção, pois o turismo, em áreas protegidas, só deve acontecer quando a unidade possui normas de visitação pública com restrições previstas. Com permissão para visitação, a unidade de conservação deve obrigatoriamente possuir infraestrutura de banheiros e trilhas demarcadas.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) prevê a criação e gestão de unidades de conservação nas esferas de governo, federal, estadual e municipal. Para melhor definição do zoneamento da unidade e alcançar os objetivos de forma eficaz, os espaços são geridos pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), pelo Ministério do Meio Ambiente e pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA (BRASIL, 2003).

O turismo, ao tempo em que fortalece a manutenção de unidades de conservação, dinamiza economias locais e incrementa recursos financeiros de manutenção das próprias áreas. O desafio consiste, no entanto, em desenvolvê-lo de forma responsável e integrada à diversidade sociocultural, aos conhecimentos tradicionais e à conservação da biodiversidade. Tem-se que isso é possível desde que realizado com responsabilidade e voltado ao objetivo.

O primeiro Parque Nacional instalado foi o de Sete Cidades (Figura 22), entre os municípios de Brasileira, Piripiri e Piracuruca, a 196 km de Teresina, criado pelo Decreto Federal nº 50.744, de 05 de junho de 1961. A vegetação é típica de ecossistema de cerrado, com áreas de transição entre vegetação de caatinga, 6.221 hectares, e pinturas rupestres.

Figura 22 - Parque Nacional das Sete Cidades



Fonte: SETUR/PI

Os valores da ecologia têm ocupado considerável espaço no mundo moderno, com pessoas atentas a essa necessidade. A apropriação de unidades de conservação para o turismo exige aplicados princípios da ecologia e, quando isso não acontece, ocorrem degradações e impactos preocupantes. As atividades econômicas têm agredido a natureza exigindo, cada vez mais, produção e competição na crença do lucro que tem sido causa de desequilíbrios ambientais, no turismo e fora dele.

Em 1979, criaram-se novos Parques Nacionais no País, condicionados pelos critérios técnicos científicos estabelecidos pelo Plano do Sistema de Universidade de Conservação do Brasil, entre eles, Parque Nacional Serra da Capivara, no município de São Raimundo Nonato, a 543 km da capital Teresina, criado pelo Decreto Federal nº 83.548, de 05 de junho de 1979 (BRITO; CÂMARA, 1998). A Figura 23 apresenta o Parque Nacional Serra da Capivara.

Figura 23 - Parque Nacional Serra da Capivara



Fonte: SANTANA, E. 2015

Orienta a OMT (1998) que o turismo, em lugares naturais, seja feito de forma conservacionista, conciliando exploração turística com equilíbrio do meio ambiente, de modo a oferecer aos turistas contato com a natureza valorizando recursos naturais e culturais para formação da consciência ecológica. A estrutura dos parques para ecoturismo é projetada considerando o perfil de turistas que procuram contato com a natureza. Os parques possuem espaços para atendimento de necessidades básicas, para lazer com segurança, promovendo atrações que não gerem impactos negativos. Assim, beneficia a comunidade receptora, gera empregos e promove educação ambiental e conservação do espaço.

Em outubro de 1998 por decreto federal foi criado o Parque Nacional Serra das Confusões (Figura 24), em área de 502. 411 hectares a aproximadamente 6^o5 km de Teresina, abrange os municípios de Caracol, Guaribas, Santa Luz e Cristino Castro. A cobertura vegetal é de caatinga arbustiva espinhosa devido ao clima semiárido. Na área, encontram-se sítios arqueológicos em cavernas e grutas, apresentando litogravuras em paredões rochosos de valor histórico, científico e cultural. O nome “confusões” é decorrente do fato de que residentes ficavam confusos com a variedade de cores das rochas ofuscadas com a luminosidade. A Figura 24 apresenta o Parque Serra das Confusões no sudeste do estado.

Figura 24 - Parque Nacional Serra das Confusões



Fonte: PESSOA, 2013.

Ambientes naturais são espaços demandados para turismo. Quando do ecoturismo, em ambientes preservados, deve ser planejado para não acarretar danos à natureza. Turismo em todos os segmentos, deve ser ecológico e respeitar a natureza. Há os que muitas vezes esquecem respeito à ecologia e provoca desequilíbrio ao meio ambiente: destruição de áreas, poluição das águas, caça e pesca predatórias, pressão demográfica sobre a natureza e descaracterização de patrimônios culturais.

Parque de destaque do Piauí, para proteção do Rio Parnaíba, é o Parque Nacional Nascente do Rio Parnaíba (Figura 25). Criado em 16 de julho de 2002 por decreto federal, possui área de aproximadamente 729.848 hectares, na divisa dos estados do Piauí, Maranhão, Bahia e Tocantins.

Figura 25 - Parque Nacional nascentes do Rio Parnaíba



Fonte: PESSOA, 2003.

O Parque protege 16 nascentes da bacia hidrográfica do rio Parnaíba, (BRASIL, 2015), abriga o riacho Água Quente e o Rio Corriola, com preservação dos afluentes da margem esquerda do Rio São Francisco e da Margem Direita do rio Tocantins. Abrange os municípios de Gilbués do Piauí, Barreiras Piauí, São Gonçalo do Gurgueia/PI, Corrente/PI e Santa Filomena/PI e municípios maranhenses, de Tocantins e Bahia. Proporciona atividades de educação ambiental aliadas a atividades recreativas de ecoturismo, buscando preservar recursos naturais e da diversidade biológica, bem como propiciar a realização de pesquisas científicas. Complexidade e pluralidade de biodiversidade do Piauí fazem refletir sobre a necessidade de educação ambiental, definida oficialmente pelo Ministério do Meio Ambiente (2015):

Educação ambiental é um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornam aptos a agir – individual e coletivamente – e resolver problemas ambientais presentes e futuro. (MMA, 2015, p.4).

Educação ambiental é parte da educação informal, iniciada no interior da família, pessoa e comunidades. Todos interiorizam conceitos, ideias e valores ambientais, na certeza de que evitam problemas ambientais, sozinhos e

coletivamente. Os residentes têm conhecimento da natureza do lugar e experiência necessária para proteção, conservação e preservação do ambiente. Educação ambiental e sustentabilidade remetem à comunidade como centro de defesa ambiental. Com tal mentalidade não formada, espera-se de governos e ambientalistas. Educação ambiental parte de cada pessoa, do princípio de que todos são responsáveis pelos ambientes pertencentes às gerações futuras.

Fernandes *apud* Faggionato (2004) esclarece que a questão ambiental é definida como tomada de consciência do ambiente, ou seja, percepção do ambiente, para proteção e cuidado da natureza com consciência. Educação, principal meio de mudança social, transforma pensamentos e ações, por isso é a forma de introspecção em valores e comportamentos, em favor da valorização ambiental.

Educação ambiental faz-se necessidade de se ter conservação e se salve o planeta e Parques Nacionais. Turismo de natureza é um dos principais aliados da religação de pessoas com natureza, de forma equilibrada e incentivadora da preservação ambiental. Incentivo ao consumismo e conforto proporcionados pela tecnologia e mercado comprometem a natureza.

Não se pode excluir o consumo, mas reduzi-lo para diminuir impactos de degradação. Leroy e Pacheco (2005, p.14) afirmam que temos que “pensar a educação ambiental como educação cidadã; mais que isso, como educação planetária”. A mudança de concepção e de atitude chama-se reeducação. Há reaprender a lidar com o meio ambiente retirando da natureza o de que se precisa para viver, de forma sustentável.

3.3 DESTINOS INDUTORES DO TURISMO NO PIAUÍ

Piauí desponta no cenário turístico nacional com pouco poder de competitividade: falta-lhe muito para tornar-se Estado desenvolvido. Faltam políticas públicas em vários setores, além de promoções sistemáticas para sua divulgação no turismo nacional, e superação de entraves e fazê-lo destino turístico nacional consolidado.

Teresina é especialmente identificada pela presença dos rios Parnaíba e Poti, atrativos naturais. Cidade arborizada com parques ambientais, praças e diferencial entre as capitais do Nordeste, conhecida como cidade verde. Apesar de não estar no litoral, tem turismo litorâneo e se complementa com mais dois

segmentos: de negócios e eventos. Incentivos ao turismo são traduzidos pela notável presença da sede de grandes eventos com intensificação do fluxo de redes de hotéis e restaurantes. Colabora a dinamização da economia, também o comércio, forte na economia. A Figura 26 apresenta visão aérea da capital Teresina, moderna e dinâmica.

Figura 26 - Cidade de Teresina



Fonte: REIS, 2014

Teresina possui completa rede de serviços de saúde, com hospitais, clínicas, policlínicas, unidades mistas, centros e postos de saúde, pertencentes ao Estado, Municípios e à iniciativa privada, o que torna a capital importante centro de atendimento médico nas mais diversas especializações. O turismo de saúde é destaque e tem gerado fluxo para a capital, lugar com potencialidades que precisam ser maximizadas pelo planejamento socioeconômico.

Sobre planejamento, Barretto (2005, p. 41) tem que “planejar turismo significa planejar para todos os fatos envolvidos com o fenômeno”, e Molina (2005, p. 46) completa, mostrando que o planejamento do turismo é “um processo racional cujo objetivo maior consiste em assegurar o crescimento e o desenvolvimento

turístico”. Implica vincular aspectos relacionados com oferta e demanda e com subsistemas turísticos, em concordância com orientações das demais atividades econômicas do país. Figura 27: principal avenida da Capital.

Figura 27 - Avenida Frei Serafim em Teresina



Fonte: REIS, 2014

Ser competitivo significa ter meios necessários à competição, oferecer vantagens, estar à frente de concorrentes, e líder significa estar à frente do processo. As empresas não mais atuam em única região ou país, senão em mercados globalizados, onde as regras de competição são necessárias, também a destinos turísticos.

Lazer e turismo são contemporaneamente válvulas de escape de pessoas em metrópoles, pelo estresse do cotidiano pela pressão do trabalho. Acontecem como forma de diminuição da carga de atividade. Por isso as pessoas buscam refúgio no turismo, de residências a lugares, em busca de distração. Mesmo pessoas que viajam a trabalho conseguem fazer lazer longe de casa, que se identifica com turismo. Assim, a organização do território por atores sociais, instituições, empresas, residentes, aproveita potencialidades de desenvolvimento do turismo.

O encontro dos rios é num Parque Ambiental, na zona norte de Teresina, no bairro do Poty Velho, mais antigo bairro, área de bastante influência da pesca e artesanato de terracota, onde deságua o rio Poti no Parnaíba. Encontram-se trilha,

banheiros e quiosques de venda de artesanato. Restaurante flutuante sobre o rio Poti, com cardápio regional à base de peixe. Segundo a Secretaria de Turismo do Estado, o encontro é atrativo turístico mais visitado, atrás apenas do mirante da Ponte Estaiada. À entrada, monumento do Cabeça de cuia que remete à lenda repetida a visitantes (Figura 28). O pôr do Sol é procurado pelo visitante da área.

Figura 28 - Monumento do Cabeça-de-cuia



Fonte: REIS, 2014.

Na Figura 29 pode-se ver o completo turístico do encontro dos rios localizado em Teresina.

Figura 29 - Complexo turístico no encontro dos rios em Teresina



Fonte: REIS, 2014.

Parnaíba é a segunda maior cidade e também núcleo indutor do turismo. Trata-se de cidade de avenidas largas, residências modernas e serviços urbanos. Detém um dos maiores atrativos: Delta do rio Parnaíba que margeia a cidade e desemboca no Oceano Atlântico, em cinco saídas ou bocas, formando ilhas, o que constitui o delta (Figura 30).

Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba e Reserva Extrativista de Marinhas do Delta (Figura 31).

Figura 31 - Delta do Parnaíba



Fonte: REIS, 2014

Principais ilhas do Delta: Ilha das Batatas, dos Poldos (área particular pertencente à empresa de cardume espanhola), das Salinas, da Trindade, do Caju. Grandes ilhas: Ilha grande, Ilha grande do Paulino, Ilha das Canárias, Ilha grande Santa Isabel que viabiliza circulação entre cidades de Parnaíba, praia da Pedra do Sal, cidade de Ilha Grande e Porto dos Tatus, que possuem baías: das Canárias, Caju, Tutoia e Melancieira.

É destino indutor São Raimundo Nonato, que avoluma o fluxo de turistas para conhecimento de vestígios da presença do homem mais antigo das Américas, no Parque Nacional Serra da Capivara, Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. São Raimundo Nonato é considerada museu a céu aberto, com variedade de acervos que datam de mais de 50 mil anos, cujo turismo em início no trabalho da arqueóloga francesa Niède Guidon, que contribuiu decisivamente para criação do Parque Nacional Serra da Capivara. Figura 32: entrada da cidade de São Raimundo Nonato.

Figura 32 - Monumento da Cidade de São Raimundo Nonato



Fonte: SANTANA, 2015

O Parque foi institucionalizado tendo em vista proteção a sítios arqueológicos e paleontológicos, “berço do homem americano”, inserido no “Polo das Origens”, área de interesse científico e de turismo arqueológico, conforme informações do Plano Nacional de Regionalização, vinculado ao Plano Nacional de Turismo (BRASIL, 2013), que trata de políticas públicas para desenvolvimento do turismo e inclui destinos indutores. São Raimundo Nonato tem grandes recursos, naturais e culturais, que compõem grupo de atrativos turísticos da região.

A atividade turística recebe impulsos, apesar disso, pesquisas ali realizadas pela equipe da Coordenação ficam esquecidas de governos e empreendedores, passando, alguns anos, por momentos de crise quando as pesquisas paralisam por falta de verbas e apoio. Falta ao País consciência e valorização do patrimônio histórico e natural, de forma que construam estratégias eficazes para garantia de continuação dos trabalhos em São Raimundo Nonato, carente de investimentos, no que concerne à estrutura física, sendo o principal desafio da gestão e do patrimônio histórico. Sobretudo por ser cidade turística, há necessidade de preparação, de condições urbanas, de recepção de visitantes, em parte estudiosos e pesquisadores arqueólogos de países.

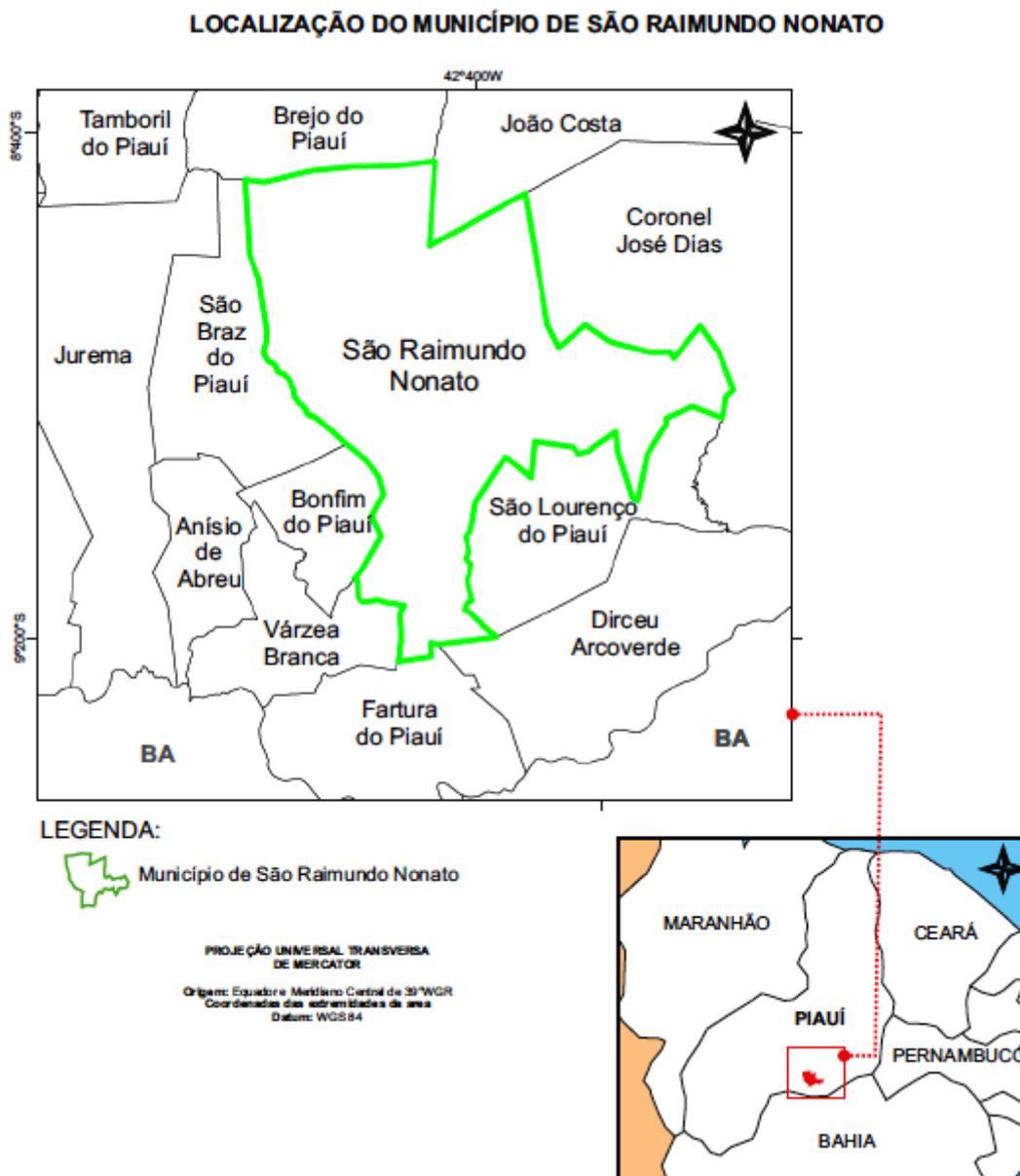
Competitividade turística é ação que, ligada à eficiência empresarial e governamental, é base do sucesso ou fracasso dos negócios, em que há livre concorrência. Lugares com competitividade prosperam e destacam-se dos demais

concorrentes, independente do potencial de lucro e crescimento. Competitividade implica correta adequação das atividades do negócio ao microambiente (DEGEN, 1989, p.106-107). É fenômeno dinâmico, ou seja, ações estratégicas que ficam obsoletas com o tempo, e precisam de atualização, o que não acontece em núcleos indutores. O ambiente está em permanente evolução e requer constante desenvolvimento de recursos. Nesse sentido, os destinos turísticos precisam desenvolver continuamente capacitação dos profissionais, técnicos que oferecem serviços para inovação e modificação da situação de inércia.

4 MUNICÍPIO DE SÃO RAIMUNDO NONATO, NÚCLEO INDUTOR DO TURISMO

São Raimundo Nonato, segundo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), possui população aproximada de 32.327 habitantes, em área territorial de 2.415,602 km², com densidade demográfica de 13,38 hab/km². A cidade fica à margem esquerda do rio Piauí. Integra a mesorregião 03 do Sudoeste e compõe microrregião compreendida pelos 13 municípios. Dista de Teresina apenas 550 quilômetros, altitude de 400 metros, com as seguintes coordenadas: Latitude sul, 9° 00'54"; Longitude oeste, 42°, 41', 54". A Figura 33 apresenta o Município de São Raimundo Nonato.

Figura 33 - Mapa de localização de São Raimundo Nonato



Fonte: Organizado por SANTANA, E., a partir de dados do IBGE 2015.

A ocupação de São Raimundo Nonato se deu com base na expansão da pecuária e agricultura, em especial com maniçoba. Maniçobeiros da região tinham interesse em que mais pessoas também extraíssem látex. A pecuária foi a atividade econômica de maior destaque para o povoamento. Para Dias (2007, p.13):

Predominou a pecuária extensiva de 1780 a 1830, abastecendo a Bahia, Pernambuco, Ceará com boiadas, em caravanas e com quem mantinha comércio de produtos derivados do leite como a manteiga de nata, o requeijão.

Desse modo, a região foi ocupada pelas grandes fazendas de gado, e Domingos Afonso Mafrense, responsável pela conquista das terras. Com a morte de Domingos, as fazendas foram doadas integralmente aos jesuítas que, inicialmente, ocuparam a fazenda Conceição dando início à construção da casa grande Sobrado da Conceição. Com os jesuítas, vieram grupos de colonos e aventureiros desencadeando conflitos invasores de terras indígenas da tribo dos tapuias que ocupavam a região.

O Governador da Capitania do Piauí, D. João Amorim Pereira, deu ordens a José Dias, comandante, para conquista da região que é o atual município. As terras expropriadas dos índios foram ocupadas pelos integrantes da tropa do comandante (IBGE, 2013⁵).

Por Decreto da Regência do Império, em 1832, São Raimundo Nonato foi elevado a distrito eclesiástico, com sede no lugar denominado Confusões. Foi transferido em 1836, para Jenipapo, onde prosperava um núcleo, dedicado à lavoura e à pecuária. Elevado à categoria de Vila e Município em 1850, adquiriu Foro de Cidade, em 1912.

São Raimundo Nonato foi emancipado em 1850 e toda área utilizada pelos eclesiásticos desde 1832. O nome é em homenagem ao padroeiro da cidade: São Raimundo Nonato. O território foi ocupado por pessoas vinculadas à pecuária. O desenvolvimento urbano é lento, somente a partir da década de 1990 o comércio se expandiu, com aberturas de estradas aumentando vertiginosamente as relações comerciais com cidades vizinhas.

Contemporaneamente, a atividade comercial é a principal fonte de divisas, e a cidade tem desenvolvimento mais avançado da microrregião. Abastece cidades circunvizinhas: Anísio de Abreu, Bonfim do Piauí, Caracol, Cel. José Dias, Dirceu Arco Verde, Dom Inocêncio, Fartura, Guaribas, Jurema, São Braz, São Lourenço e Várzea Branca.

São Raimundo Nonato vende às cidades circunvizinhas, e a cidades do estado da Bahia. No comércio, predominam produtos agropecuários, alimentos, móveis e eletrodomésticos, utensílios de uso pessoal, roupas, calçados. Além de serviços urbanos, desde educação, saúde e bancários. Dispõe a cidade de quatro instituições bancárias: Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste e Bradesco.

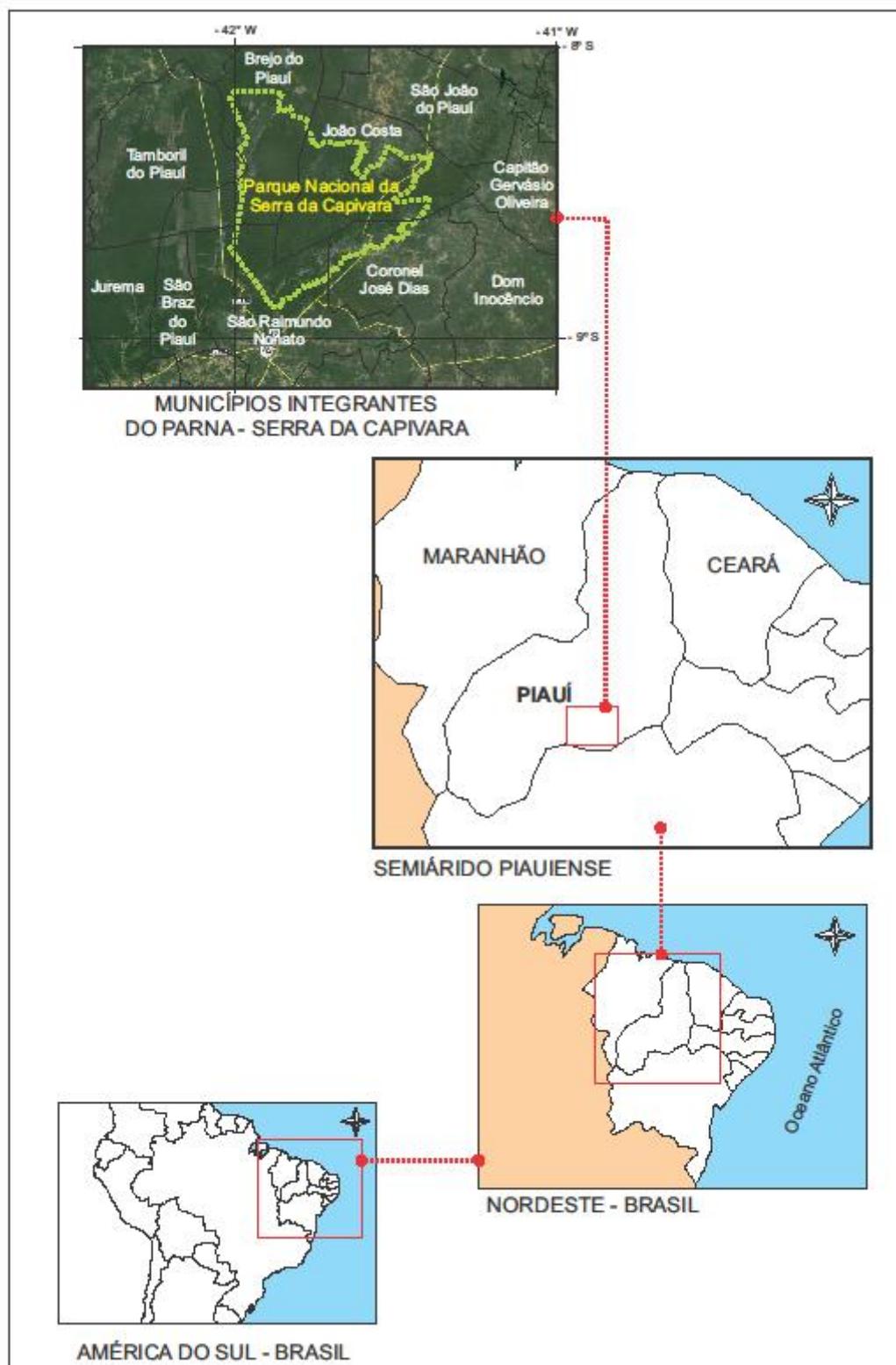
⁵ Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=221060>> . Acesso em: 20 jan. 2016.

Polariza educação recebendo alunos de cidades em busca de educação superior. É sede de Instituições de Ensino Superior: Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Universidade do Vale do São Francisco (UNIVASF) e Instituto Federal do Piauí (IFPI), além de faculdades particulares. Demanda crescente de alunos estimula a modificação do lugar com tendência a cidade universitária. Há movimento pendular de alunos, professores, trabalhadores que vão e voltam a São Raimundo pela dinamização da economia.

4.1 POLO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA E OFERTA TURÍSTICA

São Raimundo Nonato projeta-se com a criação do Parque Nacional Serra da Capivara em 1979, posteriormente inscrito no rol do Patrimônio Mundial da Humanidade, pela UNESCO, em dezembro de 1991. O acervo de vestígios arqueológicos comprova remota ocupação das Américas é bastante significativo e mereceu registro na UNESCO/ONU. O Parque Nacional da Serra da Capivara apresenta potencial de expansão da economia do turismo, porém precisa superar desafios para atender devidamente fluxos de turistas. A Figura 34 mostra o Parque da Serra da Capivara que fica em cidade São Raimundo Nonato.

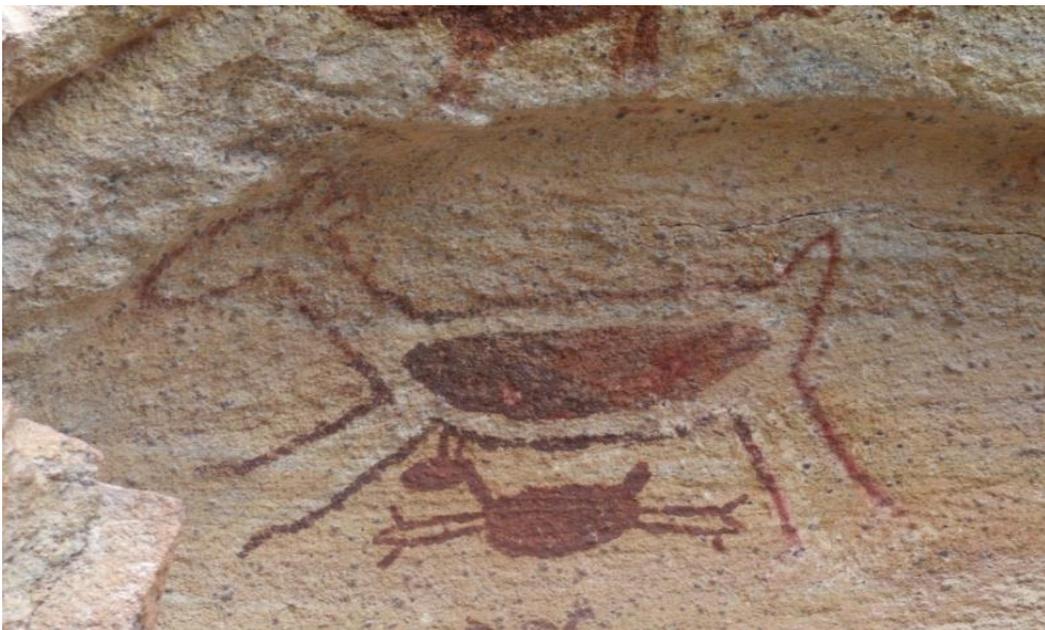
Figura 34 - Parque Serra da Capivara localizado em São Raimundo Nonato



Fonte: Adaptado de IBGE, 2015.

Atrativos do Parque são acervos pré-históricos, os mais antigos sítios arqueológicos das Américas com figuras e pinturas rupestres escritas pelos grupos pré-históricos que habitaram, há milhares de anos, o território. Temas de pinturas são caçadas, animais extintos como capivaras que deram nome ao parque, além de remeterem às guerras, homens e mulheres, sexo, cerimônias de êxtase, luta, seres antropomorfos, dança, entre os motivos das pinturas. A Figura 35 apresenta a pintura rupestre mais conhecida da serra, símbolo do Parque - a capivara.

Figura 35 - Pintura rupestre símbolo da serra da capivara



Fonte: SANTANA, E. 2014

Por considerado acervo memorável, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em Setembro de 1993, fez o município de São Raimundo Nonato lugar reconhecido pela beleza natural e quantidade considerável de acervo com registros de vestígios arqueológicos, que comprovam remota ocupação da América.

O Museu do Homem Americano concentra valioso acervo identificado e classificado como resultado de 39 anos de pesquisas no Parque Serra da Capivara. As peças retratam a vida da região, desde tempos pré-históricos aos dias atuais. São peças arqueológicas, paleontológicas, painéis, fotos, gráficos e informações antropológicas apresentadas com tecnologias apropriadas que permitem exposição do que foi encontrado com informações relevantes, servindo a estudiosos e turistas. Figura 36: fachada do Museu do Homem Americano.

Figura 36 - Museu do Homem Americano



Fonte: SANTANA, E. 2015

Acervos expostos no museu integram-se a novas descobertas, pois as escavações continuam e os novos dados relacionados com a origem do homem e o povoamento das Américas, às provenientes de pesquisas internacionais. Segundo a Fundação do Homem Americano – FUNDHAM, a história do homem, data de 10.000 anos. A chegada do colonizador branco é retratada em exposições que atraem visitantes à cidade de São Raimundo Nonato. Figura 37: peças do acervo do museu, torno em pedra polida, utilizado para modelar vasilhas de cerâmica. Técnicas milenares são utilizadas na região.

Figura 37 - Material utilizado para caça



Fonte: SANTANA, E. 2015

Um dos períodos mais fascinantes da história humana, segundo historiadores, é a pré-história. Contudo o período é registrado pelas pinturas rupestres, é que na época, não havia escrita convencional. O que se tem a respeito é decorrente de pesquisas arqueológicas que reconstituem a cultura do homem, juntamente com estudiosos, historiadores e antropólogos. Achados pré-históricos ajudam a contar a vida no período e desvendar como viviam, pensavam, trabalhavam os ancestrais. Revela o que criaram para adotar formas de ferramenta da época da Pedra Lascada. A Figura 38 apresenta acervos do período.

Figura 38 - Acervo de adornos e ferramentas



Fonte: SANTANA, E. 2015

Na parte interna do Museu, acompanham-se, em telão, imagens de sítios arqueológicos da Serra da Capivara, funcionando como Museu Virtual, dentro do Museu do Homem Americano. Grande parte das gravuras está reunida na exposição dividida em grupos de acordo com o que representam. Em tela de 8m por 4m, estão desenhos pré-históricos que ganham movimento em trilha sonora. Pôr-se à frente de telão e observar vídeo de pinturas rupestres, saga humana no interior do Piauí e paisagens da Serra da Capivara é uma experiência surpreendente de tecnologia em meio do semiárido. Figura 39: telão com vídeos do museu.

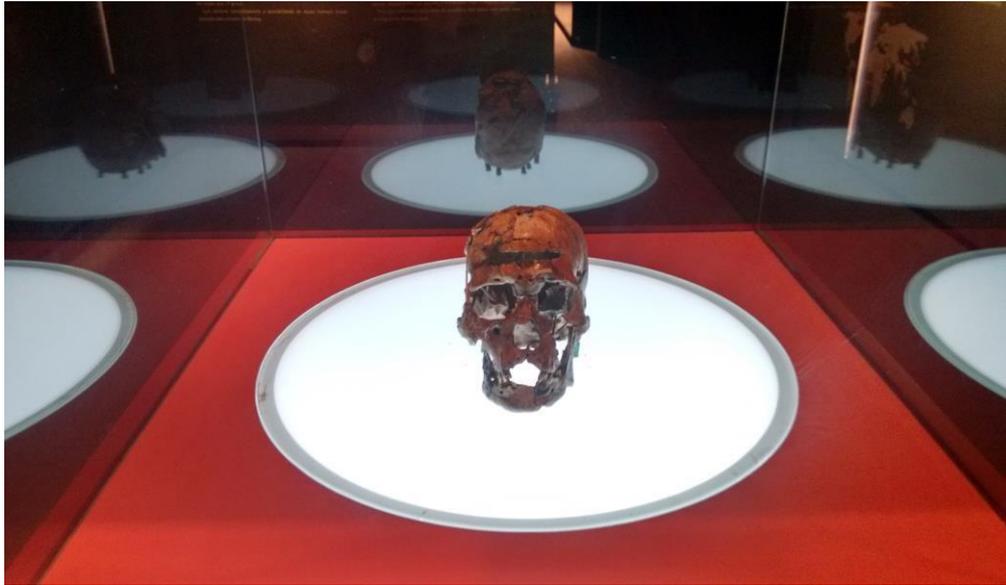
Figura 39 - Museu virtual



Fonte: SANTANA, E. 2015

Exposição do Museu permanente tem início com a visão da evolução de hominídeos, com apresentação de teorias de povoamento das Américas. Apresenta-se o crânio de Zuzu, segundo crânio mais antigo do Brasil, com idade estimada em 11.060 anos. Em primeiro lugar na lista, o crânio de Luzia, com 12 mil anos, encontrado em Minas Gerais. É informado no museu que não foi possível definir o sexo de Zuzu, sabendo-se apenas que tinha características negroides, diferente dos crânios mais comuns e recentes, com feições asiáticas. Figura 40: crânio de Zuzu.

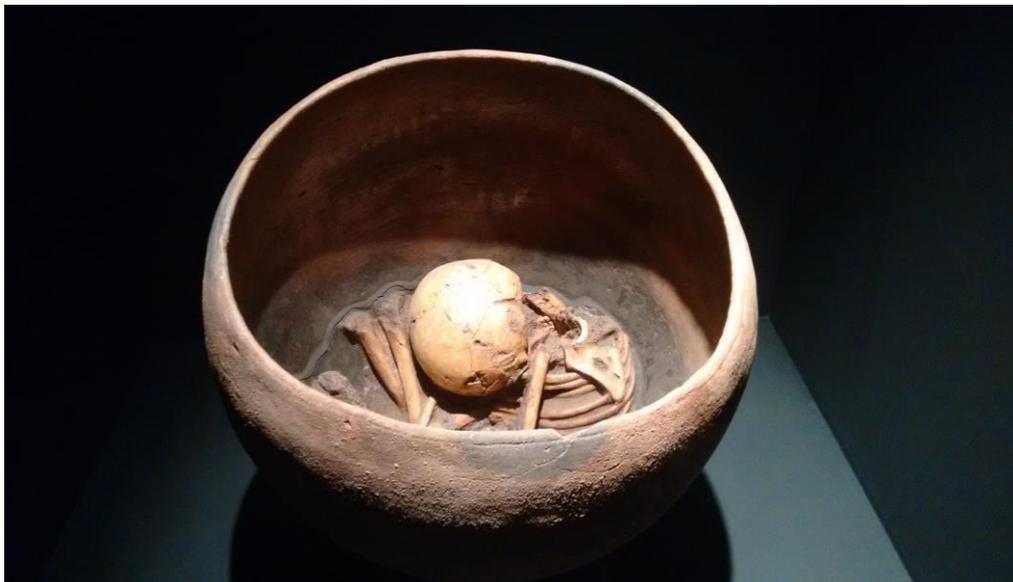
Figura 40 - Vestígios orgânicos - Zuzu



Fonte: SANTANA, E. 2015

O crânio de Zuzu, segundo informações de pesquisadores transcritas nas peças, faz admitir que os primeiros habitantes da América teriam vindo da África, cuja vida humana na região, ocorrera durante o Pleistoceno e Holoceno, período da escala temporal geológica. No mezanino (Figura 41) urnas funerárias.

Figura 41 - Urnas funerárias



Fonte: SANTANA, E. 2015

Encontram-se peças pré-históricas, artesanato, artefatos e utensílios produzidos no período, ferramentas de caça, com ênfase em objetos e usos do cotidiano e ritual. Esqueletos da época da colonização completam o acervo, assim como vestígios orgânicos. Nas últimas salas, são apresentados ossos, imagens

desenhadas funcionando como registro gráfico da pré-história e descrição da megafauna do período em São Raimundo. A exposição mostra a biodiversidade atual, sempre direcionada à vocação didática. Figura 42: projétil tipo “rabo de peixe” com fino retoque demonstrando domínio de técnicas de preparo de material lítico.

Figura 42 - Ferramenta Líticas - Projétil



Fonte: SANTANA, E. 2015

Com a visita, conhece-se a história da escavação do Boqueirão da Pedra Furada, sítio arqueológico mais antigo das Américas e um dos lugares mais visitados. É possível ter-se as imagens de escavações, em tela e pincel, semelhantes aos que arqueólogos usam fazendo escavação digital (Figura 43).

Figura 43 - Escavação digital



Fonte: SANTANA, E. 2015

Exposição das peças leva ao resgate de identidades indígenas mostrando diversidade, em diferentes momentos da pré-história por meio de diferentes vestígios descobertos, para reconstituição da cultura material e imaterial. Na escavação digital, os visitantes vão descobrindo figuras rupestres encontradas em pesquisas da Serra, de acordo com que o pincel vai sendo passado sobre a tela. A Figura 44 mostra como acontece à escavação digital no museu.

Figura 44 - Utilização da escavação digital



Fonte: SANTANA, E. 2015

O Museu do Homem Americano é um dos mais modernos do País, com tecnologia que permite interatividade com visitantes. Também equipamento que permite interação é a tela que mostra figuras e informações que complementam o conhecimento do acervo do Museu e da Serra permitindo saber de grupos pré-históricos e de como viviam. O visitante pode passar a figura, ampliar e ver detalhes de achados arqueológicos. A Figura 45 mostra a interatividade do visitante com a tela.

Figura 45 - Tela de interatividade com acervo do museu e o visitante



Fonte: SANTANA, E. 2015

O museu adota padrões de acessibilidade exigidos para pessoas com dificuldades de locomoção, pela inclusão social. É o único das Américas a dispor de cadeira elevatória para transporte de pessoas com deficiência ao segundo andar, onde estão expostos acervos. Assim, todos têm garantido direito à visita e aprendizagem.

O acesso é pavimentado com piso de concreto, desde estacionamento e rampas de entrada. Compreende quatro salas grandes, três salas no térreo, com desnível entre uma e outra, com rampas de acesso para pessoas com necessidades especiais. A quarta sala, no andar superior é acessível a pessoas com necessidades especiais ou mobilidade reduzida, pelas rampas e cadeira especial de acesso ao andar superior. Figura 46: cadeira elevatória para acesso de pessoas com pouca mobilidade.

Figura 46 - Cadeira elevatória



Fonte: SANTANA, E. 2015

Com tecnologia e ambientes inovadores, o Museu, em meio ao sertão, atrativo turístico que agrega rico acervo está com dificuldades, falta de divulgação e conhecimento do público, falta de planos de promoção. Vias de acesso em péssimas condições. Difícil tráfego dentro da cidade. No final de 2015, o Governo do Estado autoriza ordem de serviço para pavimentação asfáltica da estrada de acesso ao Museu do Homem Americano e à Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Estradas que vão dar à Fundação do Homem Americano - FUNDHAM e Museu eram de piçarra e a parte asfaltada encontrava-se com buracos e prejuízo de carros e ônibus turísticos. As obras de asfaltamento de quase 2,16 quilômetros foram importantes para melhoria da mobilidade urbana, dando mobilidade não apenas a estudantes e moradores da região, como também facilitando traslado de turistas, em visita ao museu.

Não há negar a importância da serra da Capivara e do Museu do Homem Americano para o turismo, a começar pela cidade, “berço do homem americano”

com tudo que oferece. Existem potencialidades não inclusas no roteiro turístico de São Raimundo. A cidade não conta com secretaria municipal de turismo, não fez inventário de oferta turística, mas é possuidora de possibilidades de desenvolvimento.

Ostenta monumentos de animais que representam a fauna, alguns ameaçados de extinção. Esculturas feitas pelo artista plástico e escultor baiano Lêdo Ivo ficam em pontos estratégicos e estimulam sua preservação e valorização. Monumentos do entroncamento que liga a cidade a Remanso, na Bahia, e a municípios de Canto do Buriti e São João do Piauí fazem parte da paisagem e da cultura, atraindo a atenção de turistas. São Raimundo Nonato recebeu esculturas em 2010, na gestão do prefeito⁶ que idealizou o projeto de esculturas de animais ameaçados de extinção para valorizar a fauna. Os turistas não vão embora sem tirar fotos de esculturas para recordações. À entrada da cidade, Onças (Figura 47).

Figura 47 - Monumento das Onças Gigantes



Fonte: SANTANA, E. 2015

Os atrativos despertam curiosidade de visitantes, pelo tamanho, e remetem ao histórico da cidade. Entre pinturas rupestres, em sítios arqueológicos, no Parque Nacional da Serra da Capivara, há registro de caça pelos pré-históricos que viveram na região, do tatu-canastra, extinto há décadas, reproduzido na escultura de Lêdo Ivo. A caça aos tipos de tatu, entre eles, tatu-bola, símbolo da Copa do Mundo de 2014, é combatida pelos fiscais do Parque da Serra da Capivara,

⁶Padre Herculano Negreiros.

mas o costume está arraigado na cultura das famílias de áreas rurais. Os animais da Serra estão representados em monumentos (Figura 48).

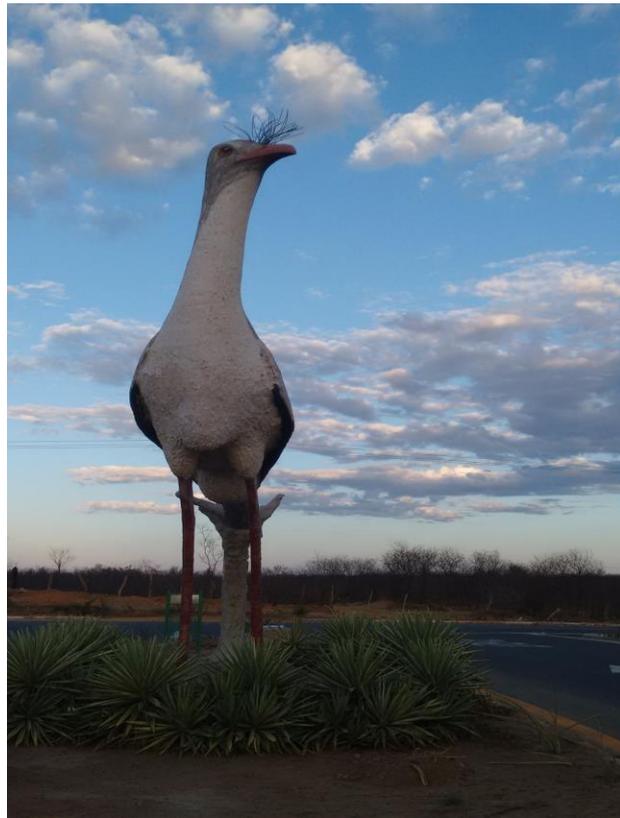
Figura 48 - Monumento do Tatu



Fonte: SANTANA, E. 2015

Os monumentos contam a história da cidade e lembram ser preciso conservar a fauna e preservar a memória. A seriema esculpida pelo baiano Lêdo Ivo, no entroncamento que liga São Raimundo Nonato a São João do Piauí, aparece ao lado de indústria automobilística, unindo o antigo ao moderno. A seriema, segundo residentes, mesmo com asas, raramente voa. No perigo, corre com velocidade ou enfrenta o predador. Ligeiramente parecida com ema, é menor em estatura. Descansa à noite em cima de árvores onde constrói o ninho, hoje sendo atingida pelos desmatamentos e queimadas. Sua escultura (Figura 49) perfila em frente à rodoviária.

Figura 49 - Monumento da Siriema



Fonte: SANTANA, E. 2015

São Raimundo conta com muitos atrativos, um dos mais visitados, o Cruzeiro, de valor religioso. No alto, o restaurante, à noite, frequentado pelos turistas e lugar de encontro de residentes. Do Alto do Cruzeiro, ponto mais elevado de São Raimundo Nonato, tem-se visão panorâmica. O mirante é também procurado para contemplação do pôr do sol. A cruz com 23 metros de altura é iluminada, a embelezar a cidade. Figura 50: o Cruzeiro.

Figura 50 - Alto do Cruzeiro



Fonte: SANTANA, E. 2015

Acessos ao alto do cruzeiro: ruas íngremes e escadaria, para pagamento de promessas. Por localizado na parte alta da cidade, fazem-se rezas nas estações da via sacra, especialmente, na quaresma (Figura 51).

Figura 51 - Via sacra na escadaria com vista para cidade



Fonte: SANTANA, E. 2015

A cidade polariza eventos religiosos, culturais, esportivos, por possuir certa infraestrutura e contar com arquitetura histórica, patrimônio arquitetônico, igreja matriz e casarões antigos (Figura 52), datados do século XIX e XX. O patrimônio arquitetônico, oferta turística do lugar, perde valor, no entanto, pela falta de urbanização, que tem contribuído para que prédios históricos transformem-se em comerciais.

Figura 52 - Igreja Matriz e Casarões



Fonte: SANTANA, E. 2015

4.2 A FUNDAÇÃO DO HOMEM AMERICANO - FUNDHAM

A Fundação Museu do Homem Americano - FUNDHAM - é uma instituição criada por pesquisadores, em cooperação científica binacional França-Brasil. Equipe, inicialmente de arqueólogos, na região desde 1973, financiada pelo *Centre National de La Recherche Scientifique*, da França, inicia pesquisas. Pela importância das descobertas e considerado espaço inexplorado, realizou-se missão de pesquisadores para trabalho de seis meses. A partir de 1978, as pesquisas tornaram-se interdisciplinares, dando origem ao Projeto Piauí desenvolvido pela FUNDHAM, com o tema “O homem no Sudeste do Piauí: Da pré-história aos dias atuais. A interação Homem-Meio” (FUNDHAM, 2015).

Atua formalmente com contrato de parceria com Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, para produção e aplicação do Plano de manejo do Parque Nacional Serra da Capivara. Tem também responsabilidade técnico-científica sobre a Unidade de Conservação, assumindo a defesa e manutenção dos estudos. Consolidada em 1986, com sede em São Raimundo Nonato. Trata-se de entidade científica, filantrópica, organização da sociedade civil, sem fins lucrativos (OSCIP), declarada de utilidade pública estadual e federal e cadastrada no Conselho Nacional de Assistência Social e no Cadastro Nacional de Entidades Ambientalistas, segundo a própria FUNDHAM.

O relatório apresenta descobertas arqueológicas da região e importância do estudo, em que foi solicitada a criação do Parque Nacional que abrange a área da Serra da Capivara e Serra das Confusões, onde havia aldeias indígenas. Com base no relatório, foi enviado ao governo Francês, que criou a *Mission Archéologique du Piauí*, missão franco-brasileira do Piauí, integrada por franceses e brasileiros da Universidade de Campinas, Universidade de Pernambuco, Universidade São Paulo e Universidade Federal do Piauí, dirigida pela arqueóloga francesa que trabalha no Brasil há mais de 20 anos, Niède Guidon. Diretores da Missão são professores doutores Eric Boeda e Niède Guidon, diretora e presidente da FUNDHAM.

Com quase 40 anos de trabalho, a equipe científica da FUNDHAM possui importante acervo de conhecimento técnico-científico sobre a área, com o compromisso operacional de investigação. O resultado das pesquisas é disponibilizado à sociedade, mostrando o desenvolvimento nos planos cultural,

ecológico e socioeconômico, da Área de Proteção Ambiental e do Parque Nacional da Serra Capivara. São projetos sacrificados pela crise econômica do país, por exemplo, os coordenados pela Fundação Museu do Homem Americano (FUNDHAM), com apoio da CPRM e patrocínio da Petrobrás, dentro do Programa Petrobrás Ambiental, de 2007 até 2010 (BUCO, 2014). O projeto Abha promoveu ações integradas para melhoria da gestão de recursos hídricos da Serra da Capivara, Serra das Confusões e áreas circunvizinhas.

Os resultados das pesquisas da FUNDHAM estão expostos no Museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato. Próximo ao Museu, a FUNDHAM abriga coleções de material arqueológico, paleontológico, zoológico, botânico, bem como laboratórios e serviços administrativos. O material não é exposto no museu por estar em processo de estudo. Na Figura 53 pode ser visto o Laboratório de Paleontologia da FUMDHAM.

Figura 53 - Laboratório de Paleontologia da FUMDHAM



Fonte: SANTANA, 2010.

A Fundação celebra convênios desde 1978 para desenvolvimento e diversificação de programas de pesquisa, proteção do meio ambiente e patrimônio arqueológico da Serra e resultados de pesquisas, não satisfatórios, vêm mantendo o Parque. Os recursos para manutenção, vigilância e manejo do Parque Nacional vinham da Petrobras, pelo projeto Mecenato do Ministério da Cultura, afirma Niède.

Com a crise econômica, foram restringidos a um terço e teme-se que o contrato de patrocínio seja finalizado como anunciado. Isso deixa gestores do Parque Serra da Capivara em situação preocupante, diante de tantas demissões de funcionários, com o fechamento de 14 entradas, sem condições de manutenção de controladores, fiscais e trabalhadores.

4.3 DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE TURÍSTICA

São Raimundo Nonato enfrenta desafios. Apesar de seu rico potencial turístico, falta-lhe melhor estrutura para o turismo. Os lugares precisam de infraestrutura e de serviços. Sem condições, fica difícil a mobilização de fluxos, como em São Raimundo Nonato, embora a Serra esteja estruturada.

Para o turismo acontecer, a cidade precisa de planejamento para atender a demanda. Há despreparo, por inexistir infraestrutura básica para os próprios residentes e o lugar é bom para o turista, se bom para residente, como se repete nos estudos turísticos. Os espaços devem ser pensados para residentes e os visitantes usufruem sua qualidade, de estadia, convívio e serviços satisfatórios.

A cidade necessita de saneamento básico e serviços públicos, sistema de abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto, coleta e disposição de resíduos sólidos, e drenagem urbana. Investir em saneamento é melhorar a qualidade de vida da população, bem como proteção ao meio ambiente urbano e rural.

Negligenciado o planejamento pelos gestores a probabilidade é de não se ter consolidada a demanda, com declínio de destino, o que é constatado em núcleos receptores. Não existe concentração de venda de artesanato, são lojas espalhas pela cidade. A feira não mostra artesanato, são produtos de matéria-prima e vestuário. O mercado municipal deve ser melhor qualificado para que turistas tenham espaço para conhecimento e degustação dos produtos da região. É oferta turística disponível, com exposição de produtos. A Figura 54 apresenta o mercado de São Raimundo Nonato.

Figura 54 - Mercado de São Raimundo Nonato



Fonte: SANTANA, E. 2015

O planejamento direciona as atividades à cadeia produtiva do turismo, instalação de equipamentos e serviços ligados à atividade turística, desde transportes, meios de hospedagem, restaurantes, informações e espaços de lazer. Identificação de fatores que não atendem de forma adequada a moradores e turistas:

- Trânsito desordenado com falta de sinalização;
- Falta de sinalização turística;
- Limpeza urbana;
- Saneamento básico;
- Falta de Secretaria Municipal de Turismo;
- O acesso aéreo que não consegue finalização;
- Deficiência de equipamentos de apoio ao turismo (hospitais, bancos, restaurantes);
- Sistema de hospedagem não comporta demanda;
- Ausência de infraestrutura de lazer;
- Falta de qualificação de profissionais do mercado do turismo.

Questões de acesso à cidade têm sido pauta de debates nos últimos anos. A Serra da Capivara, presente em mídias impressa e televisiva, documentários e reportagens, enfrenta também problemas, por exemplo, empecilho à visitação do Parque. Vias rodoviárias, precárias: PI-140 e BR-324 em péssimas condições de

tráfego. O principal elo é a Remanso-BA e Petrolina-PE, meio mais rápido de viagem à cidade, a 530 km de Teresina. O trecho torna-se difícil de tráfego devido à pavimentação que piora nos períodos chuvosos. Figura 55: PI-140 e condições de tráfego.

Figura 55 - Estrada para São Raimundo Nonato, PI - 40



Fonte: PESSOA, 2014.

Turismo, para desenvolver-se, envolve aspectos de cidade. A falta de políticas de incentivo e não continuação de obras pelos governos trazem problemas, sem infraestrutura básica de apoio. Contudo a Secretaria de Turismo do Estado do Piauí afirma que: “não efetivou nenhuma ação direcionada ao Pólo das Origens, assim como também o próprio município não se manifestou para solicitar algo nesse sentido, pois a SETUR desconhece a existência de um gestor que ocupe a SETUR municipal, a fim de que se possa interagir para tal fim” (SETUR, 2016). Não há ações articuladas no Parque Serra da Capivara, nem de turismo, nem do município.

A obra do aeroporto se estendeu por quase vinte anos e não funciona com voos regulares, apesar de inaugurado em outubro de 2015. Na região, facilitaria entrada de turistas, com economia de tempo em viagens rodoviárias e, geograficamente, a cidade é estratégica para o sul do estado. Figura 56: Aeroporto recém-inaugurado, sem funcionamento.

Figura 56 - Aeroporto de São Raimundo Nonato



Fonte: PESSOA, 2015.

Afirma Niède Guidon, presidente da Fundação Museu do Homem Americano (FUNDHAM) e diretora do Parque Nacional Serra da Capivara que a obra deveria ter chegado antes e que está difícil encontrar empresas que queiram investir no turismo da região, devido à crise política e econômica que enfrenta o País. Diz Niède (2015):

O aeroporto viabilizaria os investimentos. Precisa também de hotéis, nos tivemos faz uns quatro anos com o presidente da união dos bancos suíços, que é o maior banco da suíça BNDS, ele veio por que queria construir um hotel 6 estrelas, mas quando ele viu o aeroporto ele disse só retornaria quando o aeroporto estivesse pronto. Já veio três vezes os diretores da companhia Heineken International uma das maiores companhias de hotéis do mundo que queria construir um hotel 5 estrelas aqui, mas quando veem o aeroporto, desistem. Turismo é a única maneira de criar trabalho para todos aqui. (NIÈDE GUIDON, 2015)

A cidade conta com rodoviária pequena, com linhas de ônibus regulares, de Teresina para cidades do sul. A precariedade dos serviços rodoviários é vista pelos poucos destinos e duas empresas apenas. Conta com pequeno restaurante e lanchonete, banheiros e estacionamento. Figura 57: entrada da rodoviária de São Raimundo Nonato.

Figura 57 - Rodoviária de São Raimundo Nonato



Fonte: SANTANA, E. 2015.

Compete ao Estado estabelecer diretrizes de desenvolvimento do turismo, com normas e regulamentos, bem como implantação da infraestrutura necessária aos serviços. Promover infraestrutura, facilitar obtenção de créditos e financiamentos é estimular o crescimento da atividade na esfera privada. Organização de serviços voltados exclusivamente ao atendimento de necessidades básicas do turismo precisa ser pensada com estudo das potencialidades que o próprio Ministério apresenta. A realidade fere o Plano de Regionalização do Turismo, que diz que destinos indutores do desenvolvimento turístico regional são aqueles que possuem infraestrutura básica e turística e atrativos qualificados, e se caracterizam como núcleo receptor e distribuidores de fluxos turísticos (MTUR, 2013). Sendo São Raimundo Nonato um destino indutor, definido pelo Mtur, como explicar a permanência de realidade que fere o próprio conceito de núcleo indutor.

A complexidade do fenômeno turístico reside em ações e políticas interligadas. É fundamental que ações, em conjunto Estado e empresas privadas, invistam na atividade, vez que, para se ter turismo, necessita-se de planejamento, órgão responsável e gestor. Segundo Cruz (2003, p.15) as cidades:

Na verdade, os grandes polos urbanos emissores de turistas tem se destacado, também, nas estatísticas de turismo, como importantes pólos receptores de fluxos. Isto se deve a dois fatores, basicamente. Um deles é o fato de a cidade concentrar, espacialmente, os equipamentos necessários ao desenvolvimento do chamado turismo de massa, ou seja, infraestruturas de acesso, de hospedagem, de apoio a atividade (atendimento médico, sistema bancário e etc.) e de lazer.

Mesmo de interesse turístico pelas potencialidades e recursos naturais, São Raimundo precisa de medidas emergenciais em serviços urbanos. É preciso transformá-lo em produto turístico, com infraestrutura básica, com hotéis, serviços, transporte e preços competitivos. O turismo é importante, mas falta planejamento para o desenvolvimento de projetos. Há considerar-se que o turismo colabora com a dinâmica econômica e precisa ser de interesse de toda a sociedade.

Partindo-se do princípio de que o fenômeno turístico representa dimensão da modernidade, verifica-se rede complexa de questões na forma como a atividade se apresenta, ainda incipiente na região, como na Serra da Capivara. Paradoxalmente ali se tem moderna tecnologia com atraso, na dimensão de cidade com potência e tanta forma arcaica. “Pode-se dizer que a modernidade se renova como um mito, a cada vez que o combate entre o novo e o tradicional se constitui em um discurso sobre a realidade” (GOMES, 1996 p. 50). Fundamentado na dialética de novo/tradicional, o que está aparentemente oposto se estrutura na mesma ordem quando se estabelece atividade como turismo, em espaço que tem, na essência estrutural, “origem do homem americano”.

O turismo em São Raimundo Nonato, vai além do Parque Serra da Capivara, mas falta-lhe muito para a atividade desenvolver-se de forma estruturada, e a cidade esteja realmente preparada para qualidade de vida de residentes e turistas. É rica de potencialidade para novos roteiros, pelas ideias e incentivos, como valorização e educação patrimonial, estudos e tombamento de bens arquitetônicos com valor histórico e cultural, incentivos às manifestações culturais para que se ampliem em atratividades turísticas. *Marketing* de segmentos turísticos da região: ecoturismo, turismo de aventura, turismo rural e comunitário acrescidos ao destino Serra da Capivara.

Dessa forma, na sociedade contemporânea, o turismo modernamente é uma atividade de relevância no mundo, em termos quantitativos, pela produção de grande número de deslocamentos, em virtude do avanço tecnológico dos meios de transporte, com geração de empregos e, em alguns casos, com elevação do nível de renda de comunidades, cidades e países. Segundo Ruschmann (1997), o turismo pode ser uma opção ao desenvolvimento das comunidades e das pessoas. Em função de dimensões contemporâneas do capitalismo, associadas à velocidade dos processos de produção e consumo, os deslocamentos humanos também são afetados, assim como a subjetividade.

No entanto, faz-se necessário planejamento público e privado, que inclua participação de comunidades para que haja sucesso. Muitos autores admitem a sociedade como pós-modernidade, em novo paradigma cultural. O termo, entre outras coisas, traduz a presença de sistema de signos ou símbolos específicos, no tempo e no espaço, enquanto a modernidade se refere a processo de diferenciação, a “[...] pós-modernidade envolve a desdiferenciação” (URRY, 1996, p. 120). A pós-modernidade contesta a noção de certeza única. Defende a variedade de modelos e métodos e verdades, cada qual adequado às práticas e elementos específicos de determinada realidade. Para o espaço a ser trabalhado, o turismo apresenta forma, com identidade e inclusão.

A globalização tende a unificar, contudo o turismo envolve um conjunto de relações, de memórias, performances de corpos com gênero e raça, emoções e atmosferas que não são ameaças. Ignarra (2001) avança, ao falar que os destinos turísticos têm ciclo de vida. Para manutenção do destino consolidado ou prepará-lo para superar as fases do ciclo, gestão sustentável é o caminho da competitividade. Aprimoramento e reposicionamento do mercado ajudam a conservar o que existe e atrair novas oportunidades. Ignarra (2001, p.125) considera que “não é possível produzir turismo sem que haja participação do poder público”, pois a ação governamental tem papel estratégico no desenvolvimento da atividade.

Iniciativas de entidades governamentais e privadas precisam resolver problemas estruturais. *Trade* e empresas são essenciais ao desenvolvimento do turismo e incentivo à população, à prestação de serviços que geram renda e valorizam o lugar. Tudo isso melhora as condições de vida dos habitantes, uma vez que a região em foco apresenta grande potencial arqueológico, histórico, arquitetônico e cultural que necessita ser aprimorado, sobretudo valorizado. Mesmo com entraves, o turismo, em São Raimundo Nonato, é realidade aceita pelos residentes e cresce, embora lentamente.

5 PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA E TURISMO

Lazer e turismo são atividades que necessitam de espaço para sua realização e o meio ambiente natural é imprescindível. Nos espaços urbano e rural, o turismo contribui para o desenvolvimento socioeconômico. O Parque Nacional Serra da Capivara, com sítios arqueológicos protegidos e registrados da história do homem americano, constitui excelente espaço para o segmento do turismo contribuindo para que os turistas conheçam a história dos antepassados.

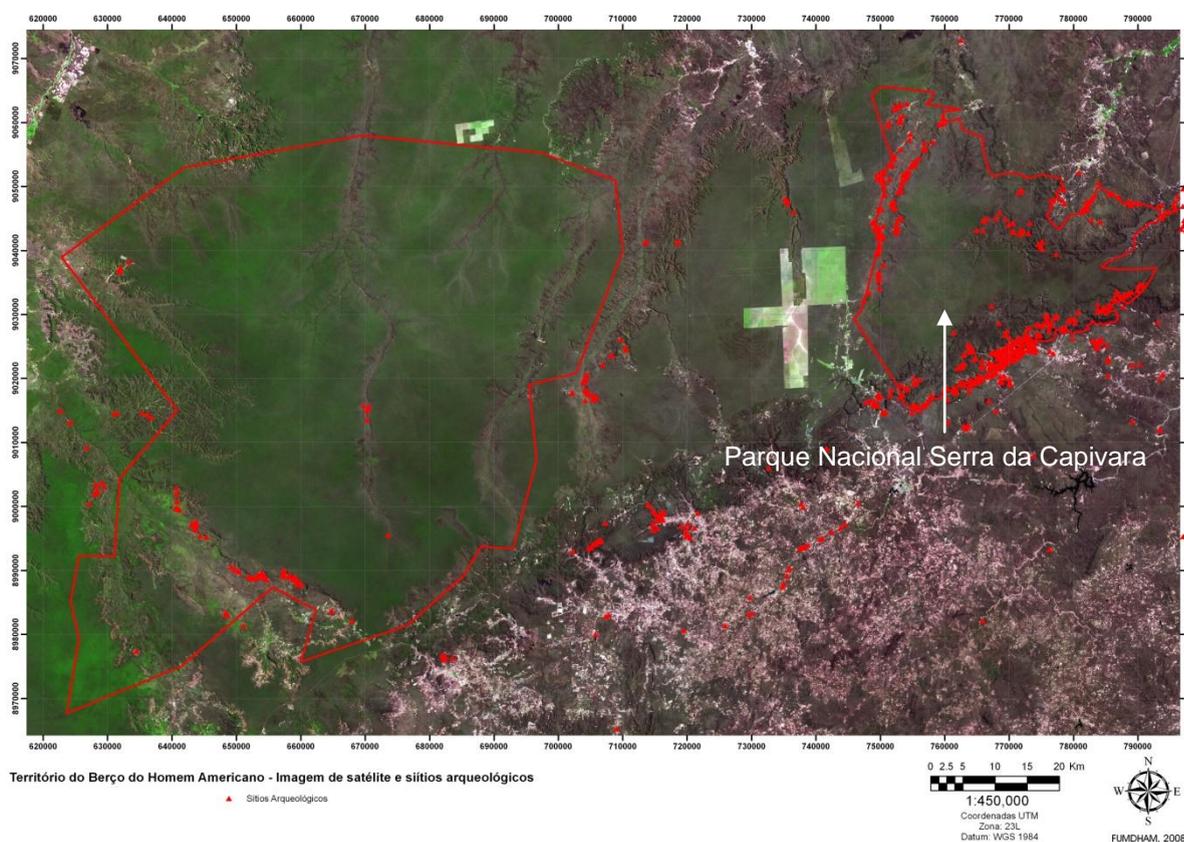
Cada sociedade, diante da evolução natural e transformações, imprime, no tempo e no espaço, sua maneira de viver, valor identitário de bens resultantes dos processos do trabalho, e a sociedade moderna busca meios de conhecê-lo, embora o patrimônio precise ser protegido. Produções técnica e intelectual, assim como relevância dos recursos naturais, são reconhecidas como base para sobrevivência e história das civilizações.

No século passado, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) organiza lista de bens culturais com o objetivo de ampliar a presença do ser humano no planeta, assim como relações com a própria história e ambiente físico. A lista é conhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade. Entre bens listados, encontram-se os considerados mais significativos da nação e representam abrangência do patrimônio cultural (ARANHA; GUERRA, 2014). Daí dizer Leal (2008) que se deve considerar esforços da UNESCO pela preservação do patrimônio cultural e a ênfase dada ao turismo como atividade de promoção, desenvolvimento e sustento dos patrimônios culturais. O turismo se beneficia, pois, e itens elencados colocam em evidência importância e qualidade dos símbolos representativos, possibilitando fruição estética e cultural dos bens, sobretudo levando-os a atrativos turísticos.

A UNESCO, ciente da importância de proteção e preservação dos bens culturais, cria programas voltados à proteção de patrimônios culturais e naturais. De forma a identificar e salvaguardá-los, defende a expressão de identidade de cada povo. O programa tornou-se importante veículo de conhecimento a respeito de paisagens mais representativas de variadas culturas mundiais. À medida que se difundem as paisagens pelos diferentes meios de comunicação, com fotografias, mapas e recursos gráficos, centenas de sítios, em todos os continentes, transformaram-se em atrações turísticas. Figura 58: imagem de satélite com

localização de sítios arqueológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara juntamente com os da Serra das Confusões, resultado de levantamentos da FUNDHAM.

Figura 58 - Sítios arqueológicos no Parque Serra da Capivara



Fonte: FUNDHAM.

O Parque Nacional Serra da Capivara foi incluído na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, em 1991, reconhecido como patrimônio nacional, com inscrição no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, em 1993, onde se encontra ali a maior concentração de pinturas rupestres do mundo. Trata-se de parque nacional voltado à preservação da caatinga, vegetação típica da região, ameaçada de extinção. No Sudeste do Estado, ocupa áreas dos municípios de São Raimundo Nonato, João Costa, Brejo do Piauí e Coronel José Dias. A superfície é de 129.140 ha e perímetro, de 214 km (MAPA 03). A cidade mais próxima é Coronel José Dias, e São Raimundo Nonato, o maior centro urbano da região. A distância que o separa da capital, Teresina é de 530 km. A Figura 59 apresenta o território do Parque Nacional Serra da Capivara.

Ao atravessar a planície costeira, a energia diminui e os sedimentos depositados passam a ser mais finos, como areia, silte e argila. Sedimentos, na planície - a que ocupava local onde hoje é limite sul do Parque Nacional -, no mar de 30 a 100 km mais ao norte - e chapadas atuais, formaram camadas que tinham cores e composições diferentes (BUCO, 2013). E podem ser vistos nas Figuras 60 e 61.

Figura 60 - Estrutura sedimentar arqueológica da Serra



Fonte: SANTANA, E. 2015

Figura 61 - Beleza paisagística da vegetação do PARNA



Fonte: SANTANA, E. 2015

A historiadora Elizabeth Buco (2013) assim explica o processo.

Voltando no tempo, até 400 milhões de anos atrás, se o visitantes estivesse no alto da serra, estaria com os pés na água. O que hoje é a planície vista embaixo, antes era o continente. Entre 440 e 360 milhões de anos atrás, o mar Siluriano-Devoniano cobria toda essa região, limitada ao sul pelo escudo pré-cambriano. Durante o período Triássico, por volta de 225-210 milhões de anos atrás, houve um grande movimento tectônico que fez levantar o fundo desse mar, formando a serra, composta por arenitos, conglomerados e rochas sedimentares originados durante esse levantamento, a partir da compactação dos sedimentos que os rios haviam trazido para dentro desse mar. Devido a fatores internos da crosta terrestre, as rochas foram expostas, fraturadas e, com o passar do tempo, submetidas à atuação dos processos meteóricos (chuva, vento) que modelaram o relevo. (p. 217).

Na região, encontram-se formações geológicas únicas que retracam o processo de formação; arcos do triunfo, torres, castelos, cavernas cársticas com lagos subterrâneos, chaminés, espeleotemas; olhos-d'água e reservas naturais em depressões da rocha; paisagens de serra e de planície com inselbergs de grande beleza. Vastidão e grandiosidade são impressões causadas pelas extensões sem marcas do homem moderno (BUCO, 2013 p. 21). Descrição da Serra da Capivara (Figura 62).

⁷ Beth Buco – Arquiteta paulista responsável pelos escudos de infraestrutura do parque, manutenção, limpeza dos drenos. Autorado livro Turismo arqueológico na Serra da Capivara.

Figura 62 - Formações rochosas do PARNA



Fonte: SANTANA, E. 2015

A formação sedimentar apresenta diversidade de sítios arqueológicos e paleontológicos que fornecem dados sobre a vida dos ecossistemas da região, chegada do homem e evolução do clima e da paisagem nos últimos 100 mil anos. Encontraram-se vestígios das primeiras instalações da sociedade colonial, sob forma de muros de barragens, ruínas de antigos engenhos e casas antigas. A Figura 63 apresenta arqueólogos fazendo escavações.

Figura 63- Arqueólogos trabalhando nas escavações



Fonte: SANTANA, E. 2015

Pesquisas, na região, iniciaram em 1973, em cooperação científica binacional (França-Brasil), com equipe inicialmente formada apenas por arqueólogos, que se tornou interdisciplinar, em 1978. Fruto do trabalho, criou-se a Fundação Museu do Homem Americano – FUNDHAM, responsável pela preservação do patrimônio, em parceria com os ministérios do Meio Ambiente e da Cultura. Niède Guidon (2015) em entrevista explica:

A pesquisa eu iniciei em 1970 a 1979 quando era professora em Paris, vinha durante férias da França com meus alunos para as aulas de campo que eu dava aqui. Mas só depois em 1991, quando o Parque foi declarado Patrimônio humanidade o governo brasileiro pediu a França para me emprestarem para fazer o projeto de proteção do Parque. Porque o governo brasileiro é obrigado a proteger o Parque por ser Patrimônio da Humanidade, então eles me pediram para França. O país me liberou a vir ao Brasil fazer o projeto de proteção do Parque que até hoje não foi aplicado pelo governo brasileiro.

5.1 POLÍTICA PÚBLICA DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO PARNA NA SERRA DA CAPIVARA

As políticas públicas de turismo vinculam-se ao Programa de Regionalização do Turismo – PRT. O Ministério do Turismo e Secretaria do Turismo fazem política pelo turismo. O Estado dispõe de inúmeras potencialidades, porém, considerando políticas que deveriam fortalecer o índice de competitividade, pouco se evidencia nesse aspecto. Alegam processos de mudanças políticas comprometendo as atividades da equipe da SETUR, sendo assim, há ações efetivas da Coordenação e Gerência do PRT que, em parceria, colaboram com relevantes políticas públicas do turismo:

- Inventários de Oferta Turística - municípios, especialmente os que solicitam, atualmente, num total de 21 inventariados;
- Participação em eventos nacionais e estaduais de Promoção e Comercialização do Turismo.

Considerando o poder público principal planejador do território, é fundamental que existam políticas públicas para sustentação do turismo e conservação ambiental evitando descaracterizações e impactos negativos sobre a ambiência dos atrativos culturais. O modelo de administração pública descentralizada busca promover a democratização e desburocratização das

atividades realizadas pelos órgãos do setor público com envolvimento da comunidade. De acordo com (JUNQUEIRA; INOJOSA, 1994 apud LOBATO, 2001, p.104), “descentralizar o aparato administrativo possibilita compartilhar a responsabilidade da gestão pública com a população, ou seja, inserir a comunidade nas decisões que influenciam o seu dia a dia, o que permite a democratização das políticas”. Mas as ideias ficam em discursos.

O Parque Nacional Serra da Capivara, apesar de ser responsabilidade do Governo Federal, é mantido pelas doações e verbas da Petrobrás, conforme afirma Dra. Niède Guidon⁸:

O Parque precisa de dinheiro do poder público. Compete ao governo Brasileiro manter o repasse. Os parques nacionais do mundo inteiro são mantidos pelo governo e aqui não! E nos outros patrimônios da humanidade que visitei o parque tinha 300 a 400 funcionários, todos os funcionários públicos e aqui não é assim (NIÈDE GUIDON, 2015).

Entre uma conversa e outra, esta observação da pesquisadora:

De 270 funcionários estamos reduzindo a 140, de 28 guaritas somente 10 estão abertas por que não tem dinheiro para pagar os funcionários. Acho que daqui pra o final do ano está tudo fechado e inclusive a fundação (FUNDHAM) não tem mais dinheiro, por que quem mantinha o Parque Serra Da Capivara não era nem o governo, era a Petrobras que mandava dinheiro todo ano. Mas desde o ano passado eles baixaram o valor de 3.600.000 para 1.200.000,00 e dividido em parcelas. A primeira parcela de 2014 chegou em dezembro de 2014 passamos o ano todo sem dinheiro, então tivemos que demitir muita gente. E agora eles as parcelas são recebidas com atraso, a parcela agora que acabamos de receber é referente a 2014 e já estamos em julho de 2015, então o problema foi esse. O problema é como manter. É necessário que o governo brasileiro mantenha o seu patrimônio. No mundo inteiro os parques nacionais são mantidos pelo o poder público. Nos patrimônios da humanidade que visitei pelo mundo tinha 300 a 400 funcionários e todos pagos pelo governo. E aqui não (NIÈDE GUIDON, 2015).

De acordo com o Ministério do Turismo, há critérios estabelecidos, para que consecução de recursos para projetos, na área do turismo, para o que, há município necessariamente possuir Órgão Oficial de Turismo, mesmo vinculado a outro, precisa do Conselho municipal de Turismo, Instância de Governança, criar um fundo municipal, indicar o Interlocutor municipal de Turismo, o que facilita a solicitação de recursos federais.

Quanto a recursos estaduais, é importante que o Estado tenha o Plano Estadual do Turismo, para que, junto ao Governo Estadual, possa buscar recursos para o desenvolvimento do turismo municipal e regional, o que não basta ser um dos principais destinos indutores, o fortalecimento institucional é fundamental, fora isso,

⁸Entrevista com a arqueóloga em julho de 2015.

tudo não vai além de ações pontuais oriundo de articulações políticas. (SETUR-PI, 2016).

Estudo de competitividade do Ministério do Turismo aponta o destino São Raimundo Nonato como indutor de turismo, mas Dra. Niède Guidon critica afirmando que o destino não tem as condições necessárias para receber os turistas que procuram o segmento e nem suporta ampliar o número de turista que deveria visitar um patrimônio desse porte. É preciso avançar para que o turismo seja planejado para receber os visitantes potenciais do Parque Nacional Serra da Capivara, que oferece imensas possibilidades que são subutilizadas. Niède (2015) explica que:

Os patrimônios da humanidade no mundo, em todos os lugares, recebem no mínimo 5 milhões de turistas por ano. Eles são todos turistas de classe A e AA, são pessoas que vem porque gostam de meio ambiente e da cultura. São um tipo específico de pessoa. Os patrimônios da humanidade, por exemplo, na África têm no mínimo um hotel 5 estrelas. Na África tem hotéis 6 estrelas que vivem lotados. Aqui não tem nenhum hotel preparado para um patrimônio da humanidade. São Raimundo ainda não tem nem aeroporto funcionando. (NIÈDE GUIDON, 2015)

O destino 'Serra da Capivara' abrange cinco municípios e não apenas um, São Raimundo Nonato, porém, polariza. Há maior participação dos municípios e os demais se excluem e querem oportunidades, afirma Rosa Trakalo, que trabalha na FUNDHAM (2015). Em turismo pensa-se, sobretudo na demanda potencial, ligado à publicidade e marketing, pois os elementos são indissociáveis, o que não é considerado em São Raimundo Nonato. O turista potencial fica esquecido.

A demanda Serra da Capivara poderia ser maior, esse é o desafio. Os pesquisadores da FGV verificaram oferta de equipamentos e infraestrutura da cidade em números, não tipos e diferença de tipos de leitos. Mas isso é necessário e faz a diferença na infraestrutura da cidade que se diz turística e indutora. Rosa Trakalo (2015) afirma que:

Um dos maiores problemas de São Raimundo não receber investimentos do governo federal está na falta do Plano Diretor. Não há plano diretor, dizem que está pronto, mas não foi implementado. São Raimundo não pode receber recurso do Ministério do Turismo sem este Plano.

A implantação do Parque Serra da Capivara mudou a dinâmica da forma de uso e ocupação do espaço. Economicamente trouxe formas de geração de renda como a fábrica de cerâmica há quase 22 anos, pela Dra. Niède Guidon, com intuito de ampliar a geração de renda para as pessoas do entorno. Dentro do Parque não há moradores. As famílias foram afastadas e formam comunidades ao redor. Afirma

o Sr. Antonio, ceramista, pioneiro na fábrica de cerâmica, que “no início, a Dra. Niède trouxe ceramista de São Paulo pra ensinar as pessoas da região o ofício. Com lucros da venda de cerâmica abre-se escola de tempo integral. Depois, construíram-se seis escolas, mantidas pelo projeto cerâmica de Capivara”. Povoado à margem do Parque, Sítio Mocó (Figura 64).

Figura 64 - Povoado Sítio do Mocó



Fonte: SANTANA, E., 2015.

As pessoas do Parque caçavam, matavam, degradavam. Pela norma federal, não se permite residências em Parques Nacionais. Segundo SNUC (2000), o Parque Nacional tem como objetivo básico a conservação de ecossistemas naturais de relevância e há haver moradias em Unidade de Conservação. Assim, Dra. Niède teve a ideia, pela observação de existir argila boa para trabalho com cerâmica, de trazer ceramistas para ensino da arte, conforme Antonio Ceramista (2015). Além disso, a comunidade encontra meios de conciliação da atividade turística e sobrevivência econômica com artesanato, serviços e gastronomia. Para facilitar visitas, o Restaurante Trilha da Capivara (Figura 65).

Figura 65 - Restaurante localizado no povoado



Fonte: SANTANA, E. 2015.

A territorialização do espaço implicou apropriação, delimitação e controle pelos sujeitos sociais. Como diz Egler (1995), é no espaço que ocorre a materialização das relações sociais e, na produção de territórios, as dinâmicas são conflitivas e, no parque, difícil retirada de famílias e acomodação. As relações sociais em território são amplas e diversas, e, como diz Egler (1995, p.125), o “território pressupõe a existência de relações de poder, sejam elas definidas por relações jurídicas, políticas ou econômicas”. O Parque passou pelo processo de conflitos e passou a ser regido pelas normas.

Diz Saquet (2007, p.24) que a complexidade do conceito território é que significa “natureza e sociedade; economia, política e cultura; ideia e matéria; identidades e representações; [...]; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade”.

Setores e empreendimentos turísticos, nos arredores dos locais de preservação, são fiscalizados para não haver invasão do território preservado. Desse modo, as gerações futuras poderão usufruir da herança do Parque e, apesar de atividade que gera empregos diretos, além de indiretos, não deve ser destruído pelo

consumo desenfreado. Assim, as atividades são controladas. Figura 66: loja de artesanato, em povoado, no entorno do Parque.

Figura 66 - Loja de artesanato no povoado



Fonte: SANTANA, E. 2015

A fábrica de cerâmica do Parque ocupa vasto espaço, com salas e salões, onde a produção se realiza pelo processo artesanal demorado até chegar aos fornos. As atividades propostas pela criação do parque integram as comunidades. A cerâmica é exportada a partes do Brasil e países, vista como atividade de financiamento da reprodução do artesanato, divulgadora da cultura de Capivara, e empregadora de trabalhadores da Serra da Capivara. Figura 67: espaços da Fábrica.

Figura 67 - Fábrica de cerâmica situada em Barreirinha



Fonte: SANTANA, E. 2015

As comunidades são beneficiadas, em especial, Barreirinha onde está localizada a fábrica de cerâmica, comunidade Sítio do Mocó e cidade de Coronel José Dias. A cerâmica gera 50 empregos diretos formais com carteira assinada. É vendida a estados, com São Paulo como o melhor mercado, e exportação aos Estados Unidos. Fabricam-se 8 a 10 mil peças por mês. Praticamente 70% são peças encomendadas pelas grandes empresas para revenda, por exemplo, empresa Toc-Stok. O processo é demorado, é que as peças passam de sala a sala, até a arte final. Figura 68: peças em cor do barro natural.

Figura 68 - Produtos de cerâmicas na cor natural



Fonte: SANTANA, E. 2015

O processo de fabricação da cerâmica é iniciado com extração de argila da região, de dois tipos, afirmam artesãos. Extraída a argila, é limpar, trazida à fábrica para ser trabalhada. Confeccionada em molde em toldo e placas, depois, as peças são queimadas duas vezes, a gás, não se usa madeira para queima das peças, a de Petrolina, e sistematicamente em caminhões-tanques. Figura 69: artesão a moldar a peça.

Figura 69 - Cerâmica moldada



Fonte: SANTANA, E. 2015

Informam artesãos que a primeira queima é de 8 horas em forno de mais ou menos 800 graus e a segunda varia de 12 a 18 horas, ao final em 1.240 graus. Em geral a peça leva mais ou menos 6 dias para fabricação, com queimas intercaladas. Esmaltes são à base de minérios naturais comprados em São Paulo, com componentes naturais. Não há componentes tóxicos e a esmaltação, na maioria, é por imersão. As peças recebem desenhos das pinturas rupestres do Parque (Figura70).

Figura 70 - Loja de cerâmica localizada dentro do Parque Serra da Capivara



Fonte: SANTANA, E. 2015

Misturadas as cores, na própria cerâmica, a peça passa pelas mãos de artesãos que reproduzem desenhos de pinturas rupestres da Serra da Capivara. Os desenhos são tirados de catálogo de imagens, utilizando técnicas em peças pontiagudas, depois de esmaltada para retirada do excesso de esmalte. Feita nova camada de pintura com óxido ou camada de tinta nova queimada para definição de características de cor, resistência e brilho. Figura 71: pintura de capivara desenhada a mão.

Figura 71 - Trabalho artístico com os símbolos da Serra na cerâmica



Fonte: SANTANA, E. 2015

Sala do Complexo de Oficina é loja de cerâmica, na própria oficina. A produção de cerâmica torna-se atração de turistas, em percurso de mostra de todas as etapas. Ceramista faz exposição da oficina de cerâmica num trabalho contínuo de criação que confere à cerâmica caráter inusitado, identificando-a como instituição intrinsecamente viva e com dinâmica que torna imprevisíveis os rumos de artesanato peculiar solicitado pelos mercados. O final do circuito é na loja de cerâmica onde são apresentados os produtos prontos para venda. Turistas compram direto na loja suvenires.

Figura 72 - Loja de cerâmica localizada na fábrica



Fonte: SANTANA, E. 2015

Atividade relevante da comunidade, ao redor do Parque, é o espaço de confecção de camisetas, com pinturas do Parque, vendidas a turistas. A oficina fabrica e vende para lojas da cidade, do Parque (Figura 73).

Figura 73 - Camisaria localizada na comunidade Barreirinha



Fonte: SANTANA, E. 2015

Na comunidade Barreirinha, no município Coronel José Dias, há albergue para hóspedes, fonte de renda de residentes no entorno. Albergue é um tipo de

acomodação que se caracteriza pelos preços baixos e pela socialização dos hóspedes, onde convidados partilham camas e beliches, com casa de banho partilhada, lavandaria e, por vezes, cozinha, alternativa de hospedagem simples, sem luxo e requinte, que atrai viajantes. Propaganda de albergue na Figura 74.

Figura 74 - Albergue em Barreirinhas



Fonte: SANTANA, E. 2015

Na Figura 75, veem-se unidades habitacionais do albergue que hospeda famílias, grupos de turistas ou pessoas individualmente. O Albergue Serra da Capivara oferece aos hóspedes estacionamento, ar condicionado, café da manhã e restaurante. Ao albergue da zona rural, para hospedagens, há fazer-se solicitação prévia. Tipos de acomodação podem ser visto na Figura 75.

Figura 75 - Unidades Habitacionais do Albergue Serra da Capivara



Fonte: SANTANA, E. 2015

O albergue conta com restaurante de venda de comida regional a hóspedes e visitantes do Parque da Serra da Capivara, próximo à oficina de cerâmica. Para uso do restaurante, é preciso agendamento prévio com guia condutor local. Figura 76: instalações do restaurante.

Figura 76 - Restaurante do Albergue Serra da Capivara



Fonte: SANTANA, E. 2015

5.2 TURISMO ARQUEOLÓGICO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA

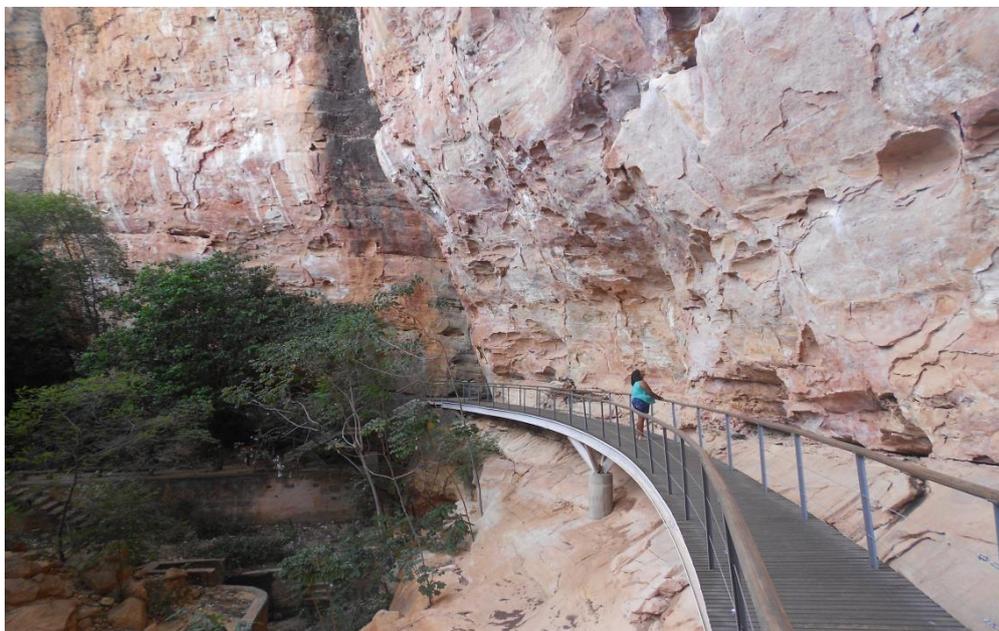
O Parque Nacional Serra da Capivara, além de unidade de conservação permanente do bioma caatinga, no Brasil, tem o privilégio de ser único do País que oferece estruturas ao segmento turismo arqueológico. Devido á grande quantidade de pinturas rupestres e vestígios pré-históricos variados, a área é local importante como fonte de pesquisa, sobre os primeiros povos do continente americano. A idealizadora do Parque Nacional da Serra da Capivara, em entrevistas, se refere ao turismo:

O Parque Nacional é patrimônio da humanidade declarado pela UNESCO e no mundo todo os patrimônios da humanidade recebem entre 5 a 6 milhões mínimos de turistas por ano. Quando eu vim para cá para fazer o projeto para proteção desse patrimônio que entrou no rol da UNESCO nós fizemos uma pesquisa e convidamos Enrique Iglesia que era presidente do Banco Interamericano, que veio ao parque e achou maravilhoso! Naquela ocasião ainda não tinha nenhuma infraestrutura isso foi em 1992. Então ele mandou dois técnicos do banco, ficaram aqui um mês conosco para estudar toda região e fizeram um relatório que mandamos para Brasília constatando que a agricultura e a criação não dariam nenhum resultado na região porque o solo é muito salgado, muito raso, têm muita pedra, mais que tinha um potencial turístico fantástico. Eles nos aconselharam a investir no turismo. Nós então contratamos uma firma suíça que veio também que ficou um mês e também fez o projeto do turismo. Como organizar o parque para o turismo seguro. Fizeram uma pesquisa de mercado e na que ocasião, era em 1993, eles então calcularam que o turismo no mínimo atrairia 5 milhões de turistas/ano. E o fato de sermos patrimônio da humanidade de termos 172 sítios arqueológicos preparados para visitação. Eu visitei o patrimônio da humanidade na Austrália que tinha quatro sítios para ser visitados e naquela ocasião em 1993, eles já recebiam 6 milhões de turistas/ano, com renda anual de 10 milhões de dólares. E em todos os países esses Patrimônios da Humanidade são protegidos pelo próprio governo são funcionários do governo que estão trabalhando ali. Aqui então a questão é diferente, então por isso que investimos no turismo por causa de todos estes estudos que foram feitos. (NIÈDE GUIDON, Julho de 2015).

Ela lamenta não contar com apoio para fazer do Parque espaço importante de turismo. Em estudo de competitividade, entre 2009 a 2011, pela Fundação Getúlio Vargas e SEBRAE, admitiu-se o potencial do Parque e definido o destino São Raimundo Nonato como indutor, devido à capacidade de atrair fluxos. De 65 destinos indutores do Plano de Regionalização do Brasil, 3 destinos estão no território piauiense, entre eles, São Raimundo Nonato. Dra. Niède Guidon é enfática ao dizer que não é São Raimundo Nonato que atrai: é a Serra da Capivara, que deveria ser destino, e São Raimundo Nonato é o núcleo que oferece cadeia produtiva, é que falta a São Raimundo infraestrutura necessária para destino,

patrimônio da humanidade. A beleza do Parque Nacional é imponente, como se vê em paredões de pontos preparados para visitação com passarelas protetoras (Figura 77).

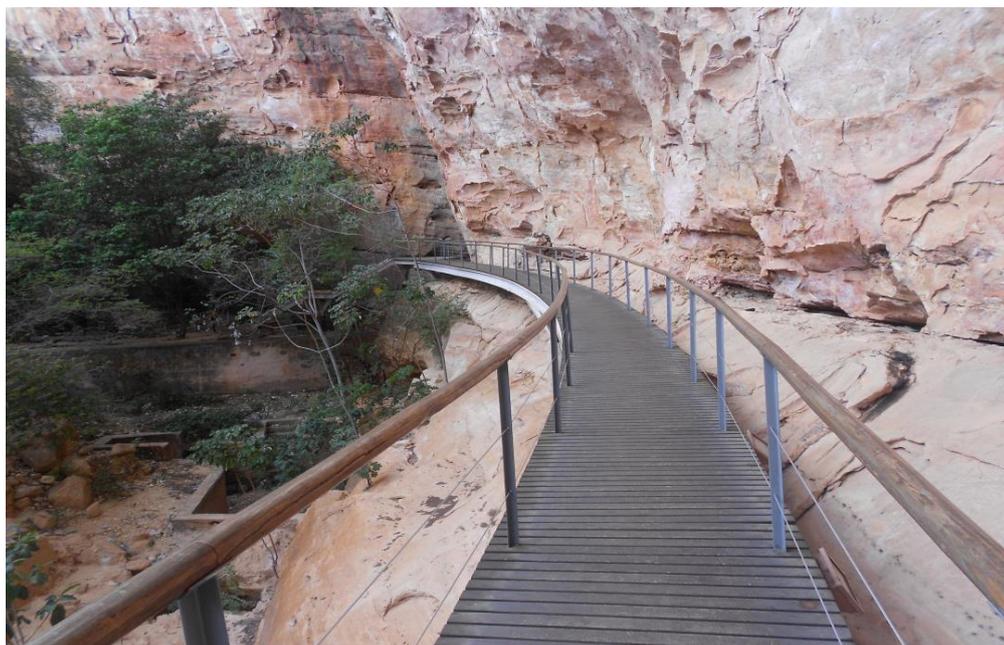
Figura 77 - Paredões de 70 metros de altura com pinturas rupestres



Fonte: SANTANA, E. 2015

Durante os últimos 30 mil anos, grupos étnicos da região evoluíram culturalmente, e pinturas rupestres constituem testemunho da transformação. A expressão gráfica em rochas é manifestação do sistema de comunicação social dos ancestrais. Trata-se de linguagem pré-histórica, antes da escrita formal, e não é possível decifrar todos os códigos. A visualização de escritas rupestres foi facilitada pela construção de passarelas (Figura 78). Há passarelas do tipo que facilita a visão e não permite aproximação de rochas para garantia da conservação.

Figura 78 - Passarela de metal para os turistas



Fonte: SANTANA, E. 2015

Predominam pinturas com presença de grafismos reconhecíveis (figuras humanas, animais, plantas e objetos) e de grafismos puros, os quais não podem ser identificados, como afirmam pesquisadores. As figuras estão frequentemente dispostas, de modo a representar ações cujo tema é, às vezes, reconhecível. Grafismos puros, que não representam elementos conhecidos do mundo sensível, são nitidamente minoritários. (BUCO, 2013).

Existem sítios nos quais, grafismos representando figuras humanas, são dominantes, raros os animais. Contrastam painéis com figuras estáticas: não há nem movimento nem dinamismo, afirma Buco (2013). Nas Figuras 79 e 80, na leitura das interpretações, cerimônia de dança e beijo.

Figura 79 - Pintura que retrata cerimônia de dança



Fonte: SANTANA, E. 2015

Figura 80 - Pintura rupestre conhecida como “o beijo”



Fonte: SANTANA, E. 2015

Abrigos distribuem-se em chapadas, baixões e boqueirões utilizados pelos grupos humanos da pré-história em que se registraram, com pinturas e gravuras rupestres, complexo sistema de comunicação gráfica e iconográfica, fatos, ideias, mitos representativos que revelam a cultura e costumes ao longo de milhares de anos (GADELHA, 2016). Os registros fornecem ferramentas para a reconstituição

da história de grupos humanos que antecederam colonizadores ibéricos, no Novo Mundo. Figura 81: símbolo da Serra da Capivara.

Figura 81 - Pintura rupestre de um cervo- a capivara Símbolo da Serra



Fonte: SANTANA, E. 2015

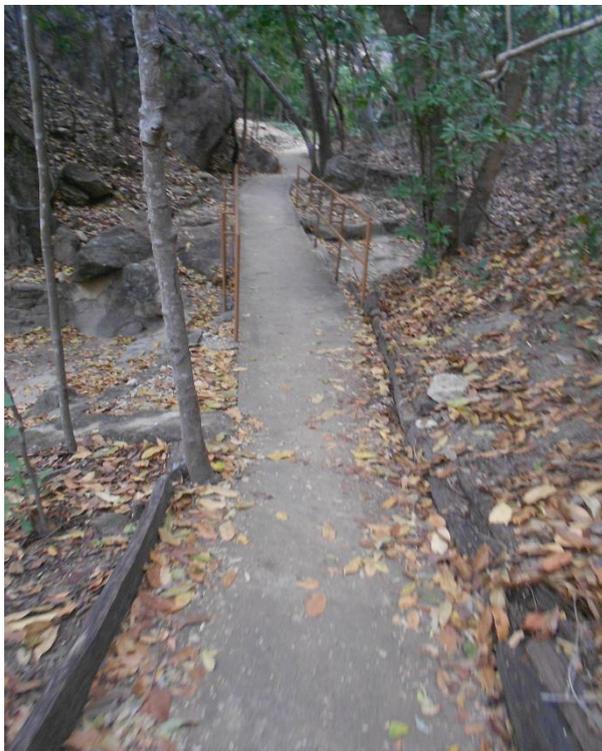
Os principais sítios com pinturas rupestres estão equipados com passarelas seguras a fim de receber turistas, sem perigo de danificação das pinturas, nem de visitantes. Existem 172 sítios arqueológicos preparados para visitação. São circuitos turísticos para todo o tipo de público, paisagens, monumentos geológicos, fauna e flora típicas da região.

O Parque Nacional Serra da Capivara oferece a turistas portadores de necessidades especiais dezessete pontos de visitação com estrutura de rampas especiais de acesso, que atendem ao padrão de acessibilidade exigido mundialmente. Os circuitos são acessíveis a portadores de necessidades especiais. A modalidade do projeto é inovadora, resultado de parceria entre FUNDHAM e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, de acordo com a nova política de acessibilidade exigida pelo Governo Federal para espaços públicos (BUCO, 2013).

Sítios preparados para visitação de portadores de necessidades especiais estão situados em três regiões do Parque: Baixão da Pedra Furada, Jurubeba e Baixão do Perna. Acessos podem ser feitos por meio de guaritas do Boqueirão da

Pedra Furada, da Jurubeba e da Serra Vermelha. Figuras 82 e 83: trilhas para pessoas com mobilidade reduzida.

Figura 82- Trilha para mobilidade reduzida



Fonte: SANTANA, E. 2015.

Figura 83 - Trilhas adaptadas



Fonte: SANTANA, E. 2015.

Os 1.223 sítios de pinturas e gravuras rupestres cadastrados e o fato de ser o único no País com patrimônio arqueológico voltado à preservação de bioma exclusivamente brasileiro, no Nordeste do Brasil, a Caatinga acentua significativamente a importância para o Brasil (GEOPARQUES, 201). O reconhecimento do Parque como patrimônio nacional, com inscrição no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, em 1993, reforça relevância cultural. Por questão de interesse nacional e mundial, a gestão do Parque teve a preocupação de colocar todas as informações aos visitantes nos idiomas português e inglês para atender a todos. Figura 84: exemplo de placas bilíngues informativas do Parque.

Figura 84 - Placa informativa bilíngue: português/inglês



Fonte: SANTANA, E. 2015

Conta com espaços para descanso, com objetos expostos para visitação: são espaços de apoio ao visitante (Figura 85).

Figura 85 - Estrutura de apoio localizada dentro do Parque Serra da Capivara



Fonte: SANTANA, E. 2015

Espaço usufruído pelo turista é o Centro de Apoio aos Visitantes, com sala de audiovisual e lanchonete. O Parque Nacional da Serra da Capivara possui excelente estrutura para estudos, pesquisas e visitação de turistas. No auditório, visitantes participam de palestras de educação ambiental, apresentação da fauna e

flora. O espaço também é utilizado para debates como os ocorridos no PARNA, sobre o PARNA. Figura 86: lanchonete que atende visitantes no centro de apoio no Parque Serra da Capivara.

Figura 86 - Lanchonete dentro do PARNA



Fonte: SANTANA, E. 2015.

No centro de apoio a visitantes, encontram-se além de lanchonete, toaletes e loja de lembrancinhas, conta-se com pequena exposição de fósseis de animais pré-históricos, encontrados no local. Vê-se mão de preguiça gigante *catonyx*, caninos de tigre dente de sabre e pedaços da carapaça de *panochtus* - espécie de tatu. Espaço de aprendizado e conhecimento, em pleno sertão semiárido nordestino. Figura 87: toaletes com desenhos rupestres para representação do gênero.

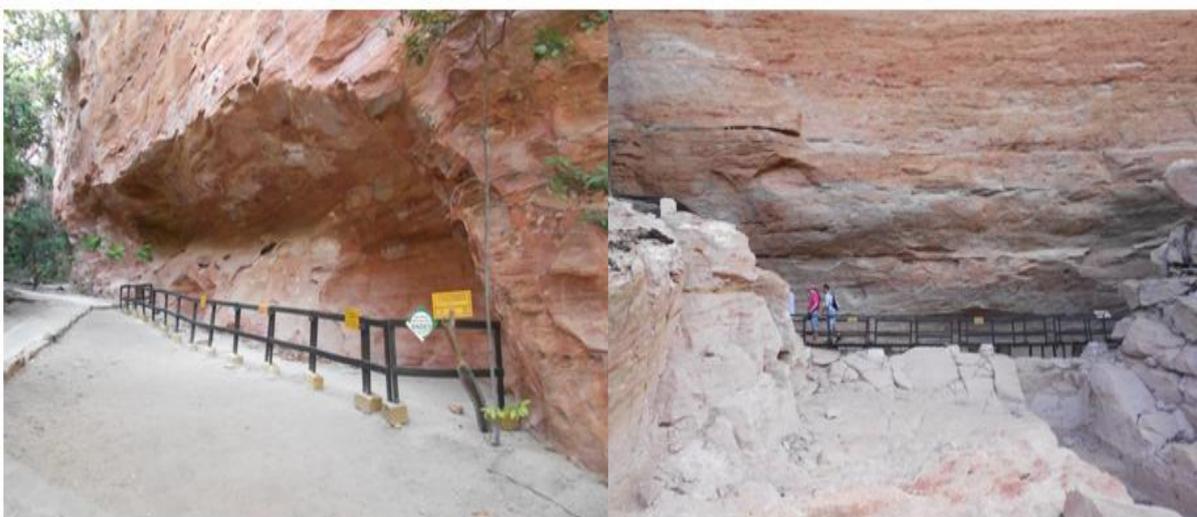
Figura 87 - Toaletes no Centro de Apoio no Parque



Fonte: SANTANA, E. 2015

Arqueologia define-se como ciência do estudo e investigação científica do passado humano, pelos vestígios materiais deixados pelos povos do planeta. O turismo arqueológico é atrativo, por revelar histórico de antepassados, tema enigmático que desperta interesse dos visitantes.

Figura 88 - Sítios Arqueológicos



Fonte: SANTANA, E. 2015

O Parque conta com infraestrutura especial, e as atividades são realizadas intermediadas pelas agências de turismo, promovidas fora do parque ou pelas empresas contratadas em momentos específicos. Afirma Niède Guidon (2015):

O que acontece é o seguinte: O Parque Nacional tem limitações postas pela legislação e o que nós fazemos? Nós organizamos trilhas, estradas de trilha para que os turistas possam ver locais que tenham monumentos geológicos extremamente interessantes e bonitos. Locais que tenham vegetação típica da mata atlântica floresta amazônica, de maneira que o turista possa ver tudo de uma maneira agradável. Natural, por que nos temos aqui uma concentração de sítios com pinturas rupestres que não existe em nenhum lugar no mundo. Nós temos 943 sítios descobertos com uma quantidade imensa de peças arqueológicas. Todo o meio ambiente é muito bonito. O parque tem tudo para atrair muita gente. Temos 172 sítios totalmente preparados para visita com passarelas que os turistas podem passar para os sítios, preparados para cadeirantes com acessibilidade, fizemos tudo o que é necessário para termos uma visita de turista muito grande. (Niède Guidon).

Tem-se que as visitas são poucas considerando as potencialidades do Parque. Há muito a ser visto. Afirma Trakalo⁹ (2015).

Não há estudo de capacidade de carga, mas vai precisar devido a previsão de crescimento da demanda. O parque é muito grande e com muitas entradas o que faz uma dissipação do fluxo e não uma concentração. Por isso, não se sabe a quantidade máxima de pessoas que entram no parque. O que existe é capacidade máxima de 45 pessoas com máximo de 45 minutos para o boqueirão da pedra furada a noite. Por causa da iluminação que prejudica a fauna. E a passarela não pode ter mais de 10 pessoas ao mesmo tempo. É o limite por questão de segurança.

Operadoras que trabalham com a Serra da Capivara têm negociação prejudicada pela falta de voos, há que facilitar venda de pacotes. Voo semanal de 30 lugares não é viável para o turismo. Com crescimento da demanda e período de tempo de 24 horas, inviabiliza-se o turismo. O aeroporto deve cobrir a região com 19 municípios, o que justifica a ampliação de voos.

A FUNDHAM está registrada na União Europeia para receber recursos, afirmam colaboradores da Instituição. As iniciativas são de médio prazo e, enquanto espera financiamentos, o Parque vai sobrevivendo de doações. A Petrobrás não renovou o contrato em 2016, e, com a crise da empresa financiadora, as perspectivas são obscuras. E não financiamentos do Ministério do Turismo para o destino indutor Serra da Capivara. Se o Parque perder recursos de manutenção, facilmente será destruído, pois não há como cuidar de espaço tão amplo. O ICMBIO também cuida, mas o número de fiscais é pequeno e não atende à demanda. Precisaria manter todos os funcionários inclusive os da FUNDHAM para pleno funcionamento. Afirma Trakalo (2015) que estão:

⁹ Uruguiaia coordenadora de projetos da FUNDHAM e proprietária de agência receptivo Trilhas da Capivara.

Todos no pré-aviso se conseguirmos esticar por mais tempo será muito bom. São as doações estão ajudando bastante. Mas é uma tortura todo mês para saber como vamos pagar os funcionários no mês seguinte.

As comunidades do entorno são pobres e não têm visão empreendedora. Há ser elaborado Plano de Desenvolvimento de São Raimundo considerando necessidades dos residentes, infraestrutura urbana necessária a residentes, turistas e capacitação da força de trabalho.

Há ideias de experiência com turista, como escavações em simulação com turistas. Projeto inovador é o Museu da Natureza: ideias da Dra. Niède Guidon, que segundo o Museu do Homem Americano tem prioridade. A ideia é mostrar os movimentos tectônicos para entendimento de como se formou a região e paisagem. Passando pelas épocas geológicas, animais da megafauna e mudança climática chegam até a caatinga. Em contato com o BNDES, foi aprovado o projeto com modificações, posto nos parâmetros solicitados. Com a crise financeira do País, não há sinais de que o financiamento saia.

Quando isso se concretizar, será mais um atrativo em localização estratégica, no mais alto da Serra para contemplação da paisagem, afirma Buco (2015). O museu será mix de arcaico e moderno, em meio à arte pré-histórica do sertão do Piauí.

Reconhecimento e valorização da Serra da Capivara precisam se concretizar. O problema não está na promoção da serra, pois é bem conhecida e divulgada. Há preocupação em promovê-la, pois não há condições estruturais para receber a demanda que iria comprometer a oferta em pouco tempo. Não há infraestrutura, o que é negativo para o destino, sem preparo para receber maior demanda, afirma Trakalo (2015).

Achados arqueológicos e paleontológicos são estudados pela arqueologia, ciência que pesquisa sociedades antigas por meio de vestígios deixados pelos antepassados. O Parque Nacional Serra da Capivara “tem 16 sítios, patrimônios mundiais, exclusivos de arte rupestre, e únicos até hoje no Brasil” (GUIDON, 2007, p.75-76), inscrito na lista de Patrimônios da Humanidade pela UNESCO. O que coloca a Serra da Capivara em nível de importância para a história de forma significativa, devendo ser conservado pelos recursos naturais e pelo patrimônio cultural.

A caatinga abriga número considerável de animais e vegetais endêmicos, ou seja, animais encontrados somente nesse ecossistema. O motivo pelo qual o Parque é tão importante é o fato de abrigar populações de maioria de endemismos da caatinga e, por extensão, possibilitar que as populações tenham número suficiente para garantia da preservação das espécies. A região abriga rica biodiversidade, cenário de lutas contra o tráfico de caça comercial de animais silvestres, prática que dizimou, por exemplo, espécie antes comum no parque, o tatu-canastra. Figura 89: anfiteatro.

Figura 89 - Anfiteatro do Parque Nacional Serra da Capivara



Fonte: SANTANA, E. 2015

Rota de entrada mais procurada é a do Boqueirão da Pedra Furada, que se faz pela guarita a 7 km da Rodovia BR-020, passando pelo povoado do Sítio de Mocó, seguindo para a cidade de Coronel José Dias. A guarita está acerca de 2 km do povoado, preparada para atendimento às pessoas. Nesse circuito, está o Centro de Visitantes, equipado com lanchonete, auditório com vídeo, exposições temporárias, loja de suvenires, sanitário público. Existem também locais especiais para piqueniques (Figura 90).

Figura 90 - Espaço para picnic



Fonte: SANTANA, E. 2015

O sítio Boqueirão da Pedra Furada é a única área que pode ser visitada à noite, mediante reserva prévia e pagamento de taxa. No Baixão da Pedra Furada estão cinco sítios para pessoas com necessidades especiais, e algumas pinturas rupestres mais conhecidas como a do cervo e do “beijo”. A Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada é de substancial importância, por fornecer a mais antiga datação da presença do homem nas Américas. Nesse espaço, Pedra Furada (Figura 91).

Figura 91 - Pedra Furada - Serra da Capivara



Fonte: SANTANA, E. 2015

Na Serra da Capivara em meio à fauna, encontram-se engenhosos macacos estudados pelos pesquisadores da Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Os macacos vivem na serra e usam pedras como ferramenta com frequência, despertando a curiosidade de cientistas. Grupos de macacos, apesar de viverem em liberdade, contam com poderoso estímulo ao uso de ferramentas. Segundo pesquisadores, a escassez de alimento, na caatinga, na maior parte da Serra da Capivara, é responsável pela criatividade dos animais, afirmam pesquisadores do Parque.

Em condições adversas de longas estações secas e de escassez de alimento, os macacos usam ferramentas – para obtenção de alimentos permitindo o alcance de raízes, sementes e pequenos animais antes inacessíveis, além de tornarem mais rápido o processamento dos alimentos (MOURA, 2009). Os macacos são animais em estudo na região pelas universidades, inclusive brasileiras e tem sido tema de publicação de artigos pelos pesquisadores. Figura 92: macaco no Parque.

Figura 92 - Macacos que são estudados por pesquisadores



Fonte: SANTANA, E. 2015

Os pesquisadores preocupam-se com a proteção do Parque. A FUMDHAM define, no Plano de Manejo, políticas de inclusão social e ações de proteção ambiental com projetos de desenvolvimento do turismo sustentável que contemplam a educação de comunidades e sua participação no mercado de trabalho, além de obras de infraestrutura para o turismo. Proteção e exposição de peças e divulgação de resultados das pesquisas é item do compromisso e da ação do Plano de Manejo. O Parque Nacional da Serra da Capivara tem finalidade de proteger por instrumentos jurídicos a área, uma das maiores concentrações de sítios pré-históricos do País (GEOPARQUES, 2010). A educação ambiental, além de trabalhada pelos guias condutores, pode ser vista em placas de ensino dos tipos de vegetação, ensino e proteção do meio ambiente. As placas de sinalização de lixeiras também são elaboradas de forma lúdica e didática (Figura 93).

Figura 93 - Placa de sinalização dentro Parque



Fonte: SANTANA, E. 2015

Em geral o Parque Nacional Serra da Capivara conta com infraestrutura que atende razoavelmente, podendo ser ampliada e melhorada. Dispõe de:

- Onze entradas de serviço com guardas permanentes (o número de guaritas diminuiu pela falta de verba). Atualmente 04 guaritas funcionam com mulheres para incentivo à valorização da mão de obra, funcionárias pertencentes à comunidade;
- Reserva de água pluvial, com capacidade estimada de 12 milhões de litros;
- Oficina artesanal de cerâmica;
- Palco de evento ao ar livre na Pedra Furada;
- Centro de visitantes com exposição, loja de suvenires, auditório, toaletes e lanchonete;
- 172 sítios arqueológicos preparados para visitação com infraestrutura de acesso, passarelas e corrimão;
- 300 km de trilhas carroçáveis;
- Mirantes de contemplação do Parque;
- Mais de 100 km de trilhas para pedestres, com setas indicativas ao longo dos 14 circuitos turísticos;
- Guias condutores de turistas autorizados pela FUMDHAM e ICMBIO para atuação no Parque;

Além de espaços da cidade de São Raimundo Nonato que dependem do patrimônio, contam-se:

- Centro Cultural Sérgio Motta com intensa atividade técnico-científica e artística, recebendo estudantes de pós-graduação do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos.
- E o Museu do Homem Americano, mais completo e moderno da América do Sul, na categoria de turismo arqueológico.

Na Figura 94 pode ser visto uma das entradas do Parque com guarita para controle dos visitantes.

Figura 94 - Guarita em uma das entradas do Parque Nacional Serra da Capivara



Fonte: SANTANA, E. 2015

Estruturas e sua manutenção necessitam de recursos e esperam pelo ICMBIO. “Reconhecemos que apenas o trabalho do ICMBIO não é suficiente para manter o Parque Serra da Capivara, se não fosse a parceria com a FUMDHAM certamente não conseguiríamos sozinhos”, afirma técnica do ICMBIO (2015). Sem renovação dos contratos, o Parque passará por dificuldades, comprometendo o turismo arqueológico. Se é ruim o fechamento, pior ficar aberto sem cuidados, o que tem levado Niède a pensar seriamente em retornar à França. Não vejo mais motivos para lutar, já que não há valorização. “Irei cuidar da minha saúde e viver por lá” (NIÈDE GUIDON, 2016). Figura 95: recepção do Parque.

Figura 95 - Recepção do Parque Nacional Serra da Capivara



Fonte: SANTANA, E. 2015

A notabilidade do Parque Nacional Serra da Capivara deve-se à diversidade de paisagens resultantes de fatores significativos: geológicos, ambientais, culturais, ecológicos. É inegável a importância dos atrativos para o turismo da região, todos do núcleo receptor, São Raimundo. Embora esquecida pelas agências receptoras, a cidade precisa da atenção do poder público e de empreendimentos. Falta estrutura de apoio ao turismo. A magnitude do atrativo PARNA – Serra da Capivara exige que São Raimundo Nonato receba a infraestrutura necessária.

A cidade de São Raimundo Nonato enfrenta desafios para oferecer turismo de forma correta. Estudos da FVG e PLANAP podem ter melhor aproveitamento por parte da SETUR-PI. Não há articulação de São Raimundo Nonato com Secretaria de Turismo. O PLANAP levantou informações das comunidades para traçar diagnóstico que contribuiria para melhoria do turismo, não efetivado. Não se consegue planejamento de ações pertinentes, elas são pontuais, e beneficiam alguns municípios, não existem critérios de ordenação de plano geral (SETUR, 2016). Entende-se que no momento em que a SETUR desenvolver políticas públicas, haverá fortalecimento do turismo no Estado.

CONCLUSÃO

A conclusão é de que o turismo é atividade que tem ajudado muitos lugares a se desenvolver, e pode fazê-lo também ao Estado. O turismo é atividade produtiva moderna, embora vista como atividade impactante e invasora de espaços que prima pela acumulação de capital, responde de forma contraditória e tem sido utilizada como estratégia de sustentabilidade cultural, social, servindo na dinamização da economia.

O planejamento focado no turismo tornará o Piauí competitivo e dinâmica a economia, estudando-se forças e fraquezas dos destinos, na criação de formas de incentivos e deslocamentos de fluxos turísticos, como Teresina que, apesar de não litorânea, tem encantos e diferenciais que precisam ser bem mais aproveitados. A “cidade verde” oferece diversas possibilidades ao planejamento, o que implica implementar a infraestrutura, e espaços para o entretenimento turístico com atenção na responsabilidade socioambiental. É um desafio frente às capitais do litoral, com turismo de “sol e praia”, o que é possível. Assim como outros destinos do Estado.

O Piauí, em grande parte do território, é possuidor de lugares exóticos, culturais e especiais, atrativos ao turismo como Serra da Capivara, que é especial, aonde vão arqueólogos, pelas pesquisas e turistas pela curiosidade. Predominam os geógrafos, historiadores, antropólogos e estudantes universitários. O Parque Nacional Serra da Capivara é um santuário cultural da pré-história, concentra maior número de sítios com pinturas rupestres do mundo, área preservação das pesquisas da Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM.

Pinturas registradas em arenitos e conglomerados paleozoicos da Bacia do Parnaíba são objetos de beleza cênica excepcional e rara. A grande quantidade de sítios arqueológicos e paleontológicos, hoje preservados, deixa o estado em situação favorável a uma riqueza singular. O sudeste do Piauí conta com centenas de sítios arqueológicos em dois parques nacionais: o da Serra da Capivara, inscrito pela UNESCO na lista do Patrimônio Mundial, e Serra das Confusões. É uma região de contrastes, na qual a riqueza arqueológica convive com formas de pobreza dos moradores. Não obstante contradições, o patrimônio geológico representado por 172 sítios é subutilizado por falta de compromisso dos governos brasileiro e piauiense, além da falta de recursos. O Piauí tem, no Patrimônio Serra da Capivara, importante

aliado, na minimização dos problemas advindos de condições de vida precárias da população.

Esta dissertação não exaure questionamentos e reflexões sobre a realidade, mas consiste em importante passo para compreensão da realidade da complexidade do destino São Raimundo Nonato, mesmo com seu atrativo valioso, Serra da Capivara. Afirma-se incipiente a cooperação entre setores da atividade turística, dificultando sobremaneira o crescimento do turismo arqueológico na região.

Quanto aos motivos que fizeram São Raimundo Nonato tornar-se destino indutor, a pesquisa conclui que, apesar da localização geográfica e de possibilidade do turismo arqueológico em transformar São Raimundo Nonato em núcleo indutor, há dificuldades pela falta de visão e gestão de políticas públicas. Não ocorreu o que foi apresentado no estudo de competitividade do Ministério do Turismo.

Turistas que vão à cidade não visitam atrativos da área urbana, pois o principal visitado é o Parque Nacional Serra da Capivara. Entretanto a cidade tem potenciais a serem explorados. O governo municipal precisa cuidar da mobilidade, do planejamento turístico para que a cidade, com melhoramento urbano, seja valorizada. Contudo, para se transformar, há fazer-se investimento na infraestrutura, equipamentos, planejamento, educação patrimonial para preservação dos atrativos. Há melhorar serviços e gerenciamento dos recursos culturais.

Os condutores do Parque não são categorizados como guias de turismo, por não terem certificação em curso de guia nem carteira da EMBRATUR. Foram capacitados pela FUMDHAM. O Parque encontra-se em situação delicada por falta de verba para manutenção, ameaçado de fechar, o que é preocupante e vai no sentido contrário ao processo de reconhecimento da Serra da Capivara como patrimônio da humanidade.

O Estado atua de forma indireta, em relação ao fomento e incentivo ao turismo, não havendo plano de ações para a região. O município precisa urgentemente criar Órgão Oficial de Turismo, mesmo vinculado a outro, a coordenação do turismo municipal, constituir o Conselho Municipal de Turismo, criar Instância de Governança. Faz-se necessário o Plano Estadual do Turismo e políticas públicas para a região. O fortalecimento institucional precisa, por meio de políticas, corroborar não só o turismo no estado, sobretudo o de São Raimundo Nonato. O trabalho incansável do ICMBIO e da FUMDHAM representada por Niéde Guidon na

transformação da realidade da Serra da Capivara e da região, não é suficiente sem parceria do poder público e implementação de infraestrutura de apoio ao turismo.

A singularidade do Parque, sítios arqueológicos, inter-relação social, valorização da cultura local, racionalidade dos recursos naturais, criatividade e exploração de raridades poderiam ser melhor aproveitados. Tendo em vista que o Nordeste tem forte apelo ao turismo, o Piauí precisa explorar e valorizar seus atrativos para se tornar Estado em destaque.

Esta pesquisa abre espaço a futuras pesquisas ou trabalhos que explorem o tema, pois, embora haja outros, há carência de textos científicos sobre o turismo arqueológico do Piauí. A situação do País em crise econômica atinge todas as esferas, mas não pode limitar a manutenção do Parque da Capivara que dá retorno. Em exemplos de gerenciamento eficiente de parques internacionais, o modelo brasileiro pode se inspirar e alavancar a conservação ambiental, desenvolvimento socioeconômico, pela atividade turística. O turismo pode ser instrumento de arrecadação de recursos, porém requer planejamento de infraestrutura, investimentos em recursos prioritários, programa de capacitação profissional, e incentivos promocionais. Assim, as análises do Parque Nacional Serra da Capivara, atrativo turístico do Piauí, tornam-se importantes para a sociedade e mercado do turismo nacional e internacional.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. V. de. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- ARANHA, Raphael de Carvalho; GUERRA, Antonio José. **Geografia aplicada ao turismo** (orgs). São Paulo: Oficina de Textos, 2014.
- BAHL, M. **Agrupamentos turísticos municipais**. Curitiba: Prottexto, 2004.
- _____; NITSCHKE, Letícia B. Roteiros e itinerários turísticos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do turismo. In: RAMOS, Silvana P. **Planejamento de roteiros turísticos**. Porto Alegre: Asterisco, 2012. 37-54.
- BARNEY, J.B. Firm Resources and Sustained Competitive Advantage. **Journal of Management**, v. 17, p. 99-120, 1991.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**, 13. ed. rev. e atual, Campinas: São Paulo, Papirus, 2003.
- BASTOS, R.L. **Patrimônio, Arqueologia, Preservação e Representações Sociais: uma proposta para o país através da análise da situação do litoral sul de Santa Catarina**. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2002.
- BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.
- _____. **Turismo Sustentável**. ECA/USP 2012. Disponível em: <https://mcbeni.wordpress.com/2012/06/27/turismo-sustentavel/> Acesso: 10 jan. 2015.
- BERTRAND, G. Paysageetgéographiephysiqueglobale: esquisse méthodologique. **RevuegéographiquedesPyrénées et sud-ouest**,v. 39, fasc. 3, p. 249-272, 3 fig., 2 pol. Phot.h.t. 1968.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo**. Brasília, 2003.
- _____. _____. **Marcos conceituais do turismo**. . Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf. Acesso em: 10 de janeiro de 2005.
- _____. _____. **Plano Nacional de Turismo**. Brasília, 2007.
- _____. _____. **Estado de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional - Relatório Brasil / Luiz Gustavo Medeiros Barbosa (Organizador)**. — 2ª ed. revisada— Brasília: Ministério do Turismo, 2008.
- _____. _____. **Plano Nacional de Turismo**. Brasília, 2013.
- _____. Sistema Nacional de Informações Florestais. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. Unidades de Conservação. Disponível em: <http://www.florestal.gov.br/snif/recursos-florestais/sistema-nacional-de-unidades-de-conservacao>>. Acesso: 10 jan. 2015.

BRAZ, Márcio. **Inserção desvantajosa, atraso e subordinação das políticas de desenvolvimento na economia piauiense**. Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Piauí - v.1, n.12, a.7 (maio 2007) - Teresina: UFPI, 2007. Disponível em:

<http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/economia/arquivos/files/texto_12.pdf>. Acesso em: 28 set. 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O consumo do espaço. In: _____. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTRO, I. E.; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CAVALCANTI, Lucas Costa de Souza. **Cartografia de paisagens: fundamentos** - São Paulo Oficina de Textos, 2014.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CORIOLOANO, Luiza Neide M. T. Turismo: Migrações Temporárias e Fixação no Território. In: Ivani F. Faria. (Org.). **Turismo: Lazer e Políticas de Desenvolvimento Local**. 1ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001, v. 1, p. 37-57.

_____. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2002. (Coleção Turismo). ISBN 85-308-0536-4.

_____; SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello. **Turismo e Geografia Abordagens Críticas**. Fortaleza. Uece, 2005.

_____; VASCONCELOS, Fábio Perdigão (orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: EdUECE, 2012.

_____. **O Turismo e a Relação Sociedade-Natureza** – realidades, conflitos e resistências. 2ª Ed. Fortaleza: EdUECE, 2014.

COSTA. Patrícia Cortês. **Unidades de Conservação –Matéria- Prima do Ecoturismo**. São Paulo, Aleph, 2002.

COUTINHO, L. FERRAZ, J.C. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. São Paulo: Papirus, 1994.

CRUZ. Rita de Cássia Arizada. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

_____. **Política de turismo e território**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001

DEGEN, P. J. ; MELLO, A. A. A. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

DEL RIO, V. () - Cidade da Mente, Cidade Real: Percepção e Revitalização da Área Portuária do RJ. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (org.), **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**, pp.3-22, São Carlos, SP: Ed Studio Nobel, 1999.

DENARDO, Antonio Sérgio. **Piauí**. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/geografia-do-brasil/estados-brasileiros/Piauí>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente**. Atlas 2003.

DIEGUES, A. C. O. **Mito da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Lisboa: Ed. Presença, 1997.

_____. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1999.

EGLER, Claudio A. G. Questão Regional e gestão do território no Brasil. IN: Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

FAGGIONATO, S. **Percepção Ambiental**. Site Programa Educar – USP, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html>. Acesso em: 12 jan. 2016.

FUNARI, P.P. **Arqueologia**. São Paulo, Contexto, 2003.

FUNDHAM. Fundação do Homem Americano. **Sítios arqueológicos**. Disponível em: <http://www.FUNDHAM.org.br/sitiosarq.asp>. Acesso: 10 jan. 2015.

GALLOPIN, Gilberto. “Ecologia y Ambiente”. In LEFF, Enrique (Org.), **Los Problemas del Conocimiento y la Perspectiva Ambiental del Desarrollo**, Mexico: Siglo XXI, 1986. (p. 126-172).

GASPAR, Madu. A arte rupestre no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GUERRA. Antonio José. COELHO. Maria Célia Nunes. (organizadores). **Unidades de Conservação – Abordagens e características geográficas**. 2ªed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2012.

GUIDON, Niéde. O Parque Nacional Serra da Capivara: modelo de preservação do patrimônio arqueológico ameaçado. In: LIMA, Tânia A. (org.) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 33, p. 75-93, 2007.

HORTA, Sylvio Roque de G. Uma nova forma de pensar e agir. In: **Educação e Cultura**. DLO – FFLCH/USP, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Dados do Estado do Piauí. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pi> Acesso: 10 de Maio de 2015.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

JARA, Débora de Fátima Einhardt. **Paisagem sonora e memórias ambientais: pontos de escuta da etnobiografia de InahMartensen**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LASKOSKI, Gustavo, T. **Ecoturismo**. Curitiba: UTFPR, 2006

LEAL, Claudia F. Baeta Leal (org.). **As missões da Unesco no Brasil**: Michel Parent. Rio de Janeiro: IPHAN; Copedoc, 2008.

LEROY, J. P.; PACHECO, T. Democracia. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, 2005. p.129-140.

LOBATO, L ; SILVA, V. ; BICUDO, V. R. . **Desafios Gerenciais para a Integração Social: o caso do Programa Favela-Bairro**, 2003.

LOZATO-GIOTART, Jean-Pierre. **Géographiedutourisme: de l'espaceregardé à l'espaceconsommé**. Verlag: Paris, Masson, 1985.

MANZATO, F. **Turismo Arqueológico: Diagnóstico em Sítios Pré-Históricos e Históricos no Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

_____. **Turismo arqueológico: Diagnóstico e análise do produto arqueoturístico**. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/5107/PS080107.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

MARTINS, Clerton. Patrimônio Cultural e Identidade: Significado e Sentido do Lugar Turístico. In: MARTINS, Clerton (Org). **Patrimônio Cultural: Da Memória ao Sentido do Lugar**. São Paulo: Roca, 2006. p. 39-50.

MENDONÇA, Rita. Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição? In: LEMOS, Amália Ines G. de (Organizadora). **Turismo – Impactos Socioambientais**. Editora Hucitec, 2a. Edição. São Paulo, 1999.

MIDDLETON, V.T.C. **Marketing for TravelandTourism**. London: ButterworthHeinemann, 1994. 487 p.

MOLINA, S. **Turismo: metodologia e planejamento**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

MORAIS, J..L. 2003. A Arqueologia e o Turismo. In: FUNARI, P.P., PINSKY, J. (orgs). **Turismo e Patrimônio Cultural**, 3º Edição. São Paulo, Contexto.

MORLEY, Edna June. Como preservar os sítios arqueológicos brasileiros. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1988. 434p.

OLIVEIRA, Antonio Pereira. **Turismo e desenvolvimento**: planejamento e organização. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **Catingueiros da Borracha**: Vida de Maniçobeiro no Sudeste do Piauí 1900-1960 – São Raimundo Nonato. Ed: FUNDHAM / PETROBRAS, 2014.

OLIVEIRA, C.F. Ecoturismo como prática para o desenvolvimento socioambiental. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.4, n.2, p.184-195, 2011.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção do meio ambiente e geografia. **OLAN, Ciência e Tecnologia**, v.1, nov. 2001.

OMT – Organização Mundial do Turismo. *Introducción al turismo*. Madrid. España, 1998.

PARDI, M.L.F. **Gestão de Patrimônio Arqueológico**: documentação e política de preservação, dissertação, IGPA/UCG, Goiânia, 2002.

PIAUI. Governo do Estado. **Conhecendo o Piauí**. Disponível em: <http://www.piaui.pi.gov.br/piaui.php?id=1> Acesso em 13 jan. 2015.

PRINCE. Nicholas P. Stanley. Patrimônio natural e arqueológico: ética da intervenção para a conservação do patrimônio arqueológico e natural. In: **Seminário Internacional sobre ética da intervenção para conservação de bens naturais e Culturais**, 1996, Belo Horizonte, MG. Anais do Seminário Internacional sobre ética da intervenção para conservação de bens naturais e Culturais, 1996, p 160-180.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Archaeology**: theories, methods and practice. 4ed. London: Thames & Hudson, 2004.

RIES, G. **Arqueologia**: um potencial para o ecoturismo no Brasil: Serra da Capivara um exemplo a ser seguido. Dissertação, Pós-Graduação em Ecoturismo, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, São Paulo, 2003.

ROCCO, Rogério. **Legislação Brasileira do Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RODRIGUES, A.B. **Le tourisme et les problèmes de protection de l'environnement sur le littoral de l'Etat de São Paulo**. Les Cahiers d'Outre-Mer, n.164, v.41. Lion. 1985.

_____. Geografia e turismo: notas introdutórias. **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo: DG/FFLCH/USP, n.6, 1992. pp.71-82.

_____. (Org.). **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Ecoturismo – limites do eco e da ética**. In: _____. (Org.). **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUEZ, J. M.; SILVA, E. V.; CAVALCANTI, A. P. B. **Geoecologia de Paisagens**: uma visão geossistêmica da análise ambiental. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

RODRIGUEZ, José Mateo; et al. **Geoecologia das paisagens**: uma visão geossistêmica da análise ambiental. 3. Ed. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

ROSS, Jurandy. **Ecogeografia do Brasil**: subsídios para planejamento ambiental. São Paulo; oficina de Texto, 2006.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável**: A proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 1997.

SANSOLO, Davis Gruber; Cruz, Rita de Cássia Arizada. Plano Nacional do Turismo: uma análise crítica. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 3, Rio de Janeiro, núm. 4, 2003, pp. 1-6.

SANTOS, J F. Arqueoturismo no semiárido Sergipano: o desafio da conservação de um patrimônio milenar. **Caderno Virtual de Turismo**. 2007, Vol. 7, nº 2. 20 pp.

SANTOS. Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. Ed. São Paulo: Hucitec. 1994.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. **Turismo e Arqueologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SETUR. **Secretaria de Estado de Turismo**. Piauí, 2016. p.177.

SONEIRO, J.C. **Aproximación a la geografía Del turismo**. Madrid: Síntesis, coleção Espacios y Sociedades, Série Geral, n.21, 1991.

SOTCHAVA, V. B. **The study of the geosystems**. Reports of the Institute of Geography of Sibéria and the Far East– Special Issue for the XXIII International Geographical Congress; 51: 3-40. Irkutsk, 1977.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia** - Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. A questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In: CASTRO, I. E. ; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. **Redescobrimo o Brasil**: 500 anos depois. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2010. p. 347-359.

TRESSERAS, Jordi Juan. El arqueoturismo o turismo arqueológico: un paso más para la valorización del patrimonio arqueológico. **Boletín GC: Gestión Cultural** Nº 9: Turismo Arqueológico, octubre de 2004.

_____. **Turismo arqueológico no Parque Nacional Serra da Capivara Piauí, Brasil: estudos da demanda nacional e internacional.** Brasília: IABS/Ibertur/Aecid/MTur, 2009.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.** 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1996

VELOSO, T.P.G; CAVALCANTI, J.E.A. O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico. **Revista de Arqueologia**, 20: 155-168, 2007.

YAZIGI, E. (Org.). **A importância da paisagem.** Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

WERNERFELT, B. A Resource-based View of the Firm. **Strategic Management Journal**, Vol. 5, Nº 2, pp. 171-180, 1984.

WIDMER, Glória Maria. Turismo Arqueológico. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília G. dos Reis (Eds.). **Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas.** Barueri, SP: Manole, 2009. p.67-88.